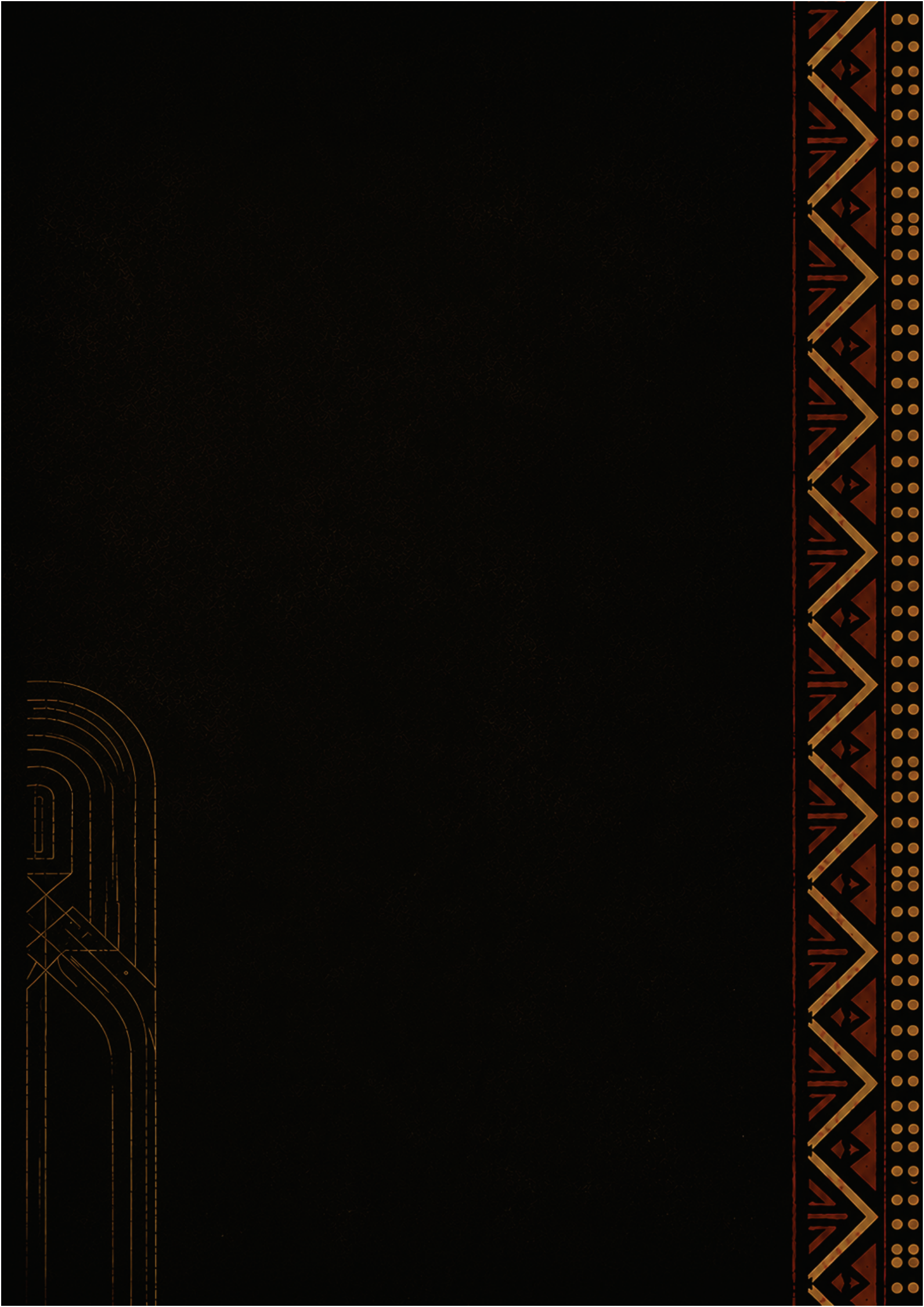




Dossiê de Registro dos

TERREIROS DE VARGINHA

Lugares de fé,
identidade e ancestralidade





Paizão com yawos, anos 1980

Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade

Ano 2025 – Exercício 2027

Prefeitura Municipal de Varginha -MG

Sumário

1. Introdução.....	4
2. Identificação do Bem Cultural	8
2.1 Origem da solicitação do Registro e Motivações	17
2.2 Metodologias de pesquisa utilizada	18
2.3 Elementos Culturalmente relevantes para a identificação do bem cultural.....	19
2.4 Histórico, Origens Documentadas ou Atribuídas.....	23
3. Relação e descrição dos Terreiros existentes em Varginha em 2025.....	33
3.1 Associação Centro Espírita Casa da Luz e Casa Caboclo Guaraci	33
3.2 Casa Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro	37
3.3 Casa de Umbanda Ogum Sete Espadas	42
3.4 Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda	47
3.5 Centro Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo	51
3.6 Centro Espírita São Francisco de Assis (Casa do Pai Kiko)	56
3.7 Egbé Omo Odé Odara - Casa do Pai Bruno.....	60
3.8 Ilê Asé Ewê Omí Agué - Casa de Ossayn.....	67
3.9 Ilê Asé Odé Dòlá.....	71
3.10 Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã (Casa do Segredo do Príncipe Caçador Guerreiro das águas) – Abassá de Logum Edé.....	75
3.11 Ilê Axé Oya Izo Ina - Doné Cida de Oya	81
3.12 Ilê Axé Oni Omi - Rancho da Menina	87
3.13 Templo de Umbanda Águas de Oxalá.....	91
3.14 Templo Espírita Caboclo Urubatã	93
3.15 Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas	98
3.16 Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Yansã e Pai José das Almas (TUTOIP).....	103
3.17 Tenda de Caridade Cabocla Jandira e Cabocla Arranca Toco.....	111
3.18 Tenda Espírita Luz de Ogum	114
3.19 Terreiro de Umbanda Caboclo Tupinambá.....	118
3.20 Templo de Umbanda Estrela Guia	120
3.21 Tenda Espírita Caboclo Sete Flechas.....	123
3.22 Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas.....	127
3.23 Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda	133
3.24 Tenda Rainha Cigana	136
4. Descrição dos signos e significados da expressão cultural.....	140
4.1 Crenças associadas	140

4.2	Relações com a natureza e as folhas.....	145
4.3	Pontos Cantados, Cantigas e Corporeidade.....	145
4.4	Organização.....	147
4.5	Cozinha, Alimento e o Sacrifício de animais.....	149
4.6	Elementos Simbólicos relacionados.....	152
4.7	Elementos de um ritual de iniciação.....	153
5.	Documentação Fotográfica.....	156
6.	Cartografia.....	167
7.	Anuências.....	168
8.	Plano de Salvaguarda.....	179
9.	Referências bibliográficas e entrevistas.....	188
10.	Entrevistas para o Inventário.....	190
ATOS ADMINISTRATIVOS.....		194
11.	Ata: cópia da ata de reunião do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural.....	194
12.	Parecer do CODEPAC.....	198
13.	Homologação do registro.....	201
14.	Publicidade do Registro.....	203
15.	Inscrição no Livro de Registro.....	206
16.	Ficha Técnica do Dossiê de Registro Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade.....	214

1. Introdução

A Fundação Cultural de Varginha, órgão da Prefeitura Municipal de Varginha, e o Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – CODEPAC apresentam ao IEPHA, a documentação referente ao Quadro IIC - Dossiê de Registro de Bem Imaterial na esfera municipal do ano de 2025 exercício 2027. Varginha, por meio deste trabalho de Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”, com inscrição nos livros de Registro: dos Lugares e das Formas de Expressões, busca mostrar o seu interesse e compromisso com a memória e identidade local.

A preocupação com a preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural no Brasil teve início na década de 1920 juntamente com o Movimento Modernista. Na década de 1936, o integrante do Movimento Modernista no Brasil, Mário de Andrade, redigiu o anteprojeto de criação o Serviço de Proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (que mais tarde serviu de embrião para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN). Ao redigir esse anteprojeto, Mário de Andrade ressaltou a necessidade de preservação das manifestações culturais (eruditas e populares), que devido a sua riqueza não poderiam ser ignoradas pelo órgão criado para preservar o que estava por ser definido como patrimônio cultural.

Nesse momento passa a vigorar uma política de preservação respaldada na valorização dos bens imóveis, os chamados de “pedra e cal”, e na política de impedir a evasão das obras de arte, principalmente do período colonial. Tudo isso está ligado a uma conjuntura maior de nacionalismo que o período Varguista fomentou.

Essa visão restritiva da cultura perdurou durante a década de 1970, quando o conceito de patrimônio expandiu para abranger todos os modos de viver, ou seja, todas as maneiras que o homem possui para se expressar e se identificar. Com esse argumento, a preservação do patrimônio cultural também se ampliou. Atualmente, vive-se uma política cultural calcada nesse conceito mais vasto de cultura mencionada, como sendo uma produção histórica originária das relações criadas entre os grupos sociais. Neste sentido, viu-se a necessidade de preservação do patrimônio cultural intangível.

Este “patrimônio da memória” transmitido de geração para geração, resulta de um processo que é constantemente recriado pelas comunidades em função de condições históricas e sociais, sendo conceituado a partir da ótica de alteridade. Desse modo, o Governo Federal, através do Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000, tomou a iniciativa em relação ao registro de bens culturais de natureza imaterial, registrando-se em quatro livros específicos: Livro das Celebrações, Livro

das Formas de Expressão, Livro dos Saberes e Livro dos Lugares. O registro do patrimônio em livros é importante já que reconstitui em palavras o que são os hábitos, os costumes, as tradições. Dessa forma, a população reconhece a sua identidade à medida que sua memória e sua cultura são preservadas.

O Registro do Patrimônio Imaterial não tem caráter policalesco, como ocorre com o processo de tombamento do patrimônio físico. Afinal, a cultura é amorfa e passa por processos cotidianos de transformações, interpretações e releituras. O registro, nesse sentido, incentiva e valoriza o patrimônio imaterial, além de fornecer subsídios ao Estado para auxiliar sua fomentação e preservação: a existência de um patrimônio intangível é de responsabilidade de seus participantes e só irá perpetuar a partir do desejo deles.

Por isso, o Governo do Estado de Minas Gerais estabeleceu o registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial ou Intangível como estratégia para preservação do seu patrimônio através do Decreto nº 42.505, de abril de 2002. De acordo com o IEPHA, o processo de registro municipal é constituído por um dossiê de documentos técnicos e por atos administrativos, cujo rito legal está definido na legislação de proteção municipal, complementar ao Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Por isso, sítios, paisagens, expressões culturais, bens e imóveis que possuem valor arqueológico, etnográfico, bibliográfico, artístico ou afetivo para a população são reconhecidos como Patrimônio Cultural e podem ser submetidos ao processo de registro e de tombamento.

Nesse sentido, o presente trabalho trata-se do Dossiê e Registro dos Terreiros de religiões afro-brasileiras do município de Varginha-MG. Para a elaboração deste dossiê, adotam-se as diretrizes e orientações estabelecidas pela Deliberação Normativa CONEP nº 01/2021, que define os parâmetros para o cálculo do Índice de Patrimônio Cultural (PPC), instrumento que orienta a transferência da cota-parte do ICMS Patrimônio Cultural aos municípios mineiros. Além disso, são observadas as determinações da Portaria IEPHA-MG nº 34/2024, de 21 de agosto de 2024, que dispõe sobre os procedimentos técnicos e metodológicos para o envio da documentação necessária à pontuação no Programa ICMS Patrimônio Cultural, conforme previsto na Lei nº 18.030, de 12 de janeiro de 2009.

O registro dos Terreiros de religiões afro-brasileiras no município de Varginha-MG tem como propósito reconhecer, documentar e valorizar essas manifestações religiosas enquanto expressões fundamentais do patrimônio cultural imaterial local. A iniciativa busca assegurar a preservação dos saberes, práticas, rituais e formas de organização comunitária que estruturam a Umbanda, o Candomblé e suas variações no município, evidenciando sua relevância histórica, social e simbólica.

Além disso, o registro visa promover a visibilidade e o respeito às tradições afro-brasileiras, contribuindo para o enfrentamento do preconceito religioso e para o fortalecimento da identidade cultural plural de Varginha. Trata-se, portanto, de uma ação de salvaguarda que reconhece os terreiros como espaços de fé e religiosidade, e também como centros de transmissão de conhecimento, resistência e pertencimento comunitário.

O Dossiê de Registro apresenta as religiões de matriz africana, especialmente em Varginha, como sistemas simbólicos dinâmicos, cuja força reside na capacidade de adaptação sem ruptura com a ancestralidade. Ao contrário das religiões ocidentais, marcadas por dualismos e pela normatização moral, os cultos afro-brasileiros sustentam uma cosmologia integradora, em que o sagrado e o profano coexistem em equilíbrio. A ética que os orienta baseia-se na reciprocidade, na preservação da vida e no respeito às forças naturais, afastando-se de qualquer lógica punitiva. Assim, o terreiro se configura como espaço de acolhimento e cura simbólica, onde o sofrimento é entendido como parte de um processo de aprendizado e fortalecimento, e não como castigo.

Nesse contexto, os pais e mães de santo assumem papel central como guardiões da tradição e mediadores do cuidado coletivo. Sua autoridade se funda na experiência, na dedicação e na transmissão oral do saber ancestral, formando uma pedagogia do axé e da responsabilidade. A hierarquia do terreiro é sustentada pelo respeito aos mais velhos e pela legitimidade espiritual conquistada ao longo do tempo. Desse modo, o terreiro se firma como espaço de resistência cultural e de reconstrução de subjetividades, em que a vulnerabilidade se transforma em potência e a tradição se renova pela prática viva do cuidado e da coletividade.

Assim, valendo-se de uma combinação articulada de metodologias qualitativas e quantitativas, o dossiê de registro foi elaborado a partir de um minucioso levantamento histórico, documental e bibliográfico sobre o estado atual do bem cultural. Além disso, foram realizadas pesquisas de campo que contemplaram registros fotográficos, entrevistas semiestruturadas e relatos orais, conduzidos em colaboração com os principais detentores e representantes dos terreiros do município, de modo a assegurar a participação comunitária e a fidelidade das informações coletadas.

O bem cultural **Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade** teve seu processo de Registro aprovado conforme decisão do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha em sua 248ª (ducentésima quadragésima oitava) Reunião realizada no dia 27 de novembro de 2025. O Decreto n. 12.531/2025 homologou o Registro dos **Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade** como Patrimônio cultural do município.

O bem foi inscrito no Livro de Registros dos Lugares e das Formas de Expressão como nº 02 e 03, respectivamente, sujeito a proteção especial de acordo com o Decreto Municipal nº 8.818/2018.

2. Identificação do Bem Cultural

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) descreve os terreiros como espaços fundamentais de salvaguarda e expressão das heranças culturais afro-brasileiras. Neles se manifesta um universo simbólico denso, permeado por danças, cantos, poesias (*Orixis*), mitos, rituais e formas próprias de organização espacial, que sustentam a continuidade das memórias ancestrais dos africanos trazidos ao Brasil durante o período escravocrata. Esses territórios sagrados configuram-se, simultaneamente, como lugares de resistência e afirmação identitária do povo negro, atuando como núcleos de preservação e difusão de saberes, práticas e valores da cultura africana em constante diálogo e interação com outras matrizes culturais presentes no país.

O primeiro terreiro tombado pelo Iphan foi o Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, em 1984, que está localizado em Salvador (BA). O terreiro foi reconhecido como Patrimônio Cultural Brasileiro e está inscrito nos livros do Tombo Histórico e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. Esse tombamento inédito, que incluiu a edificação, a vegetação e os objetos sagrados, mudou a concepção de patrimônio no Brasil e abriu caminho para a proteção de outros terreiros.

O patrimônio físico tombado do Terreiro Casa Branca do Engenho Velho compreende a edificação principal, as diferentes casas de culto (Ilê Orixá) e as habitações destinadas à vida comunitária, configurando um conjunto arquitetônico que expressa a organização social e religiosa do terreiro. Já o patrimônio natural e imaterial abrange a área sagrada do *Mato*, onde se preserva a vegetação ritual composta por árvores consagradas, além de reunir objetos e elementos simbólicos de uso litúrgico. Esses componentes, materiais e imateriais, articulam-se na construção de um espaço de culto que integra natureza, memória e espiritualidade, refletindo a cosmovisão e os princípios que orientam a religiosidade afro-brasileira.

Ao longo dos anos, as religiões de matriz africana sofreram variações. No caso da Umbanda, uma outra vertente existente é a Umbanda Omolocô, popularmente conhecida como Umbandomblé, que é o resultado da mistura do Candomblé e da Umbanda. Admitindo rituais candomblecistas, umbandistas e o trabalho com espíritos, tal vertente teria se iniciado com o médium Tancredo da Silva Pinto (10/08/1904 – 01/09/1979) em 1950, no Rio de Janeiro-RJ, que defendia que os terreiros praticassem uma Umbanda mais africanizada, com influências do Candomblé.

Nessa vertente se cultua os orixás, admite a incorporação dos guias, tem rituais candomblecistas como o xirê e festas dos orixás, além dos rituais umbandistas. Assim, Umbanda Omolocô se diferencia pela junção de crenças, mitos

e rituais. Esse é o caso do Templo de Umbanda Estrela Guia. Em Varginha, identificamos essas misturas e variações entre a Umbanda e o Candomblé.

No entanto, antes de entrarmos especificadamente no contexto dos terreiros identificados em Varginha, é importante fazer uma análise das religiões de matriz africana como sistemas simbólicos dinâmicos, cuja força reside na capacidade de adaptação sem ruptura com a ancestralidade.

As religiões de matriz africana, especialmente aquelas de raiz centro-africana, revelam uma dinâmica profundamente agregadora e uma notável capacidade de renovação simbólica. São sistemas religiosos marcados pela fluidez e pela adaptação, não no sentido da aleatoriedade, mas da constante reelaboração de práticas e significados que se mantêm coerentes com sua própria lógica cosmológica. Essa plasticidade é sustentada por um princípio de continuidade interna, em que o novo é incorporado sem ruptura com o ancestral, preservando-se a coerência do conjunto simbólico e ritual.

Em contraste com as religiões de matriz ocidental, historicamente estruturadas sob paradigmas dualistas, bem e mal, céu e inferno, e disciplinadoras dos corpos, das condutas e das ideias, as religiões afro-brasileiras propõem uma epistemologia distinta do sagrado. Nelas, o cuidado, o equilíbrio e a manutenção da harmonia entre o indivíduo, a comunidade e a natureza se sobrepõem à lógica do controle e da punição. O sagrado não se aparta do profano: ambos coexistem num mesmo campo de experiência, reafirmando a interdependência entre o mundo material e o espiritual.

Nesse horizonte, não há espaço para a condenação moral de existências e identidades, como a homossexualidade, pois o eixo ético dessas tradições não reside na obediência a uma norma universal, mas na evolução espiritual, na reciprocidade e no respeito às forças da natureza e dos ancestrais. O valor maior está no equilíbrio e na continuidade da vida, e não na conformidade a padrões dicotômicos de pureza e pecado.

Quando uma pessoa em situação de fragilidade chega a um terreiro, não é recebida com punição, julgamento ou vergonha. Diferentemente de sistemas religiosos baseados na culpa e na correção moral, o terreiro opera pela via do acolhimento. A cura não se dá pela penitência, mas pela reeducação simbólica do corpo, da mente e do espírito. As entidades, mediadoras entre o plano material e o espiritual, ensinam que o sofrimento não é castigo, mas parte de um processo de aprendizado e fortalecimento. O axé, energia vital que circula entre os seres, a natureza e o divino, é mobilizado para restaurar o equilíbrio e devolver à pessoa o senso de pertencimento e dignidade. Por isso, nos terreiros, convivem sujeitos com histórias diversas, marcadas por dores, exclusões e reconstruções: o terreiro,

enquanto espaço social e espiritual, acolhe o que foi fragmentado e transforma a vulnerabilidade em potência.

Nesse contexto, o papel dos pais e mães de santo é indispensável. No terreiro, essas lideranças constituem o alicerce da vida espiritual e comunitária de seus filhos e filhas de santo. São referências éticas e afetivas, responsáveis por zelar tanto pelo equilíbrio do espaço ritual quanto pelo bem-estar coletivo. Sua autoridade não é imposta, mas conquistada ao longo de anos de dedicação, aprendizado e disciplina. A hierarquia que organiza o terreiro não se funda na coerção, mas no respeito aos mais velhos.

O processo formativo de um pai ou mãe de santo é lento e profundo, envolvendo domínio ritual, preparo espiritual e, sobretudo, o cultivo da sensibilidade necessária para lidar com dimensões complexas da existência: doenças, incorporações inesperadas, espíritos obsessores, energias densas e desordens do cotidiano.

Esse conhecimento, transmitido pela oralidade e pela experiência direta, configura-se como uma pedagogia ancestral do cuidado e da responsabilidade. Ter cerca de inúmeras entidades assentadas no *ori*, isto é, integradas à cabeça, é resultado de um longo percurso de iniciação e amadurecimento. Acima de tudo, porém, a legitimidade dos pais e mães de santo decorre da hierarquia do respeito: respeito aos mais velhos, aos ancestrais e ao *axé* que sustenta a casa. Sem os mais velhos, o terreiro perde seu rumo, pois nada é escrito em papel. A sabedoria circula de boca em boca, de gesto em gesto, de corpo em corpo, perpetuando uma tradição viva que resiste.

Em Varginha, foram identificados vinte e seis terreiros de religiões de matriz africana. Entre esses espaços, observa-se uma predominância da liderança masculina, com vinte e três homens em posição de direção, em contraste com onze mulheres. Ainda assim, a presença feminina se mostra expressiva e fundamental, representando aproximadamente 42% das lideranças religiosas do município. Dentre os dirigentes, dezoito homens atuam como líderes únicos ou principais, enquanto cinco exercem a função em parceria ou codireção com mulheres. No caso das lideranças femininas, seis mulheres conduzem suas casas de forma autônoma e outras cinco compartilham a direção com líderes masculinos. Ao todo, cinco terreiros apresentam uma liderança compartilhada entre casais ou co-dirigentes de gêneros distintos, evidenciando uma dinâmica de complementaridade e cooperação na condução espiritual e administrativa das casas.

A liderança é, em sua maioria, masculina, mas há uma forte presença feminina, com seis mulheres atuando como líderes únicas. A existência de cinco centros com

liderança mista (casais M/F) sugere um modelo de liderança compartilhada e familiar em uma parcela significativa da comunidade.

Os dados indicam que a Umbanda é o segmento religioso mais frequente entre os Terreiros de Varginha. Vejamos o quadro analítico a seguir.

Linha Religiosa	Número de Centros	Segmentos Incluídos
Apenas Umbanda	13	Centros identificados primariamente como "Umbanda" (Ex: Caboclo Urubatã, Tenda Caboclo Sete Flechas, Casa da Mãe Sioneida).
Umbanda Mista/Omolocô/c/ Espiritismo	12	Centros que mesclam Umbanda com Candomblé, Omolocô ou Espiritismo (Ex: Templo Águas de Oxalá, Tutoip, Ilê Asé Ewê Omí Agué).
Apenas Candomblé	1	A Casa do Pai Bruno (Egbé Omo Odé Odara).
Total Umbanda (e variações)	25	Centros (96% do total) têm a Umbanda ou práticas mistas Umbanda/Candomblé em sua composição.

Em relação à temporalidade de abertura, os terreiros de Varginha exibem uma grande diversidade temporal, abrangendo desde o final dos anos 1960 até o período atual, com uma notável concentração de fundações na última década. Considerando os 25 centros que possuem data de fundação explícita (excluindo o Centro Espírita Caboclo Pena Branca, que não possui data identificada):

Período de Fundação	Número de Centros Fundados	Percentual (em 25)	Exemplos de Centros Fundados
Pioneiro (1968–1979)	3	12%	Templo Espírita Caboclo Urubatã (1968); Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã (1978) e Associação Centro Espírita Casa da Luz e Casa Caboclo Guaraci (1979).
Expansão (1980–1999)	3	12%	Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas (1985); Templo de Umbanda Águas de Oxalá (199); e Casa de Umbanda Ogum Sete Espadas (1998).
Aumento Gradual (2000–2009)	6	24%	Tenda Espírita Luz de Ogum (2003); Tutoip (2008); Tenda de Caridade Cabocla Jandira (2008). Entre outros.
Expansão Acelerada (2010–2019)	9	36%	Casa da Mãe Sioneida (2015); Ilê Asé Odé Dôlá (2019); Ilê Axé Oya Izo Ina (2019). Entre outros.
Consolidação Recente (Pós-2020)	4	16%	Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda (2020); Casa Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro (2023). Entre outros.

O período de 2010 a 2019 registrou o maior número de fundações (9 centros, 36% do total), indicando que a comunidade de matriz africana em Varginha tem passado por um processo de expansão institucional e ramificação acelerada na última década.

Ainda que o crescimento recente seja significativo, o levantamento evidencia também a presença de casas pioneiras, fundadas entre as décadas de 1960 e 1970, como o Templo Espírita Caboclo Urubatã, criado em 1968, e o Ilê Asé Locy Ofa Odonirã, datado de 1978. Esses terreiros antigos constituem marcos fundacionais e pontos de referência simbólica para as gerações posteriores. Suas trajetórias reforçam, ainda assim, a continuidade histórica e a resiliência das religiões de matriz africana na região, servindo como elos de ancestralidade e inspiração para os novos dirigentes que hoje dão sequência a essa herança.

Ao longo da pesquisa, foram mencionadas algumas casas religiosas que, entretanto, já se encontram encerradas em razão do falecimento de seus líderes, sem que houvesse sucessão ou continuidade de seus trabalhos. Esses casos revelam que a trajetória das religiões de matriz africana em Varginha também é marcada por interrupções e silenciamentos, o que reforça a importância da preservação da memória e da transmissão dos legados espirituais. Entre as casas lembradas estão o Terreiro do Pai Pedrinho e o da Madrinha Fátima, ambos localizados no bairro Jardim Sion, além das referências ao senhor Vicente, conhecido como Caboclo Cipó, ao senhor Paulo Penaverde e ao senhor Átila, este último conhecido por realizar toques na mata, ainda que não dispusesse de um barracão.

O cenário geral em Varginha é marcado pela coexistência de antigas linhagens com uma alta taxa de novas fundações, todas unidas pela ancestralidade e pela forte dedicação à caridade.

Apesar da alta taxa de casas fundadas recentemente, a legitimidade e a força da comunidade estão enraizadas nos centros mais antigos. O Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã (1978), ligado ao "Paizão", é um ponto de referência crucial, servindo como uma fonte de iniciação ou formação para muitos líderes atuais, o que confere ao grupo uma unidade de axé. O Templo Espírita Caboclo Urubatã (1968) representa o centro de mais longa data, simbolizando a resistência pioneira.

A Umbanda em Varginha é predominantemente mista (9 centros combinam Candomblé/Omolocô com Umbanda), refletindo uma adaptação e incorporação de práticas para atender às necessidades espirituais locais. Exemplos incluem o Templo de Umbanda Águas de Oxalá, que pratica Umbanda "com elementos do Candomblé", e o Tutoip (Casa da Mãe Dora), que se define como "Umbanda Mista" ou "Umbanda Umblé". Essa mescla demonstra uma abordagem pragmática na ritualística, embora a busca pela Umbanda "pura" (como a Templo de Umbanda Estrela Guia) ou pelo Candomblé específico (como o Egbé Omo Odé Odara) também esteja presente.

A ancestralidade e o legado familiar constituem eixos centrais na organização e na transmissão dos saberes religiosos entre os terreiros de Varginha. Nesse

contexto, destaca-se a figura de José Luiz Viana Galdino, amplamente reconhecido como “Paizão”, cuja trajetória marca de forma profunda a história do Candomblé na região.

Fundador do Abassá de Logum Edé, casa estabelecida entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, Paizão é lembrado como um dos pioneiros na difusão das tradições do Candomblé no sul de Minas. Seu terreiro tornou-se referência espiritual e formadora para diversas lideranças que, direta ou indiretamente, derivam de sua linhagem. Entre essas lideranças estão Mãe Tuti, Pai Diego, Mãe Maria, Pai Paulo — atual sucessor de Paizão —, Doné Cida de Oya, Pai Bruno, Mãe Marlene, Pai Evandro e Cleusa, todos vinculados, de algum modo, ao Abassá de Logum Edé.

A continuidade da liderança religiosa, frequentemente marcada por vínculos de sangue ou de iniciação, revela o modo como a herança espiritual se entrelaça à história familiar. Em muitos casos, a sucessão se dá após o falecimento do dirigente anterior, como ocorreu com Pai Paulo, que assumiu a direção do terreiro após a morte de Paizão, e com Pai Du, que deu seguimento à missão de sua mãe. Há também situações em que a sucessão é guiada por um chamado espiritual, traduzindo-se na responsabilidade de preservar e perpetuar a tradição herdada, como no caso de Aysllan.

Assim, a linhagem do “Paizão” constitui não apenas uma referência direta, mas um elo simbólico que estrutura o pertencimento, a continuidade e a legitimidade das casas de Candomblé na região, reafirmando a força da ancestralidade como fundamento da vida religiosa afro-brasileira.

A caridade se apresenta como um dos valores fundamentais e mais recorrentes entre os terreiros do município, constituindo um princípio estruturante das práticas religiosas e comunitárias. Os trabalhos espirituais — passes, descarregos e consultas por meio do jogo de búzios — são, em sua maioria, oferecidos de forma gratuita, reafirmando o compromisso coletivo com o amparo e a solidariedade.

Para além da dimensão espiritual, muitos terreiros ampliam sua atuação por meio de ações sociais concretas voltadas à comunidade. A arrecadação e distribuição de cestas básicas, roupas e medicamentos, bem como o acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade — incluindo membros da população LGBTQIA+ e usuários de substâncias químicas — evidenciam o papel social e afetivo dessas casas como espaços de cuidado e inclusão. Nessa perspectiva, a Umbanda é frequentemente descrita como um “hospital do espírito”, um lugar onde se busca a cura, o equilíbrio e a transformação das vidas que a ela recorrem.



Imagem 01: Paizão, no início dos anos 1980, em seu Terreiro, com crianças com as vestimentas de Oxum. Acervo do Pai Paulo.

No campo ritual e doutrinário, observa-se uma expressiva diversidade, refletindo a presença de diferentes linhagens — Umbanda, Candomblé e casas de caráter misto. Apesar das variações, certos elementos são comuns e compartilhados. O sincretismo religioso, por exemplo, ainda é amplamente visível na associação de Orixás a santos católicos, como Oxalá ao Cristo crucificado e Iemanjá a Nossa Senhora Aparecida. Contudo, há também um movimento crescente de desincretização, impulsionado pelo desejo de reafirmar as raízes afro-brasileiras e dar visibilidade à matriz original dessas religiões, sem negar o papel histórico de proteção e resistência que o sincretismo desempenhou.

O uso das ervas sagradas (ewés) constitui outro aspecto central. Empregadas em banhos, chás e diversos preparos rituais, as folhas são consideradas instrumentos de cura, purificação e desenvolvimento mediúnico, expressando a conexão entre o sagrado e a natureza. De igual importância são os atabaques e os pontos cantados, que sustentam a vibração das cerimônias e invocam as entidades. No Candomblé, os toques são realizados com aguidavis e os cânticos entoados em iorubá; na Umbanda, o toque é feito com as mãos, e predominam os pontos cantados em português, que narram e invocam as forças espirituais.

A prática do sacrifício animal, por sua vez, é um ponto de divergência entre as casas. Alguns terreiros, como a Tenda Cabocla Jandira, rejeitam completamente a prática, reafirmando a caridade como essência de sua religiosidade. Outros, sobretudo aqueles de Candomblé ou de caráter misto, realizam os sacrifícios em contextos específicos de obrigações e festividades, justificando-os como ritos de equilíbrio energético e de partilha, já que a carne é consumida em comunidade.

Por fim, a distinção entre a chamada “Umbanda Pura” e a “Umbanda Mista” (ou “Umblé”) evidencia diferentes caminhos dentro do campo religioso. Enquanto algumas casas, como a Casa da Luz e o Caboclo Urubatã, buscam manter a Umbanda em sua forma considerada original, outras integram elementos do Candomblé, configurando práticas híbridas que refletem a dinâmica e a vitalidade das religiões afro-brasileiras em constante diálogo com suas origens e com o tempo presente. A influência de Paizão, cuja casa pratica até os dias atuais Umbanda e Candomblé no mesmo espaço, se faz notável nesse contexto de disseminação da prática em Varginha.

Assim como aconteceu com o Terreiro Casa Branca do Engenho Velho, em que o tombamento inclui aspectos materiais e imateriais, em Varginha a proteção do Registro envolve aspectos materiais e imateriais da expressão cultural.

Os lugares e edificações dos cultos afro-brasileiros são compostos por espaços apropriados para realização de práticas e atividades de naturezas variadas. No caso dos Terreiros de Varginha, o lugar onde está instalado o barracão, a cozinha, os assentamentos e casas de santo, é fundamental para a existência do bem cultural. Por este motivo, o bem imaterial aqui apresentado, denominado “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”, foi inscrito no Livro dos Lugares e das Formas de Expressões.

Cada edificação que compõe um *lugar de culto* exerce uma função simbólica específica, expressa por características que evocam e estabelecem sua relação com o sagrado. Nesses espaços, desenvolvem-se as diversas atividades que conformam o conjunto ritual da casa religiosa, como as festas públicas, as saídas de santo, as oferendas às divindades, as cerimônias de iniciação e os rituais voltados à estruturação e à manutenção das edificações. Esse repertório de práticas, dotado de valor espiritual, constitui elemento essencial das manifestações religiosas. Assim, as diferentes construções que compõem o terreiro não podem ser compreendidas de forma isolada, uma vez que se articulam em um sistema simbólico integrado. Formam, portanto, um conjunto dinâmico de espaços interdependentes, cujos significados e funções se relacionam e se completam no âmbito da vida ritual (IPHAN, INRC, 2012, p. 66).

À semelhança de outras instituições de natureza religiosa, nas tradições afro-brasileiras os espaços de culto configuram-se como territórios de manifestação sagrada, onde as divindades se manifestam e, por vezes, se estabelecem de forma permanente. Esses territórios sagrados representam, portanto, pontos de encontro entre o mundo material e o espiritual, nos quais se concretiza a presença do divino por meio dos rituais, cânticos, danças e demais expressões que constituem a vida religiosa das comunidades (IPHAN, INRC, 2012, p. 67).

Embora os padrões construtivos e de usos dos espaços sejam variados, notamos um padrão nos Terreiros visitados em Varginha, compostos pelo barracão onde são realizados os rituais semanais, para o caso da Umbanda, e as festas para os casos do Candomblé, que pode ser anexado ou não ao restante da casa, quartos-de-santo, assentamentos de Exu, quarto-de-consulta, cozinha, área externa e demais recintos. As cozinhas se configuram como espaços privilegiados onde ocorrem rituais, principalmente para as casas de Candomblé.

É frequente que o pai ou a mãe de santo responsável pela condução do terreiro habite o mesmo espaço em que se desenvolvem as atividades religiosas. Essa convivência contínua faz com que os limites entre a vida doméstica e a vida ritual não se apresentem de forma rígida, mas se interpenetrem e se complementem. O cotidiano do lar e a dinâmica do sagrado se fundem, conformando uma unidade simbólica que expressa a própria lógica relacional das tradições afro-brasileiras. Nesse contexto, o espaço da casa não é apenas morada, mas também território de proteção espiritual, de acolhimento e de transmissão de saberes. O sagrado atravessa o cotidiano, permeando gestos, afetos e relações comunitárias, de modo que viver e cultuar tornam-se dimensões inseparáveis de uma mesma experiência existencial e religiosa.

Nessa configuração, o terreiro não se limita a ser um templo destinado exclusivamente à prática ritual, mas se constitui como um território de convivência, acolhimento e transmissão de saberes. A presença contínua da liderança religiosa no espaço amplia o sentido de pertencimento e de cuidado coletivo, reforçando o caráter comunitário do culto. Para além do culto, os líderes podem exercer outras funções como jogar búzios, realizar atendimentos, entre outros, a pessoas que não frequentam regularmente os terreiros.

A partir desse entendimento, Varginha possui 26 (vinte e seis) lugares de culto onde a expressão cultural é exercida. Por estes motivos, o Registro do bem no livro dos Lugares é fundamental para a própria existência da expressão cultural e a sua permanência e continuidade.

De igual modo, sem as práticas vinculadas aos espaços e às pessoas que realizam as práticas, a manifestação cultural não existiria.

De acordo com o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) dos Lugares de Culto de Matrizes Afro-Brasileiras no Distrito Federal e Entorno, de 2012, os padrões sonoros e coreográficos, as expressões corporais, os objetos consagrados, os adornos, as cores e as vestimentas constituem elementos simbólicos que revelam, por um lado, a filiação religiosa das casas observadas e, por outro, as inter-relações entre a dimensão estética, a cosmologia e a hierarquia que estruturam esses espaços sagrados. Cada uma dessas formas de expressão define

um campo próprio de sentido, exigindo um domínio técnico que é também de natureza sagrada, transmitido e praticado por oficiantes especializados, guardiões dos saberes e das práticas rituais que mantêm viva a tradição (IPHAN, INRC, 2012, p. 148).

Ao longo da pesquisa, identificamos alguns elementos comuns a todos os terreiros que seguem a filiação ao Candomblé ou a Umbanda, como as cores de representação dos orixás e das entidades, os alimentos votivos que são servidos e destinados a cada um deles, a ritualização característica dos momentos da partilha coletiva, sejam nas giras ou nas festas, a presença de cozinhas rituais integradas ao barracão e a existência de assentamentos, como os de Exu. Esses elementos são reconhecidos como marcadores de identidade religiosa e de continuidade das tradições afro-brasileiras, compondo um repertório simbólico que estrutura o cotidiano ritual e os faz se filiar a uma ou outra linha espiritual.

No entanto, o que ficou muito evidente na pesquisa é o caráter dinâmico da expressão cultural. Há terreiros de Umbanda, por exemplo, que incorporam práticas tradicionalmente associadas ao Candomblé, como o sacrifício animal, o que aponta para a permeabilidade e a adaptabilidade dos sistemas religiosos afro-brasileiros. Essa flexibilidade não deve ser entendida como descaracterização, mas como um movimento próprio dessas tradições, que historicamente se configuram em diálogo com múltiplas influências, contextos locais e trajetórias individuais de seus praticantes. Desse modo, a complexidade e a vitalidade das religiões de matriz africana demonstram que os terreiros não são espaços de práticas fixas, mas territórios vivos, nos quais o sagrado se reinventa continuamente em função das experiências, necessidades e sentidos construídos pelas comunidades que os mantêm.

Ao longo da pesquisa, observou-se que a trajetória e a formação religiosa do pai ou da mãe de santo exercem influência decisiva sobre a forma como o terreiro se organiza, expressa e conduz suas práticas rituais. Um exemplo significativo é o Centro Espírita de Candomblé Abassá de Logum Edé, fundado por Paizão, responsável pela formação de diversos pais e mães de santo em Varginha e região. O Abassá integra, em um mesmo espaço, elementos do Candomblé e da Umbanda, cujas práticas, por vezes, se entrelaçam no mesmo lugar de culto. Dessa maneira, aqueles que foram iniciados sob a orientação de Paizão e, atualmente, de Pai Paulo, tendem a preservar essa característica sincrética, marcada pela convivência e pela complementaridade entre as duas tradições religiosas.

2.1 Origem da solicitação do Registro e Motivações

O registro dos Terreiros de Varginha insere-se nas ações de reconhecimento, valorização e salvaguarda dos espaços sagrados e territórios de axé do município, fortalecendo as políticas de preservação da diversidade cultural e religiosa que compõem a identidade local.

Em 30 de maio de 2022, o Governo de Minas Gerais lançou o Cadastro de Identificação dos Espaços Sagrados, Territórios de Axé e Fé, como parte do Mapeamento dos Povos e Comunidades de Terreiro de Minas Gerais. Nesse mesmo ano, Varginha aderiu à iniciativa estadual, cadastrando oito terreiros situados no município, em ação conjunta entre a Fundação Cultural e representantes das comunidades de matriz africana.

Em 2023, o município deu continuidade a essa política, realizando o Inventário do Patrimônio Cultural de dez terreiros, com base em metodologia participativa e enfoque na salvaguarda das expressões religiosas afro-brasileiras. O levantamento possibilitou um conhecimento mais profundo sobre a formação, as práticas e os significados desses territórios, revelando sua importância social, espiritual e simbólica para a cidade.

Nos anos de 2024 e 2025, a Fundação Cultural promoveu diversas atividades de educação patrimonial envolvendo as religiões de matriz africana, com o objetivo de valorizar essas expressões de fé e fortalecer o diálogo entre as comunidades tradicionais e a sociedade. As ações formativas e rodas de conversa contribuíram para ampliar o conhecimento sobre o patrimônio afro-brasileiro e destacar a relevância dos terreiros como espaços de resistência, acolhimento e transmissão de saberes ancestrais.

Diante da relevância das religiões do povo de santo em Varginha e da necessidade de consolidar políticas públicas de reconhecimento e proteção, a Fundação Cultural iniciou, em 2025, o Mapeamento Municipal dos Terreiros de Varginha, com o objetivo de subsidiar a construção de instrumentos de salvaguarda específicos para esses territórios tradicionais.

O reconhecimento dos terreiros como patrimônio cultural de Varginha é essencial para assegurar a visibilidade e o respeito a essas expressões religiosas, garantindo a preservação de saberes, práticas e tradições que constituem parte significativa da história e da identidade local. Além de promover a igualdade e o combate à intolerância, o registro reafirma o valor dos terreiros como espaços de resistência, fé, acolhimento e transmissão de conhecimento ancestral.

2.2 Metodologias de pesquisa utilizada

A metodologia de pesquisa aplicada ao registro do bem imaterial “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade” fundamentou-se em uma abordagem interdisciplinar, que articulou técnicas qualitativas e quantitativas para a construção de um diagnóstico abrangente e participativo. O processo metodológico buscou garantir rigor científico e, ao mesmo tempo, sensibilidade cultural diante da complexidade e da profundidade simbólica dessas manifestações religiosas.

Inicialmente, foi realizado um levantamento histórico, documental e bibliográfico sobre as religiões de matriz africana no município, com o objetivo de contextualizar o surgimento, a trajetória e a configuração atual dos terreiros. Essa etapa permitiu identificar as dinâmicas de permanência, transformação e resistência presentes nas práticas religiosas locais, além de subsidiar a compreensão do valor patrimonial desses espaços.

Na sequência, a pesquisa de campo constituiu a etapa central da metodologia, envolvendo observação direta, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas com líderes religiosos, praticantes e membros das comunidades vinculadas aos terreiros. As entrevistas e relatos orais possibilitaram o acesso às memórias, narrativas e significados atribuídos pelos próprios detentores dos saberes, assegurando a autenticidade e a representatividade das informações obtidas.

A participação comunitária foi elemento essencial em todas as fases do trabalho, garantindo que o processo de registro refletisse as perspectivas e demandas das próprias comunidades religiosas. O diálogo constante entre pesquisadores e representantes dos terreiros consolidou uma metodologia participativa, pautada pelo respeito, pela escuta e pela valorização dos modos de expressão e organização social dessas tradições.

Desse modo, a metodologia adotada contribuiu não apenas para o reconhecimento e documentação dos terreiros enquanto patrimônio cultural imaterial, mas também para o fortalecimento das identidades afro-brasileiras e para a promoção do respeito à diversidade religiosa e cultural de Varginha.

2.3 Elementos Culturalmente relevantes para a identificação do bem cultural

1. Organização Espacial e Arquitetônica

- **Estrutura física do terreiro:** edificação principal, casas de culto (Ilês), barracão, cozinha ritual e casas de santo.
- **Presença do “Mato” ou área natural sagrada:** necessidade de espaços naturais que possuem vegetação ritual com árvores e plantas a serem usadas nos rituais e, também, espaços destinados às oferendas. Nas religiões de matriz africana, as folhas ocupam um lugar central na cosmologia, nos rituais

e na vida cotidiana dos terreiros. Mais do que simples elementos da natureza, elas são compreendidas como portadoras de axé, a força vital que sustenta e dinamiza todas as existências. Cada folha carrega um poder específico, associado a determinados orixás, entidades e finalidades rituais — podendo purificar, curar, proteger, fortalecer ou equilibrar as energias presentes nos corpos e nos espaços sagrados.

A colheita, o manuseio e o uso das folhas seguem regras próprias, transmitidas oralmente e praticadas por pessoas iniciadas, detentoras do conhecimento das ervas sagradas. Esses saberes, considerados de caráter tanto técnico quanto espiritual, compõem um dos fundamentos do culto, pois é por meio das folhas que se estabelecem conexões entre o mundo material e o espiritual.

Por essa razão, a presença do *mato* — o espaço natural reservado dentro, ao redor ou nas proximidades dos terreiros ou de um parque público — é indispensável para a existência e continuidade da expressão cultural. Ali se encontram as plantas necessárias às práticas rituais e às oferendas, reafirmando a relação intrínseca entre natureza e sagrado. A preservação dessas áreas vegetadas garante não apenas o abastecimento ritual, mas também a continuidade de um conhecimento ancestral que reconhece nas folhas a essência da vida e o elo entre os seres humanos, os orixás e a própria Terra.

- **Assentamentos e espaços de culto específicos:** como o de Exu, que marca a entrada e protege o terreiro.

Esses elementos configuram o espaço como território simbólico, onde natureza e construção se articulam na vivência do sagrado.

2. Elementos Estéticos e Simbólicos

- **Padrões sonoros e coreográficos:** toques de tambor, cânticos, danças e ritmos próprios de cada nação ou linha ritual.
- **Gestualidade e performances:** movimentos corporais codificados, usados nas giras, festas e rituais de iniciação.
- **Objetos consagrados e adornos:** ferramentas, imagens, guias, indumentárias e outros itens de uso ritual.
- **Cores e vestimentas:** indicativas da filiação religiosa e da identidade de cada orixá ou entidade.

Essas expressões evidenciam a relação entre estética, cosmologia e hierarquia interna do culto.

3. Práticas Rituais e Alimentares

- **Oferendas e comidas votivas:** preparo e partilha dos alimentos destinados às divindades.
 - **Cozinha ritual ligada ao barracão:** espaço central na produção simbólica e comunitária do alimento sagrado.
 - **Sacrifícios e rituais de iniciação:** variações entre Umbanda e Candomblé que revelam o dinamismo e a adaptabilidade das práticas.
- A alimentação ritual expressa a mediação entre humanos e divindades.

4. Dimensões Imateriais e de Transmissão

- **Oralidade e aprendizagem ritual:** transmissão dos saberes por meio da prática, da observação e da convivência com os mais velhos ou que possuem mais tempo na tradição.
- **Presença contínua da liderança religiosa (pai/mãe de santo) no espaço:** integração entre vida doméstica e vida religiosa.
- **Filiação e linhagem religiosa:** origem e formação dos líderes, que influenciam o estilo, o sincretismo e a identidade dos terreiros.

Esses elementos sustentam a continuidade e a autenticidade da tradição, revelando a importância da memória e da experiência coletiva.

5. Aspectos Sociais e de Pertencimento

- **Função comunitária e de acolhimento:** o terreiro como espaço de proteção, acolhimento, convivência e solidariedade.
- **Interação entre o sagrado e o cotidiano:** fusão das esferas da vida privada e religiosa.
- **Caráter dinâmico e sincrético:** coexistência e entrelaçamento de tradições, refletindo o diálogo entre diferentes matrizes culturais.

O terreiro, assim, é reconhecido não apenas como espaço religioso, mas como núcleo de resistência, memória e recriação cultural onde práticas de religiões africanas se mantêm.

Tomando como recorte analítico o município de Varginha-MG, no ano de 2025 foram identificados 26 (vinte e seis) Terreiros de religiões de matriz africana em atividade. Entre eles, observam-se diferentes variações da Umbanda, como a Umbanda Omolocô e a Quimbanda, além de terreiros de Candomblé. O número de membros de cada Terreiro varia.

Em 2025, a Fundação Cultural de Varginha realizou o Cadastro dos Terreiros de Varginha, com o objetivo de manter atualizadas as informações referentes a essa

expressão cultural. Foi realizado um esforço para que todos os Terreiros fossem contatados e pudessem se cadastrar para ser entrevistado para o Processo de Registro.

A tabela esquematizada a seguir condensa os dados dos Terreiros identificados durante os levantamentos.

Nº	NOME DO TERREIRO/CASA	SEGMENTO RELIGIOSO	NOME DA LIDERANÇA	Fundado em
1	Templo Espírita Caboclo Urubatã	Umbanda	Natanael Serafim Coelho	1968
2	Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã - Centro Espírita de Candomblé Abassá de Logum Edé	Candomblé e Umbanda	Paulo Roberto Pereira Gomes	1978
3	Associação Centro Espírita Casa da Luz e Casa Caboclo Guaraci	Umbanda e Espiritismo mediúnico	Marcelo Albinati Ramos e sua esposa, Maria Sibéria Pelegrino Ramos	1979
4	Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas	Umbanda	Carlos Roberto Vieira; Dulcineia da Silva Vieira	1985
5	Templo de Umbanda Águas de Oxalá	Umbanda com elementos do Candomblé	Paulo Roberto da Silva	1997
6	Casa de Umbanda Ogum Sete Espadas	Candomblé e Umbanda Omolocô	Diego Henrique Mateus (Pai Diego de Ogum) e Henos de Carvalho (Candomblé)	1998
7	Tenda Espírita Luz de Ogum	Umbanda Omolocô	Douglas Christian dos Santos Tenório (Pai Du)	2003
8	Centro Espírita São Francisco de Assis - Casa do Pai Kiko	Candomblé e Umbanda	José Ângelo de Araújo, pai Kiko	2007
9	Tenda Espírita Caboclo Sete Flechas	Umbanda e do Candomblé da Nação Jeje	Pai Evandro Henrique da Silva	2007
11	Tutoip (Templo Umbandista trabalhadores de Ogum, Iansã e Pai José das Almas) - Casa da Mãe Dora	“Umbanda Mista” ou “Umbanda Umblé” com elementos do Candomblé	Doralice Pereira Tristão	2008
10	Tenda de Caridade Cabocla Jandira e Cabocla Arranca Toco - Associação Paz e Caridade	Umbanda	Antônio Admircio Pedro	2008

DOSSIÊ DE REGISTRO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

TERREIROS DE VARGINHA

12	Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda	Umbanda	Fábio Domingueti e Ana Paula da Silva	2009
13	Casa da Mãe Sioneida de Xangô	Umbanda	Sioneida de Fátima Goulart (Mãe Sioneida de Xangô)	2015
14	Templo de Umbanda Estrela Guia	Umbanda	Claudenir Rodrigues Alves	2015
15	Egbé Omo Odé Odara - Casa do Pai Bruno	Candomblé	Maycon Bruno Ronipher Onofre, o Babalorixá Bruno de Logum Edé	2016
16	Centro Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo	Umbanda	Adenilson da Silva	2017
17	Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas	Umbanda	Vagner Moselli	2017
18	Ilê Asé Ewê Omí Agué - Casa de Ossayn	Candomblé e Umbanda	Maria das Dores Silva Alves (Doné Maria T' Agué)	2019
19	Ilê Asé Odé Dólá	Candomblé e Umbanda	Gilson da Silva Duarte e Érica de Jesus Lopes Duarte	2019
20	Ilê Axé Oya Izo Ina - Done Cida de Oya	Candomblé e Umbanda	Aparecida Bistaffa Lima	2019
21	Terreiro de Umbanda Caboclo Tupinambá	Umbanda	Wallisson Luís dos Santos	2019
22	Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda	Umbanda	Aysllan Fassio Andrade	2020
23	Ilê Axé Oni Omi - Rancho da Menina	Candomblé e Umbanda	Marlene Ferreira de Araújo e Tânia Cristina Nunes	2021
24	Casa Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro	Umbanda	Tatiana Andreza Tenório Santos (Mãe Tuti)	2023
25	Tenda Rainha Cigana	Umbanda	Cleusa Marinalva dos Santos Tenório Silva	2023
26	Centro Espírita Caboclo Pena Branca	Umbanda	Néia Galdino	-

2.4 Histórico, Origens Documentadas ou Atribuídas

A Umbanda e o Candomblé, consideradas por seus seguidores como religiões genuinamente brasileiras, são resultantes da combinação de tradições religiosas africanas, de crenças e práticas indígenas brasileiras, do catolicismo ibérico e de elementos da doutrina espírita kardecista popular. Por esse motivo, essas religiões carregam consigo uma bagagem pluralista, multicultural e multirracial. Além disso, são consideradas religiões em processo, capazes de acompanhar as rápidas transformações de uma sociedade, autoconstruindo-se a partir de suas próprias

práticas religiosas no interior da dinâmica de uma tradição oral e multicultural (ALMEIDA, 2022).

O marco do processo histórico que propiciou o contato entre as tradições religiosas africanas, as crenças e práticas indígenas brasileiras e o catolicismo ibérico, principais culturas que se encontram na base da formação da cultura brasileira, deu-se durante a colonização do Brasil por Portugal no início do século XVI. Nesse processo de colonização, as primeiras culturas que se encontraram foram a cultura dos povos indígenas e a dos portugueses. Apenas mais tarde, por volta de meados do século XVI, diferentes grupos étnicos africanos começaram a ser trazidos para o território brasileiro.

Neste período da história, a Igreja Católica recebia inúmeras críticas dos reformistas e perdia grande parte de seus adeptos para as religiões protestantes que se formavam na Europa. Com o início do processo de colonização no Brasil, a possibilidade de converter os nativos do Novo Mundo se tornou uma grande oportunidade para a Igreja expandir sua área de influência, que, na maioria das vezes, era imposta de forma verticalizada pelos missionários.

É importante ressaltar, ainda, que a cultura europeia, no período colonial, era influenciada pelos preceitos do cristianismo medieval, os quais garantiam o domínio da Igreja Católica sob a vida cultural e seu monopólio do saber. Além disso, os povos que não eram considerados cristãos, eram vistos, normalmente, como pagãos e hereges, sendo suas práticas e crenças religiosas associadas a práticas demoníacas.

Assim, visando um controle político mais intenso, a metrópole portuguesa instalou o Governo Geral na cidade de Salvador, em 1549, período no qual chegaram as primeiras missões jesuíticas que buscavam proceder a catequização da população nativa. A providência de catequizar essa população também atendia os interesses da produção açucareira, já que o trabalho na lavoura exigia grandes contingentes de trabalhadores e, desse modo, os nativos foram submetidos a esse trabalho de maneira compulsória.

A mão de obra indígena, no entanto, resistiu à dominação e às tentativas de escravização impostas pelo sistema colonial, recusando-se a submeter-se às condições de trabalho forçado exigidas pelos engenhos de cana-de-açúcar. Diante dessa resistência, os colonizadores recorreram à exploração da mão de obra africana escravizada para sustentar a produção açucareira. Essa substituição ocorreu, principalmente, devido à resistência indígena diante do trabalho compulsório e escravizado; devido a diversas doenças trazidas pelos europeus, que desencadearam um processo de fragilidade entre os nativos; e, ainda, devido ao fato de os indígenas assistirem verdadeiros genocídios contra sua população.

Um outro aspecto que favoreceu o contato entre esses três povos e suas crenças é o fato de que, segundo Emiliano Macedo (2008), o catolicismo oficial de Roma, ou seja, a Igreja Católica enquanto instituição, contava com um número reduzido de pessoas qualificadas do clero em um território tão extenso, o que permitiu o afloramento e predomínio do catolicismo popular¹, praticado por todos, sem muitas restrições, gerando novos contornos e significados e facilitando as trocas culturais recíprocas entre as crenças. Hulda Costa (2013) pontua que, neste contexto, no qual crenças e culturas se encontraram, ambos os lados se transformaram e deixaram de ser, em alguma medida, o que tinham sido anteriormente, pois não se constituem em blocos monolíticos estanques.

Voltando o olhar para as práticas religiosas e cultos que compuseram o cenário colonial, as religiões ameríndias tinham como características básicas o culto à natureza deificada e a prática de procedimentos mágicos que influem na vida das pessoas e no mundo físico. O pajé ou xamã tinha acesso ao mundo dos mortos e aos espíritos das florestas, sendo os rituais de cura, para expulsar maus espíritos e desfazer feitiços, responsabilidades desses líderes espirituais. Bebidas e fumos especiais eram empregados para expandir a consciência, e curas físicas e espirituais eram processadas em rituais encantatórios com a utilização de remédios da flora medicinal.

Diante das práticas e crenças indígenas, os missionários tentavam combater aquilo que julgavam mais hediondo e pecaminoso. No entanto, segundo Costa (2013), os jesuítas tentavam estabelecer uma mediação cultural entre o catolicismo e a cosmologia indígena, na qual a alteridade e a consideração ao outro eram praticadas por meio da ressignificação dessas crenças e tradições, adaptando-as a novos contextos, por meio de um trabalho contínuo de construção e reconstrução de códigos comunicativos.

Para o Brasil, durante o período colonial, vieram cerca de cinco milhões de pessoas africanas na qualidade de escravizados por um período de, aproximadamente, 350 anos. Este período compreende o lapso temporal decorrido desde meados do século XVI, quando a atividade escravocrata teve início no Brasil, até o seu fim definitivo² com a promulgação da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888. Tal regime generalizou os diferentes povos e culturas ao denominador da

¹ O catolicismo popular possui a mesma lógica das práticas religiosas tradicionais dos indígenas e africanos. Ele permite a troca, a adaptação e a reinterpretação.

² Antes da promulgação da Lei Áurea de 1888, foi sancionada a Lei Eusébio de Queirós no ano de 1850, que estabeleceu medidas para a repressão do tráfico de africanos no Império. No entanto, essa lei não foi cumprida integralmente, fomentando o tráfico de escravizados dentro do próprio território brasileiros. Práticas de tráfico de pessoas entre África e Brasil ainda duraram algumas décadas após essa lei de forma clandestina até 1888, seu fim definitivo. O Brasil, ainda colônia portuguesa, foi um dos primeiros a adotar a atividade escravocrata e um dos últimos países das Américas a aboli-la.

escravidão, e o processo de rompimento dos laços familiares, étnicos e de crenças foram cambiados por um conjunto de pessoas que de comum só tinham a origem, cor e a submissão (MAGNANI, 1986).

De acordo com Almeida (2022), dentre os povos africanos trazidos na condição de escravizado para o Brasil, um dos mais importantes foram os que vieram do antigo reino do Congo, a partir de 1537, localizados na África Central, e que compõem o tronco linguístico banto. Esse reino foi a principal origem dos negros enviados ao Brasil durante quase todo período escravocrata, sendo hoje os países Gabão, Zaire, Congo e Angola. Esses povos foram espalhados por quase todo o litoral brasileiro e pelos estados de Minas Gerais e Goiás, e as reminiscências culturais desses grupos são conhecidas entre nós como Angolas, Congos, Monjolos, Cassanges, Benguelas etc.

De acordo com Robert Daibert (2015), por fazerem parte do mesmo tronco linguístico, foi possível detectar em todos os diversos grupos dessas regiões a presença de uma única cosmologia centro-africana, chamada de religião dos bantos. Essa cosmologia era estruturada a partir da crença de uma pirâmide vital, dividida entre o mundo invisível e o visível. No primeiro grupo, seguindo uma ordem hierárquica, encontravam-se a divindade suprema, os arquipatriarcas, os espíritos da natureza, os ancestrais e os antepassados. No segundo grupo, situavam-se os reis; os chefes de reino, tribo, clã ou família; os especialistas da magia; os anciãos; a comunidade; o ser humano; os animais; os vegetais; os minerais; os fenômenos naturais e os astros.

Além disso, segundo esse autor, a noção de força vital era um tipo de chave para compreensão dos fundamentos e da concepção de mundo na tradição religiosa banto. Movidos por essa noção, os povos centro-africanos preservavam o valor da solidariedade e entendiam a vida no sentido comunitário. De acordo com a hierarquia da pirâmide vital, os vivos possuíam uma relação de obrigações recíprocas (como a apresentação de oferendas e sacrifícios, a fim de influenciar os antepassados, obter favores e solucionar problemas), respeito profundo, medo e veneração pelos seus antepassados. Os antepassados se comunicavam com seus descendentes por meio de incorporações, nas quais a pessoa incorporada poderia se transformar pelo transe, em um de seus antepassados. Além disso, as cantigas, palmas, tambores e danças confluíram para manutenção e fortalecimento da cadeia de interações.

Por fim, as principais divindades cultuadas por esses povos eram os Inquices, entidades concebidas como manifestações dos próprios elementos da natureza, sendo, portanto, compreendidas como energias divinizadas, e não como seres sujeitos à vida terrena. Além disso, é importante destacar que esses grupos foram

os responsáveis pela criação e consolidação das tradições do Candomblé Congo/Angola no Brasil.

“O que caracterizava a dinâmica das experiências religiosas centro-africanas era a sua capacidade de renovação, abrindo-se a novos movimentos religiosos” (DEIBERT, 2015, p. 21). As novas experiências religiosas eram incorporadas à religião banto com a intenção de prevenir o infortúnio e maximizar a boa sorte. Por isso, de acordo com essa lógica, as etnias centro-africanas tiveram suas crenças, de certo modo, combinadas com as dos nativos e europeus que viviam no Brasil. A adesão ao cristianismo por parte dessa população, no Brasil, não implicava o abandono ou a diluição completa das tradições religiosas de sua terra mãe. Essa característica da tradição religiosa banto se configura como uma reatualização dos preceitos básicos dessa tradição, o que ocasionou, no Brasil, as práticas do Calundu da Cabula, que se assemelham em inúmeros aspectos à Macumba do Rio de Janeiro. Os olhares externos que desconheciam a dinâmica presente na tradição religiosa banto classificaram o calundu, de modo apressado, como uma prática sincrética e como uma simples mistura de várias tradições religiosas. Já Costa (1987) afirma que o termo “Umbanda” será futuramente a designação de um dos ramos da Macumba, após seu desdobramento, por influência do Espiritismo Kardecista.

Ao longo do século XVIII, o grupo linguístico sudanês foi trazido para o território brasileiro, principalmente para os estados da Bahia e de Pernambuco. As populações desse grupo viviam em territórios que hoje são conhecidos como Nigéria, Benin (ex-Daomé) e Togo. Dentre os povos estão, entre outros, os jeje (ewe ou fon), os fanti-ashantis e os iorubás ou nagôs (subdivididos em ketu, ijexá, egebá, entre outros). Foram trazidas também algumas nações islamizadas como os haussás, tapas, peuls, fulas e mandingas. Dentre os fatores que causaram a importação do grupo sudanês, está a queda do império de Oió, episódio que os tornaram vulneráveis ao mercado local de escravizados.

Os negros jejes, vindos do antigo Daomé, antecederam a presença iorubá no Brasil e foram responsáveis pela fundação de casas de Candomblé na Bahia (LIGIÉRO E DANDARA, 2000), fato que ajuda a entender, atualmente, a maior concentração de terreiros de diversas modalidades de Candomblé na região Nordeste. De acordo com Ronan Gaia e Alice Vitória (2021), o Candomblé Jeje compreende todos os cultos aos Voduns e associa essas divindades aos antepassados, entendendo que os Voduns possam ter vivido (ou não) na terra. Já o Candomblé de origem nagô ou iorubá se manifesta por meio dos Orixás, intermediários entre o deus supremo (Olorum) e a humanidade, retratados com os mesmos defeitos e qualidades das pessoas comuns.

Diante da diversidade de populações africanas no Brasil, a Igreja Católica inicialmente apoiou a escravidão negra. Com o tempo, esses indivíduos passaram a ser reconhecidos como possuidores de alma, ou seja, sujeitos à conversão religiosa. Esse reconhecimento foi acompanhado de esforços missionários para criar uma mediação cultural, na qual elementos das práticas africanas fossem reinterpretados e adaptados ao universo católico, possibilitando uma integração gradual entre tradições distintas. Essa mediação é visível na correspondência entre orixás e entidades das religiões afro-brasileiras e santos católicos, como Iansã e Santa Bárbara, Ogum e São Jorge, Iemanjá e Nossa Senhora da Conceição.

Contudo, o reconhecimento da espiritualidade africana não impediu que a Igreja Católica continuasse a apoiar a escravidão, mantendo um sistema de dominação que subordinava essas populações, mesmo diante de seu valor espiritual e da possibilidade de conversão religiosa.

A mediação cultural contribuiu para a conservação de diversos elementos tanto das crenças e práticas indígenas quanto das africanas. No entanto, isso não significa que esses povos aceitaram a religião dos colonizadores e missionários tão facilmente, considerando que os grupos transportados para as Américas não abandonaram sua fé e filosofia mística tradicionais. De acordo com Costa (2013), com o passar do tempo, os africanos e seus descendentes tiveram a necessidade de se organizar para reviver e reavivar a África simbólica que traziam na memória. Desse modo, construiu-se, através de um imaginário mítico, um espaço em que se tornou possível vivenciar um processo religioso altamente sincrético, composto por elementos africanos, católicos e do universo dos povos originários. As diversas formas de resistência podem ser encontradas nos relatos sobre os quilombos; sobre a predisposição para festas e celebrações; os ritmos e corporalidade presentes no samba e na capoeira; e a criação das irmandades leigas negras no Brasil (LIGIÉRO E DANDARA, 2000).

Ligiéro e Dandara (2000) explicam que a tradição iorubá está entre as culturas africanas mais compreendidas ou, em muitos casos, é a única que os brasileiros consideram relevante. A enorme influência dos iorubás no dia a dia cultural mostra que sua liderança foi aceita e reforçada pelas demais etnias afro-brasileiras. No entanto, o exagero dessa qualidade produz injustiças históricas contra outras tradições africanas, as quais igualmente constituíram a cultura do país por meio de suas diásporas. Tal injustiça histórica é comumente chamada de “nagocracia”.

Um dos motivos para que isso ocorresse foi a conservação do idioma iorubá - pois é na língua que se encontra codificada grande parte das informações da identidade cultural e religiosa de uma população -, enquanto os demais idiomas africanos presentes no Brasil já teriam se fragmentado com o tempo. O domínio

cultural dos iorubás se deu pelo emprego de uma sábia diplomacia presente na organização multicultural dos terreiros onde cultuavam em um único templo divindades (orixás) antes cultuadas separadamente na África.

Diante de todas as práticas e crenças religiosas que surgiram no Brasil colonial, Macedo (2008) expõe os principais cultos gerados no território brasileiro: o Batuque no Rio Grande do Sul, de origem banto; a Casa de Mina, praticados por Nagôs no Maranhão; o Candomblé, na Bahia, praticado por sudaneses; a Encantaria ou pajelança, no Amazonas e Pará, misturados com cultos indígenas; o Catimbó, no Nordeste brasileiro, com influências africanas, indígenas e do catolicismo popular europeu; o Xangô, difundida no Nordeste; a Macumba, de origem banto e praticada no Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo; e Umbanda, influenciada pelo espiritismo kardecista, baseado na ideia de “reencarnação”, em religiões afro-brasileiras, cultos indígenas e no catolicismo popular.

Ao discutir sobre o processo de formação da Umbanda, é possível verificar que diferentes estudiosos investigadores desse fenômeno se deparam com inúmeras interpretações que abordam sua conformação, seu processo de legitimação e a nacionalização dessa religião, com variações de contextos históricos, datas, origens e personagens. Costa (2013) afirma que o processo religioso presente na base estrutural da Umbanda é composto pela herança de três práticas religiosas precedentes: os Calundus, a Cabula e a Macumba, todos originários da tradição religiosa banto. O que se pode verificar, na maioria dos estudos que tocam essa temática, é a concordância na ideia de que o final do século XIX e o início do século XX trouxe transformações significativas para o Brasil, como a abolição da escravidão, a Proclamação da República e o processo de integração dos negros em uma sociedade crescentemente urbana e segmentada em classes. As cidades começaram a crescer e uma nova organização social surgiu, o que também permitiu um maior contato intercultural entre brancos, negros e indígenas.

Como já afirmado anteriormente, a Igreja Católica considerava certas práticas e crenças demoníacas, estando o Calundu, a Cabula e a Macumba dentro dessa perspectiva. A Umbanda, na tentativa de se afastar desse estigma, buscou sua legitimação e consolidação na primeira metade do século XX, a partir da ação dos grupos de classe média oriundos do kardecismo. No entanto, segundo Bruno Rohde (2009), as características rituais, os elementos materiais e simbólicos, as memórias e o imaginário do universo umbandista não podem ter sua constituição reduzida a esse período. Possivelmente, grande parte destes elementos já eram moldados há muito tempo.

Como é possível perceber, segundo os diversos autores referenciados, a Umbanda possui, em seus elementos, uma forte herança da tradição religiosa banto.

O domínio da cultura centro-africana na Umbanda é consequência da grande quantidade de pessoas que carregam essa ancestralidade, assim como também há uma grande influência dessa tradição no restante da cultura popular brasileira, seja no aspecto religioso, musical ou estético. Dentro da Umbanda, pode-se notar a predominância dessa cultura na música, na dança e no transe (performance ritual); no ponto riscado e no simbolismo das cores (pictografia); e na pemba, plantas e pedras (elementos ritualísticos) (LIGIÉRO e DANDARA, 2000).

Nesse sentido, tomando como recorte analítico o município de Varginha-MG, no ano de 2025 foram identificados 26 (vinte e seis) Terreiros de religiões de matriz africana em atividade. Entre eles, observam-se diferentes variações da Umbanda, como a Umbanda Omolocô e a Quimbanda, além de terreiros de Candomblé. A seguir, apresenta-se o levantamento realizado para o presente dossiê, contendo os respectivos nomes, endereços, responsáveis, variações rituais e históricos de fundação de cada espaço religioso.

Em Varginha, uma grande referência histórica para os terreiros é o Terreiro Abassá de Logum Edé, que pertencia ao Pai de Santo José Luiz Viana Galdino, já falecido, conhecido como Paizão. O Terreiro atualmente é gerido por Pai Paulo Roberto Pereira Gomes. Grande parte dos Pais e Mães de Santo atualmente existentes em Varginha foram iniciados e formados nesse Terreiro, por este motivo ele é referencial.

A Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã (Casa do Segredo do Príncipe Caçador Guerreiro das águas) – Abassá de Logum Edé foi fundada entre o final da década de 1970 e o início da de 1980 por José Luiz Viana Galdino, conhecido como Paizão, inicialmente na Rua Rio de Janeiro, no Centro de Varginha. Em 1986, com a ajuda financeira e laboral dos médiuns e simpatizantes, um novo barracão foi construído no local onde se encontra atualmente. Após a morte de Paizão, em 6 de novembro de 2021, a liderança passou para Pai Paulo Roberto Pereira Gomes, que já frequentava o terreiro há mais de 40 anos, tendo atuado como pai pequeno antes de assumir a direção.

A entrevista com Pai Paulo, cujo nome de batismo é Paulo Roberto Pereira Gomes, traz um relato detalhado sobre a história, as práticas e os desafios do terreiro de Candomblé e Umbanda sob a sua responsabilidade em Varginha. Nascido no Rio de Janeiro em 29 de abril de 1963, ele narra sua trajetória nas religiões de matriz africana, desde sua chegada à cidade até se tornar o líder da casa.

Na adolescência, por volta de 1978, veio para Varginha acompanhado de um amigo chamado Jairo. Ambos já conheciam o Candomblé e decidiram procurar um centro, encontrando José Luiz Viana Galdino, o Paizão. Após algumas idas e vindas entre o Rio e Varginha, fixou-se na cidade. Foi iniciado no Candomblé em 4 de

dezembro de 1980, dois anos depois de conhecer o Paizão. Morou por um período na casa dele e, depois, estabeleceu-se em Varginha, onde trabalhou na colheita de café e como ajudante de cozinha.

Paizão, natural da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, já era iniciado no Candomblé antes de se mudar para Varginha, por volta de 1978, para morar perto de parentes. Era uma pessoa acolhedora, gostava da casa cheia e abrigava muitas pessoas em sua casa/terreiro. Paizão sempre morou no mesmo espaço onde existia o terreiro, assim como acontece no momento com o Pai Paulo. A casa original foi fundada em 1978 ou 1979, na Rua Rio de Janeiro. A data de 1986, registrada na fachada da edificação atual, refere-se à inauguração naquele endereço.

Pai Paulo recorda antigos líderes da Umbanda e do Candomblé em Varginha, como o senhor Vicente (Caboclo Cipó), senhor Célio (Urubatã), senhor Paulo Penaverde, Pai Carlos das Sete Flechas — considerado o mais antigo —, dona Flor e seu Átila, que realizava toques na mata, sem possuir barracão. Ele afirma que o terreiro do Paizão foi o primeiro de Candomblé no sul de Minas, em um período em que predominava a Umbanda e havia muito preconceito contra o Candomblé, visto como “coisa do diabo”.

O terreiro do Pai Paulo, possui um barracão principal destinado aos rituais, uma cozinha coletiva que atende às cerimônias e outra particular, localizada na parte superior da edificação, que atende às suas necessidades particulares e de sua família. Há quartos específicos, como casa de santo, casa de Exu, quarto de Ogum e quarto de ancestral. Existe também a camarinha ou pegí, espaço reservado aos rituais de iniciação, onde não se pode fotografar nem entrar sem ser iniciado. No terreno há árvores sagradas, como o pé de akokô, essencial para todas as iniciações, e o Peregum, utilizado para limpeza e proteção. As mudas de dendê foram trazidas do Rio de Janeiro.

Pai Paulo acredita que o reconhecimento do terreiro como patrimônio cultural de Varginha pode contribuir para sua manutenção, auxiliando em reformas, no pagamento de contas e na preservação do espaço. Ressalta a importância de os terreiros possuírem sede própria, evitando a descontinuidade que o aluguel pode causar. Critica pais de santo que descartam oferendas em locais inadequados, como minas d’água e reservas, o que causa poluição e reforça o preconceito. Afirma que procura sempre realizar os descartes em locais apropriados e distantes.

Além do terreiro do Pai Paulo, um dos Terreiros mais antigos da cidade é o Templo Espírita Caboclo Urubatã, fundado em 1968 por Célio Santos Diniz.

O Templo Espírita Caboclo Urubatã, localizado em Varginha, é um espaço sagrado de Umbanda que possui complexa trajetória histórica e social, sendo possivelmente a casa mais antiga da região. Fundado em 1968 e registrado em 1972,

a sua criação se deu em um período de grande preconceito, perseguição policial e política, e racismo, exigindo muita luta para se manter.

A história do Templo Espírita Caboclo Urubatã foi marcada por diversos períodos e líderes. O Seu Célio assumiu a casa por volta de 1980–1985, dando-lhe visibilidade até meados dos anos 1990. Após o desencarne de Seu Célio, a casa chegou a fechar por um tempo, pois não houve quem assumisse, e o ponto começou a ser usado indevidamente por pessoas que o viam como forma de poder. O espaço foi recuperado no início dos anos 2000 após um processo judicial, liderado por Batista, que reergueu a casa. Posteriormente, Vanderley, o pai pequeno na época, assumiu a liderança até ser desligado por volta de 2019/2020.

O dirigente espiritual atual é Natanael Serafim Coelho. Criado em berço católico, ele superou o medo e o preconceito da Umbanda, que atribuía à falta de informação. Natanael iniciou sua trajetória na casa em 2015, entrando na corrente mediúnică em janeiro de 2016. Sua ascensão foi rápida: em um ano e meio foi coroado pai pequeno e, em um período de três anos, teve que assumir a liderança da casa sozinho. Natanael não vê sua posição como um cargo de poder ou vaidade, mas sim como o mais necessitado e responsável por conduzir as pessoas, acreditando que a casa é maior do que quem está à frente, e a espiritualidade o substituiria caso desviasse da missão.

A casa possui uma organização notável, com a participação ativa de médiuns como Tati, que cuida da arte e divulgação, e Luiz Paulo, que atua como secretário executivo na organização. O terreiro possui registro na Receita Federal, CNPJ, e está regularizado.

A seguir, inserimos dados colhidos ao longo do processo de Registro, com dada um dos terreiros de Varginha e suas lideranças.

3. Relação e descrição dos Terreiros existentes em Varginha em 2025

3.1 Associação Centro Espírita Casa da Luz e Casa Caboclo Guaraci

Endereço: R. Vicente Grecco, 155 - São Sebastiao, Varginha - MG, 37044-050

Coordenadas: -21.55206617177033, -45.42063640454103

Responsável: Marcelo Albinati Ramos

Linha: Umbanda e Espiritismo mediúnico

Histórico / descrição

A Associação Centro Espírita Casa da Luz e a Casa Caboclo Guaraci de Umbanda foram fundadas em 1983 por Marcelo Albinati Ramos e sua esposa, Maria Sibéria Pelegrino Ramos. Marcelo, que atua na religião há 43 anos, é o responsável pelo centro. Atualmente, a presidência da associação é exercida por José Chaves Carvalho, integrante há dois anos.

Marcelo nasceu em São Gonçalo do Sapucaí (MG), em uma família católica. Desde criança, aos cinco ou seis anos, já se sentia atraído pelos sons e rituais da Umbanda, frequentando centros sem pleno conhecimento. Aos sete anos, sua família o enviou ao seminário na tentativa de afastá-lo da Umbanda, mas ele continuou estudando espiritismo. Mais tarde, serviu na Força Aérea como fotógrafo, período em que sofreu um acidente. Em 1979, mudou-se para Varginha. Sua iniciação na Umbanda ocorreu pelas mãos do cunhado, Ângelo Vicente Pelegrino, médium renomado do Templo do Urubatã, ligado à vertente de Célio Sanches Diniz, antigo responsável pelo Templo Espírita Caboclo Urubatã. Um grupo inicial iniciou o processo de desenvolvimento mediúnico, formado por: Marcelo Albinati, Tânia Lasmar, José Leduino e Alexandra Tanira, além da própria médium Sibéria e de Ildete Costa.

O primeiro espaço do centro foi um porão na casa de Ângelo, na Rua Tônico Xavier, no bairro Bom Pastor. Em seguida, mudaram-se em 1990 para o centro da cidade, em um espaço alugado próximo à estação, em frente à Casa do Fazendeiro. Mais tarde, após Marcelo perder o emprego e não conseguir mais manter o aluguel, em 1993, construiu com as próprias mãos o prédio atual, localizado na Rua Vicente Greco, número 155, no bairro São Sebastião. As atividades começaram mesmo com o espaço ainda em construção. A fundação de direito ocorreu em 06 de outubro de 2020, quando a instituição obteve registro documental, inscrição municipal e, em seguida, o reconhecimento como utilidade pública municipal. Esse passo garantiu maior legitimidade e fortalecimento institucional, permitindo a ampliação de suas atividades e do alcance de seus trabalhos junto à comunidade.

A Casa da Luz combina Espiritismo e Umbanda em espaços e trabalhos separados e independentes. No setor espírita, realizado em uma sala específica,

destacam-se os mentores Padre Vítor e Doutor Bezerra de Menezes que realizam trabalhos mediúnicos. Marcelo faz questão de reforçar que não existe “kardecismo”, apenas Espiritismo, sendo o termo uma forma de diferenciação. Já a Umbanda é conduzida pelo Caboclo Guaraci. Na mesa mediúnica kardecista – realizada todas as segundas e quartas-feiras, sempre às 20h, voltada para estudos, esclarecimento e auxílio espiritual.

Na Umbanda o trabalho segue uma sequência ritualística orientada pelos guias espirituais da casa, iniciando com os Pretos Velhos, passando pelos Caboclos, Baianos (intermediários) e finalizando com Exu e Pomba Gira.

Para Marcelo, a Umbanda é a única religião genuinamente brasileira, com origem nas tradições dos povos Tupi-Guarani e no culto à Jurema. “A Umbanda é cabocla. Ela começou com os caboclos, nas matas, que nada mais eram do que os índios que haviam morrido e voltavam para ensinar e se manifestar através dos médiuns da tribo. Assim nasceu a Umbanda, a partir do culto à Jurema. Essa é a nossa Umbanda, que tem origem nesse culto. O Catimbó também vem dessa vertente e é igualmente uma religião brasileira” (depoimento de Marcelo Albinati para o Dossiê de Registro).

Ele explica que a palavra Umbanda, em Tupi-Guarani, significa “lado oculto”, sendo “um” o oculto e “banda” o lado. Critica as chamadas “novas Umbandas”, como a Esotérica, por alterarem a essência original e incorporarem elementos de outras tradições.

As práticas da casa seguem princípios específicos: não há oferendas de alimentos ou bebidas alcoólicas para consumo das entidades, sendo as bebidas usadas apenas em rituais de limpeza. O uso de ervas para banhos e curas é recorrente, seguindo tradições indígenas. O centro evita adereços como cocares elaborados, vistos como invenções cinematográficas, e mantém a simplicidade na vestimenta, que consiste em roupas brancas trocadas antes e depois dos trabalhos. Os Pretos Velhos, embora presentes, são compreendidos como fruto de um processo histórico ligado aos escravizados muçulmanos conhecidos como Malês, e não diretamente às tradições africanas. Já Exus e Pomba Giras são tratados como protetores que lidam com energias da natureza, sem as deturpações populares que os associam a figuras negativas. Zé Pilintra é compreendido como Mestre do Catimbó, de origem nordestina.

Os pontos cantados e riscados ocupam papel central, carregando significados, histórias e símbolos, transmitidos de mestres como Célio Sanches Diniz. Marcelo compõe e ensina pontos cantados, enquanto os riscados trazem representações como flechas de Oxóssi, ondas de rios, triângulos, pentagramas e cruzeiros, usados em

limpezas e descarregos. O centro também utiliza um atabaque, valorizando a harmonia dos toques como Ijexá, Nagô e Samba de Caboclo.

A Casa da Luz possui cerca de 47 a 50 médiuns, número reduzido nos últimos anos devido à pandemia e ao envelhecimento do corpo mediúnico.

Entre as festividades, destacam-se as celebrações anuais de Cosme e Damião, realizadas em setembro, e as homenagens mensais a Orixás, sem caráter festivo. O centro oferece passes, descarregos e trabalhos de desobsessão, sempre de forma gratuita. Seu sustento financeiro vem de contribuições dos médiuns, fixadas em R\$ 30, e de doações esporádicas. Também desempenha ações de caridade, como a arrecadação e distribuição de cestas básicas para famílias de bairros próximos, especialmente no Natal, quando são acompanhadas de presentes para crianças cadastradas. Em uma das últimas ações, foram entregues mais de 400 cestas.

A estrutura do centro possui uma tronqueira externa dedicada a Exus e Pomba Giras e segredos de Congá voltados à proteção. Entre as principais dificuldades, Marcelo destaca a necessidade de segurança e respeito diante de episódios de intolerância religiosa, além de pleitear isenções de taxas de água e luz e apoio financeiro, de forma transparente e sem desvios, como os concedidos a outras tradições religiosas.

Em suas observações, Marcelo ressalta que a mediunidade é uma característica presente em todos os seres humanos e que seu desenvolvimento correto evita problemas espirituais e psicológicos. Critica práticas modernas como “despachos virtuais” e longas incorporações online, reafirmando que o atendimento deve ser pessoal e discreto. Por fim, reforça que a Casa da Luz busca seguir a linha original da Umbanda e do Espiritismo, com humildade, amor e os ensinamentos de Jesus como base de sua atuação.

Periodicidade

As atividades acontecem às segundas e quartas-feiras, com trabalhos espirituais, e às sextas-feiras com a Umbanda, atualmente em frequência quinzenal por questões de saúde de Marcelo, mas com intenção de retorno ao ritmo semanal. Todas as sessões iniciam às 20h. Além disso, são oferecidos cursos e apostilas para padronizar e aprofundar o conhecimento dos médiuns, em horários distintos das giras.

Fotografia



Imagem 02: Associação Centro Espírita Casa da Luz e a Casa Caboclo Guaracy de Umbanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.

3.2 Casa Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro

Endereço: R. Maria José Barreto, 145 - Jardim Aurea, Varginha - MG, 37034-010

Coordenadas: -21.53922120871344, -45.4544932468702

Responsável: Tatiana Andreza Tenório Santos, conhecida como Mãe Tuti

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

Tatiana Andresa Tenório nasceu em 31 de julho de 1980, na cidade de Varginha. Na Umbanda, é conhecida como Mãe Tuti. Em sua vivência na Umbanda, todos os feitos são referenciados como “Babá de Umbanda”, sem nomes específicos como ocorre no Candomblé. Sua iniciação religiosa aconteceu aos dezoito anos, em 1998, no Abassá de Logum Edé regido por José Luiz Viana Galdino, o conhecido Paizão.

A sua trajetória espiritual está profundamente ligada ao legado familiar. Sua mãe, Euflauzina Tenório Santos, foi iniciada na Umbanda aos dezesseis anos, em Vitória, no Espírito Santo. Era conhecida como Mãe Flor e chegou a fundar seu próprio terreiro, chamado “Sultão das Matas”. Este terreiro, no entanto, não teve continuidade após seu falecimento em 2003, devido à ausência de um local fixo. A orientação espiritual de Mãe Flor foi conduzida por José Baiano, seu padrasto, um candomblecista da Bahia, que percebeu os sinais espirituais que ela apresentava. A família mudou-se do Espírito Santo para Varginha em busca de melhores condições de vida. Na nova cidade, Mãe Flor frequentou terreiros como Pena Branca e Urubatã.

Dos oito filhos de Mãe Flor, todos seguem na religião, mas apenas Mãe Tuti, seu irmão Pai Du, Mãe Cleusa e Ulisses (Ogã) permanecem atuantes na condução espiritual. Em 2023, após seu divórcio, Mãe Tuti abriu seu próprio terreiro com o propósito de cuidar de seus filhos espirituais. Enxerga esse espaço como uma extensão do Abassá onde ela e os irmãos foram iniciados.

O Abassá de origem, criado por Paizão, sempre abrigou práticas tanto da Umbanda (Omoloko) quanto do Candomblé (Jeje). As sessões de Umbanda ocorriam tradicionalmente às quartas-feiras, enquanto as festas de Orixá eram realizadas aos sábados. Mãe Tuti passou por todas as etapas de iniciação dentro do Abassá: Obi, Bori, Camarinha, Coroação e Renovação, uma vez que a mãe carnal não poderia exercer a função de mãe de santo para seus próprios filhos. Após o falecimento de Mãe Flor, o irmão da Mãe Tuti, o Pai Du assumiu a responsabilidade de manter o legado, fundando o terreiro “Luz de Ouro”.

No terreiro de Mãe Tuti, as giras acontecem aos sábados, às 20h, sendo abertas a todos que cheguem com respeito. O barracão é o coração da casa, onde está o altar com elementos simbólicos. Ela mora dentro do próprio barracão,

mantendo privacidade em seu quarto. A cozinha é compartilhada entre uso pessoal e do terreiro, e ali também está a imagem do São Benedito.

A hierarquia no terreiro é organizada com os cargos e etapas tradicionais. O yawo (ou iaô) é o iniciante. As etapas de iniciação incluem Obi, Bori, Camarinha, Coroação e Renovação de Coroação, com um tempo de percurso que pode durar de meses até vinte anos. O Babá de Umbanda é aquele que fez o primeiro Obi. O Ogã, como seu irmão Ulisses, é quem toca o atabaque, invoca as entidades e age como os olhos e ouvidos da casa. O Ogã não possui terreiro próprio, pois já nasce com essa função. A Mãe Pequena ou o Pai Pequeno na Umbanda cuidam dos yawos recolhidos para rituais. Já no Candomblé, a Mãe Criadeira é responsável por prover todas as necessidades dos yawos durante o recolhimento, cargo que é dado pelo Orixá dirigente da casa.

Entre os elementos sagrados, o altar reúne os Orixás e suas respectivas representações. Oxalá é simbolizado por um crucifixo no centro do altar. Oxóssi é associado a São Sebastião e às cores verde e amarela, com oferendas como milho, amendoim, coco, pão, frutas e vinho branco. Ogum é vinculado a São Jorge, sendo considerado o primeiro Orixá a pisar na terra, representado pela espada. Também estão presentes Iemanjá (Nossa Senhora Aparecida), Oxum, Iansã, Nanã, Xangô (São Jerônimo), Erês (São Cosme e Damião) e Exu. Além dos Orixás, há as entidades falangeiras como Caboclos, Pretos Velhos e Boiadeiros, que se manifestam por meio dos Orixás.

Os objetos e rituais incluem os otás, que são pedras sagradas utilizadas para cultuar os Orixás, frequentemente associadas aos santos católicos por meio do sincretismo. As oferendas variam conforme a entidade: milho, coco e pão para Oxóssi; cachaça para Exu. As oferendas são arriadas e depois despachadas em locais específicos como matas e encruzilhadas. Mãe Tuti tem o cuidado de evitar danos ao meio ambiente, optando por envolver as oferendas em folhas em vez de alguidares de barro quando despacha as oferendas na natureza.

Durante as giras, as entidades podem fazer pontos riscados no chão, desenhos que confirmam sua presença. A indumentária dentro do terreiro inclui saiate e blusa branca, além do uso obrigatório de turbante. As contas ou guias são colares coloridos que representam os Orixás e falangeiros. Cada etapa de iniciação exige guias diferentes. Esses colares podem conter elementos como espada, crucifixo, garfo (Exu), chave (caminho), búzios (moeda de troca com o Orixá) e dente de boi (Boiadeiro).

Outros elementos do terreiro incluem o mariô, feito de folhas de coqueiro nas portas e janelas, utilizado para afastar maus agouros; o peregum, planta que simboliza a fortaleza da casa; a sineta, uma campainha usada para chamar entidades,

peças ou santos, que só pode ser tocada por um babá feito; o atabaque, instrumento musical tocado pelo Ogã, com três tipos: Rum, Rumpi e Lê; o São Benedito, imagem na cozinha que representa prosperidade; o cruzeiro, altar externo destinado ao Preto Velho; e o assentamento de Exu, geralmente no portão, com a função de proteger a casa.

O conhecimento sobre as ervas é transmitido dentro da religião. Mãe Tuti menciona o uso de boldo para banhos calmantes e fins medicinais. A agoniada e a colônia de lemanjá são utilizadas em chás para pressão alta e em banhos para insônia.

A trajetória de Mãe Tuti é marcada por uma herança ancestral forte e pelo compromisso de manter viva a tradição da Umbanda e do Candomblé, em continuidade ao legado de sua mãe e de sua família.

A transmissão do conhecimento na religião de matriz africana vivenciada por Mãe Tuti se dá por meio da ancestralidade, das entidades espirituais, da observação e do ensino direto realizado por Pais e Mães de Santo. Esse saber não é fixo nem meramente intelectual; é cultivado com o tempo, na prática e na convivência. O entendimento é que o conhecimento precisa germinar, gerar frutos — ou seja, os iniciados devem absorver os ensinamentos e, futuramente, serem capazes de também ensinar, assegurando a continuidade da tradição religiosa.

Para Mãe Tuti, a religião não é algo a ser guardado individualmente ou vivido de forma estática. É necessário caminhar, aprender, evoluir espiritualmente. Cada pessoa encontra na religião um propósito: alguns são chamados para o sacerdócio; outros buscam nela caminhos de autoconhecimento, cuidado pessoal ou familiar. A missão religiosa não é a mesma para todos, e esse reconhecimento faz parte da vivência e da maturidade dentro da fé.

Sobre sua relação com o público e o contexto mais amplo da patrimonialização da religião, Mãe Tuti relata nunca ter sofrido preconceito religioso em sua vida pessoal ou profissional. Atribui isso ao respeito que cultiva em suas relações e à maneira como se posiciona diante das pessoas e das situações. Ela acredita que o respeito mútuo é fundamental, e que a postura dos próprios praticantes tem papel central na forma como são percebidos.

Mãe Tuti enxerga de forma positiva a possibilidade da existência de espaços públicos voltados à visibilidade da religião, considerando essa iniciativa importante para combater preconceitos. Porém, aponta que ainda há resistência e desrespeito, inclusive por parte de representantes de outras religiões. Cita, como exemplo, um episódio em um evento de "Consciência Negra", no qual um padre teria se recusado a permitir apresentações de cunho afro-religioso. Para Mãe Tuti, o respeito deve partir, primeiramente, dos próprios religiosos, de todas as crenças.

Ela considera válidas e importantes as iniciativas da Fundação Cultural, como seminários, palestras e oficinas, definindo-as como "plausíveis" e "muito boas". Avalia esse movimento como um "trabalho de formiguinha", necessário para educar a população e romper com preconceitos através da informação e da aproximação com a cultura afro-brasileira.

A religião, segundo Mãe Tuti, é um "norte" e um "alicerce", mas não substitui o trabalho de profissionais como psicólogos e médicos. Reconhece que os terreiros necessitam de apoio para manter suas estruturas e atividades, mas reforça que o essencial é o respeito. Para ela, esse é o princípio básico que deve guiar todas as relações — entre pessoas, entre religiões, e entre o sagrado e o espaço público.

Periodicidade

As giras acontecem aos sábados, às 20h, sendo abertas a todos que cheguem com respeito.

Festividades

- Janeiro: Oxóssi (festa, oferendas, sacrifício animal em Molocô).
- Fevereiro/março: Geralmente sem festas.
- Abril: Ogum.
- Maio: Preto Velho (a festa mais esperada).
- Junho/julho: Variável (por exemplo, festa de Exu).
- Agosto: Nada específico na Umbanda.
- Setembro: Erê (festa das crianças, dia 27).
- Outubro/novembro: Variável (por exemplo, festa de Exu do irmão de Mãe Tuti).
- Dezembro: Homenagem às labás (Orixás femininas: Iemanjá, Oxum, Iansã, Nanã), encerrando o ano.

Fotografias



Imagem 03: Ritual no Barracão da Mãe Tuti.
Acervo da Mãe Tuti. s/d.



Imagem 04: Ritual no Barracão da Mãe Tuti.
Acervo da Mãe Tuti. s/d.



Imagem 05: O Congá no Barracão da Mãe Tuti.
Fotografia de Danielle Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 06: Mãe Tuti diante do seu Altar no Barracão. Fotografia de Danielle Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 07: Atabaque no Barracão. Fotografia de Danielle Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 08: Assentamento de Exu no Terreiro da Mãe Tuti. Fotografia de Danielle Guimarães, 03 de setembro de 2025.

3.3 Casa de Umbanda Ogum Sete Espadas

Endereço: Av. Jacinto Zanateli, 445 - Jardim Corcetti I, Varginha - MG, 37036-600

Coordenadas: -21.52833157165977, -45.45206658919927

Responsável: Diego Henrique Mateus (Pai Diego de Ogum)

Linha: Candomblé e Umbanda Omoloko

Histórico / descrição

A Casa Umbanda Ogum Sete Espadas foi fundada em 1998 pela Mãe de Santo Maria Luísa Oliveira Gonçalves de Carvalho. Inicialmente dedicada apenas à Umbanda, a Casa logo se expandiu para o Candomblé, tradição introduzida pelo marido de Maria Luísa Henos de Carvalho, em articulação com a matriarca Cleusa Maria de Oliveira Gonçalves. Desde então, o terreiro passou a reunir duas linhas religiosas, cada qual mantida em sua especificidade, mas compartilhando o mesmo espaço e a mesma linhagem espiritual.

Com o falecimento de Maria Luísa, no final de 2024, a responsabilidade pela Umbanda foi entregue a Diego Henrique Mateus, conhecido como Pai Diego de Ogum. Casado com Yasmin Kelly Gonçalves de Carvalho, filha carnal de Maria Luísa, ele assumiu a regência a pedido da sogra, que antes de partir reconheceu nele a preparação e a legitimidade necessárias para dar continuidade ao trabalho da casa. O Candomblé permanece sob a responsabilidade de Henos de Carvalho, que hoje se dedica apenas a atendimentos particulares. Já dona Cleusa, hoje com 90 anos, continua a ser referência espiritual e guardiã das tradições do Candomblé.

A sucessão também se expressa no nome do terreiro. É costume que, ao assumir a liderança, o novo dirigente atribua à Casa uma nova denominação, reafirmando a entidade que passa a reger sua coroa espiritual, mas mantendo a essência ancestral. A linhagem espiritual da Casa está ligada ao “Paizão”, apelido de José Luiz, do Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã, hoje representado por Pai Paulo, reforçando a união entre casas que compartilham o mesmo Axé.

A trajetória pessoal de Diego também ajuda a compreender sua chegada à liderança. Ele iniciou-se na Umbanda ainda criança, por volta dos nove ou dez anos de idade, na Casa de Pai Du, onde frequentava junto de sua irmã e foi onde fez o Santo. Cumpriu, ao longo dos anos, todas as obrigações necessárias até tornar-se zelador em 2023. Sua história revela um caminho de formação longo, que une o desenvolvimento pessoal, a ligação familiar e a responsabilidade espiritual.

O funcionamento da Casa Umbanda Ogum Sete Espadas mantém a separação entre as duas tradições. As sessões de Umbanda acontecem às quintas-feiras, reunindo cerca de quinze médiuns ativos. Além disso, os filhos de santo participam

de encontros e orientações específicas em dias combinados. Já o Candomblé se reafirma nas festividades.

No plano ritual, as vestimentas e acessórios marcam as diferenças entre níveis de iniciação. Médiuns iniciantes usam roupas brancas, permanecem descalços, sentam-se no chão e utilizam copos de plástico, em alusão à memória dos escravizados. Já os Pais e Mães de santo podem usar calçados e utensílios de vidro ou metal. As roupas de santo são reservadas para momentos específicos, evitando que absorvam energias negativas fora do terreiro. As contas, confeccionadas e fechadas pelo Pai de Santo, têm papel central. Apenas as lideranças podem portar guias de sete linhas, enquanto contas de anjo de guarda ou de aço podem ser usadas no dia a dia como forma de proteção. As contas de sete linhas representam Exu, Ogum, Xangô, Yansã, Oxum, Nanã e Iemanjá.

Os alimentos também ocupam lugar fundamental nas ritualísticas. As oferendas e comidas destinadas às entidades no terreiro seguem uma organização específica, respeitando as tradições de cada santo ou linha espiritual. Para Ogum, os alimentos ofertados incluem farinha, a ponta da rabada, dendê, cebola, camarão e cerveja. Já para Xangô, são preparados pratos à base de quiabo, acompanhados da rabada inteira em pedaços maiores de carne, além de cerveja preta, mel e velas. As Yabás — Iansã, Oxum, Nanã, Obá e Iemanjá — recebem como oferenda o manjar, feito de amido de milho com leite, geralmente decorado com frutas fatiadas, como maçã e uva. No caso de Iemanjá, acrescenta-se a rosa branca como agrado especial. Para todas as Yabás, a bebida ofertada é champanhe. Os caboclos e boiadeiros recebem milho, amendoim, coco e vinho, podendo ainda ser oferecida pinga servida no coco. Os baianos, por sua vez, são homenageados com farofa apimentada, preparada com bastante carne e pimenta, remetendo ao gosto característico de sua tradição. Já os pretos velhos recebem café sem açúcar, servido com alho, em referência à simplicidade e força dessa linha espiritual. As bebidas mais comuns são vinho, pinga no coco e às vezes cachaça. Todos os pratos são preparados em um fogão a lenha exclusivo para uso ritual, e recebem bênçãos que simbolizam fartura e prosperidade.

A música dá o tom das cerimônias. Os atabaques, considerados sagrados, só podem ser tocados por médiuns escolhidos ou pelo Pai de Santo. Na Umbanda, mulheres podem assumir o papel de curimbeiras ou tabaqueiras; no Candomblé, apenas os ogãs desempenham essa função. Os cantos também se diferenciam: na Umbanda, predominam os pontos cantados, que narram a história das entidades; no Candomblé, as cantigas são entoadas em iorubá, preservando a língua ancestral.

Entre os rituais, é costume tomar banho de cachoeira, como na Cachoeira do Manganga, ir em alguma mata e tomar banho de folha na mata.

A estrutura do terreiro é composta por um barracão principal, uma cozinha ritual com fogão a lenha, um quarto que serve para trocas de roupa e jogos de búzios — convertido em roncó durante as iniciações —, uma Casa de tempo, destinada a banhos rituais do Candomblé, e uma Casa de caboclo, vinculada à entidade de Diego. Logo na entrada encontram-se os assentamentos de Ogum e Exu Bará, que guardam a proteção do espaço. O terreno abriga ainda plantas medicinais e rituais, como pitanga, jurema, manjeriço, favaca, panaceia, costela de adão, colônia e rosa branca, utilizadas em chás e banhos. O beijoim é usado para defumação. Algumas folhas mais raras são coletadas em matas próximas.

A manutenção do espaço é custeada principalmente por Diego, que não cobra mensalidades dos médiuns. Parte dos custos é compensada por trabalhos particulares, como limpezas e uniões matrimoniais. No entanto, o maior desafio enfrentado pela Casa é a intolerância religiosa, que já resultou em denúncias de vizinhos e interrupções forçadas de sessões. Para responder a essas dificuldades, a Casa realiza ações sociais, distribuindo alimentos a famílias em situação de vulnerabilidade, embora precise de apoio externo, especialmente por meio da doação de cestas básicas.

Para o futuro, Diego e Yasmin sonham com um terreiro mais fortalecido e protegido. Eles defendem a realização de ações culturais abertas à comunidade, com palestras e eventos, que ajudem a reduzir o preconceito e aproximar a população da religião. Também destacam a importância de espaços de ensino, como oficinas de atabaques, para formar novos adeptos e preservar a tradição. Por fim, acreditam que o reconhecimento da Casa Umbanda Ogum Sete Espadas como patrimônio cultural da cidade de Varginha seria um passo essencial para garantir a proteção e a valorização de sua história e de sua herança espiritual.

Periodicidade

As sessões de Umbanda acontecem às quintas-feiras, com cerca de 15 médiuns ativos. Reuniões e ensinamentos específicos para filhos de santo acontecem em dias e horários combinados. Já o Candomblé é realizado a partir das festividades.

Celebrações da Umbanda

- Janeiro: Abertura do ano com Caboclo.
- Fevereiro/Março: Fechado para o Carnaval (devido à negatividade), mas sessões da Quaresma ocorrem com restrições.
- Abril: Festa de Ogum (dia 23).
- Maio: Preto Velho.
- Julho: Boiadeiro/Exu.
- Agosto: Baiano/Cigano.

- Setembro: Cosme e Damião (com distribuição de doces para crianças e sessão interna).
- Dezembro: Festa das labás (todos os orixás femininos), antes do dia 15.

As festividades geralmente são realizadas aos sábados, durante todo o dia, com preparação de alimentos que começa na segunda-feira e limpeza da Casa no domingo. Recebem muitos visitantes, incluindo membros de outras casas do Axé e de outras cidades.

Fotografias



Imagem 09: Casa Umbanda Ogum Sete Espadas. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 10: Casa Umbanda Ogum Sete Espadas. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 11: Casa Umbanda Ogum Sete Espadas. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 12: Casa Umbanda Ogum Sete Espadas. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 13: Casa Umbanda Ogum Sete Espadas. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 14: Casa Umbanda Ogum Sete Espadas. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.

3.4 Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda

Endereço: R. Antônio Galvão, 28 - Bom Pastor, Varginha - MG, 37014-410

Coordenadas: -21.54965950830009, -45.450171275705415

Responsável: Aysllan Fassio Andrade

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

A Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda, localizada em Varginha-MG, é dirigida por Aysllan Fassio Andrade, natural de Três Corações e residente em Varginha há quatorze anos. Sua trajetória espiritual está profundamente enraizada em uma tradição familiar centenária, originária do município de Luminárias, onde sua família mantém vínculos religiosos há mais de 120 anos. Nessa cidade, seus avôs, João Fácil e João Andrade, foram fundadores e dirigentes de dois importantes centros espíritas, além de manterem um terreiro de Umbanda em uma fazenda da família. Esse terreiro, de caráter mais reservado, era frequentado apenas por pessoas próximas, entre elas o próprio padre da paróquia local, o que contribuiu para o diálogo inter-religioso e para o gradual enfraquecimento do preconceito religioso na comunidade. Com o passar das gerações e a migração familiar para outras cidades, a direção do terreiro em Luminárias foi assumida por uma madrinha do pai de Aysllan, preservando parcialmente o legado espiritual da família.

Aysllan cresceu em meio a esse ambiente de forte tradição religiosa, frequentando as casas espirituais de sua família tanto em Luminárias quanto em Três Corações. Em 2016, recebeu o chamado espiritual para dar continuidade à linhagem familiar, assumindo a missão de dirigente espiritual. Inicialmente, atuou como dirigente do Centro Espírita Amor e Caridade, em Três Corações, em parceria com uma médium chamada Ana. Posteriormente, após se formar na faculdade, decidiu firmar sua própria casa em Varginha, materializando seu chamado religioso. Assim, em 2020, fundou, no bairro Bom Pastor, o terreiro Vô Bento de Aruanda, uma casa de Umbanda voltada especialmente aos trabalhos de cura espiritual.

Durante os primeiros anos de funcionamento, o terreiro chegou a reunir entre 80 e 90 consulentes por gira, tornando-se um importante espaço de acolhimento espiritual na cidade. No entanto, a crescente visibilidade também trouxe episódios de intolerância religiosa: o aumento de reclamações e ameaças por parte de vizinhos levou ao fechamento forçado da casa, fato descrito por Aysllan como um dos momentos mais difíceis de sua trajetória. Após o encerramento temporário das atividades, orientou seus filhos de santo a manterem tratamento espiritual e, caso desejassem, buscar outros espaços religiosos até que a casa pudesse ser reaberta.

Após cerca de nove meses de inatividade, e enfrentando resistência de proprietários que se recusavam a alugar imóveis para uso religioso, Aysllan reabriu o terreiro no final de 2023, em sua própria residência, onde passou a realizar atendimentos agendados e estudos doutrinários. Em 2025, a Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda foi reinstalada em um novo espaço, permitindo o retorno das giras semanais, realizadas aos sábados, às 17h30, e dos estudos espirituais, que ocorrem às quintas-feiras, às 20h30. Atualmente, o terreiro possui sete médiuns ativos.

As atividades litúrgicas do terreiro contemplam diversas linhas da Umbanda, com destaque para as giras de Caboclos, consideradas as principais da casa. Também são realizadas giras de esquerda, com Exus e Pomba Giras, giras de Pretos Velhos, Erês e falanges de limpeza, compostas por marinheiros, baianos, boiadeiros e ciganos. O terreiro é regido por Oxóssi, orixá da caça, das matas e do conhecimento, cuja festa é celebrada anualmente em 20 de janeiro, constituindo o principal festejo da casa. Outras celebrações de destaque incluem a festa de Iemanjá, em fevereiro, e a festa das crianças, em 27 de setembro, todas marcadas por intensa participação comunitária, reafirmação da fé e valorização dos saberes tradicionais da Umbanda.

Periodicidade

Atualmente, a Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda possui giras e estudos semanais. As giras acontecem aos sábados às 17:30h e os estudos acontecem às quintas-feiras, às 20:30h da noite.

Transformações

As maiores transformações ocorridas na trajetória da Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda estão relacionadas ao espaço físico. Desde sua fundação, em 2020, o terreiro enfrentou diversas mudanças de local em função de dificuldades estruturais e, sobretudo, de episódios de preconceito religioso que inviabilizaram sua permanência em determinados espaços. Inicialmente sediado no bairro Bom Pastor, o terreiro precisou ser fechado após sofrer ameaças e pressões da vizinhança. Posteriormente, suas atividades foram temporariamente transferidas para a residência do dirigente, em um espaço reduzido, onde passaram a ser realizados apenas atendimentos agendados e estudos doutrinários. Somente em 2023, com a conquista de um novo endereço, foi possível retomar as giras regulares e reestruturar as atividades rituais. Assim, as mudanças físicas do terreiro refletem não apenas uma adaptação espacial, mas também um processo de resistência, reafirmação da fé e continuidade da prática religiosa frente às adversidades sociais e à intolerância.

Fotografias



Imagem 15: Identidade da Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 16: Congá principal da Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 17: Congá de Exu da Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 202



Imagem 18: Congá de Marinheiro da Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 19: Horta com as ervas usadas nos rituais da Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 20: Adjá utilizado para a incorporação das entidades da Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 21: Objetos utilizados pelas entidades durante as giras. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 22: Cocar utilizado pelas entidades durante as giras. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025

3.5 Centro Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo

Endereço: R. Antônio Ribeiro Barra, 15 - Parque Boa Vista, Varginha - MG, 37014-670

Coordenadas: -21.546714635828266, -45.45201916036301

Responsável: Ademilson da Silva

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

A Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo, popularmente conhecida como Terreiro do Mi, foi fundada em setembro de 2017 por Ademilson da Silva, sua esposa Rafaela, sua mãe Sandramar, sua irmã Aricéia e outros familiares — Ana Paula, Bruna, Adenis e Wilian. Antes da fundação da casa, Ademilson já havia participado de outros terreiros, entre eles o do senhor Alaor, frequentado também por seus parentes.

Em sua residência, Ademilson mantinha uma tronqueira e um pequeno Congá com imagens das divindades. Em determinado momento, recebeu um telefonema dos familiares acima mencionados, que perguntaram se poderiam realizar um trabalho espiritual em sua casa. Inicialmente, Ademilson recusou, mas, segundo ele, ouviu uma voz afirmando que o trabalho aconteceria naquela noite. Em respeito à entidade que se manifestava, o ritual foi realizado, marcando o início de seu próprio terreiro.

Nos primeiros anos, as atividades da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo ocorriam em sua residência, também localizada no bairro Boa Vista, embora em outro endereço. Em 2020, o grupo passou a alugar o espaço onde atualmente se encontra o templo, consolidando o local como sede definitiva do terreiro.

De acordo com Ademilson, conhecido carinhosamente como Mi, sua relação com a espiritualidade começou ainda na infância, quando via as entidades, embora naquela época não compreendesse plenamente o que essas visões significavam. Com o tempo, ao acompanhar sua mãe — frequentadora de um terreiro na cidade —, passou a entender sua mediunidade e desenvolveu um profundo apreço pela religião.

Atualmente, o templo possui treze médiuns, cada um com uma trajetória singular e motivações diversas que os conduziram à Umbanda. Entre eles, formou-se um laço de convivência e afeto, sendo o grupo reconhecido como uma verdadeira família espiritual. Além dos médiuns, cerca de vinte consulentes costumam participar das cerimônias, buscando auxílio para questões espirituais e físicas, reforçando o papel do terreiro como um espaço de acolhimento e devoção.

No local, as principais datas festivas são em janeiro, destinado a Oxóssi; fevereiro, destinado a Iemanjá; abril, destinado a Ogum; maio, destinado aos pretos

velhos e a Santa Sara; junho, destinado a Xangô; julho, destinado a Nanã; agosto, destinado a Obaluaê e Oxumaré; setembro, destinado a Cosme e Damião; outubro, destinado a Oxum e em dezembro, destinado a Iansã e Oxalá.

Segundo os membros da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo, a maior dificuldade do espaço é a necessidade de terem uma sede própria. Além disso, também destacaram que é necessário haver uma união entre os terreiros do município, com a criação de uma associação, por exemplo, para que juntos possam pensar em formas de divulgar e valorizar as religiões de matriz africana. Na Umbanda, não existe nenhum tipo de preconceito, seu objetivo é ajudar qualquer pessoa que procure a religião. Por isso, divulgá-la é uma forma de buscar o respeito por ela e seus praticantes.

Periodicidade

Na Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo acontecem encontros uma vez por semana, às sextas-feiras, a partir das 20h.

Transformações

Segundo os membros, as principais mudanças que ocorreram no terreiro/Casa ao longo do tempo dizem respeito ao espaço físico, que teve o endereço modificado até o ano de 2020, quando alugaram o imóvel onde a atual sede funciona.

Fotografias



Imagem 23: Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 24: Detalhes da casa. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 25: Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 26: Congá. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 27: Detalhes da casa. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.

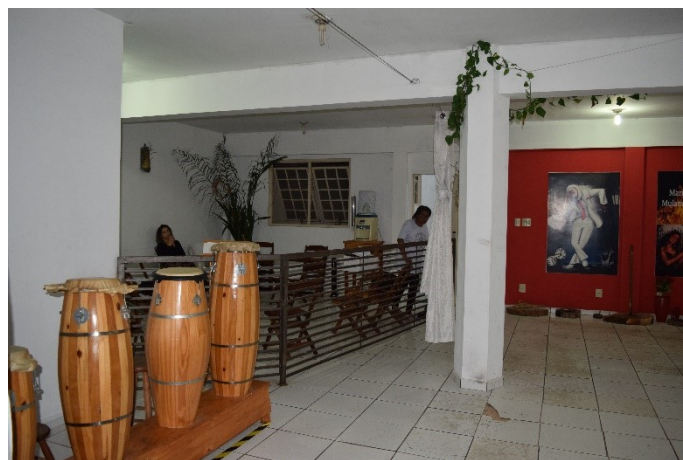


Imagem 28: Detalhes da casa com os atabaques. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 29: Terreiro enfeitado em homenagem a Obaluaê. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 30: Alguns dos membros da casa, da esquerda para direita, Kelly, Flávio, Ademilson, Rafaela, Sandramar e Natália. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.

3.6 Centro Espírita São Francisco de Assis (Casa do Pai Kiko)

Endereço: R. Ernesto Alves Pereira, 245 - Industrial Miguel de Luca, Varginha - MG, 37074-303

Coordenadas: -21.584401232863286, -45.454915991046754

Responsável: José Ângelo de Araújo, conhecido como Pai Kiko

Linha: Candomblé e Umbanda

Histórico / descrição

O terreiro denominado Centro Espírita Santo Francisco de Assis é também conhecido como Colina de Kitembo e, popularmente, como Terreiro do Pai Kiko. Seu dirigente é José Ângelo de Araújo, chamado de Pai Kiko, nome que lhe foi dado por sua madrinha de batismo, responsável por auxiliar na sua criação. Nascido em 3 de outubro de 1957, ele escolheu o nome Kitembo em referência ao seu orixá.

O terreiro localiza-se na Avenida Ernesto Alves Pereira, número 245, no bairro Nova Varginha. O ponto de referência mais citado é uma esquina após o antigo matadouro. Quando o terreno foi adquirido, a região era isolada, com o asfalto terminando na porta de uma cantina; hoje, o bairro é urbanizado, com igrejas evangélicas e edifícios. O terreno foi comprado em 2004, e a casa foi inaugurada em 2007.

A prática religiosa do terreiro abrange o Candomblé, da nação Angola (Axé Gomeia), e também a Umbanda. A Umbanda é tocada para atender pessoas que não têm necessidade de cuidar de Orixá, mas possuem uma espiritualidade cobrante. Pai Kiko afirma que a Umbanda é praticada com mais frequência que o Candomblé. Seu orixá é Kitembo (ou Tempo), e outras divindades de destaque na casa são Iemanjá, Oxalá, Oxum e Xangô.

O terreiro mantém regras rigorosas de conduta e vestimenta, voltadas ao respeito e à seriedade dos rituais. Não se permite a entrada com roupas pretas, vermelhas, roxas, decotes, shorts, bermudas ou regatas. O consumo de bebidas alcoólicas e de substâncias ilícitas é proibido. Manifestações de afeto, como beijos ou abraços, não são permitidas dentro da casa, mesmo entre casais, sendo restritas ao espaço externo. Cerveja e cachaça não são bebidas oferecidas aos santos, com exceção da cachaça usada no ritual de montagem de Exu.

O terreiro possui cerca de trinta filhos de santo, sendo aproximadamente oito iniciados (feitos). Pai Kiko afirma não desejar um grande número de filhos, por preferir o trabalho físico e dispor de pouco tempo para cuidar de muitos iniciados.

A construção da casa, feita em alvenaria, contou com a ajuda de amigos e doações. Os espaços internos são compostos por um salão, o roncó (onde ocorrem as iniciações), uma cozinha, um quarto/vestiário com duas portas nos fundos, um

cômodo destinado a Exu, um igbás (espaço maior onde ficam os assentamentos) e um quintal utilizado para rituais externos. O terreiro conta ainda com um ogã, de nome Guilherme Henri Jantara Veiga.

O funcionamento da casa é sustentado por doações dos filhos de santo, sem fins lucrativos. O terreiro não cobra pelas consultas e jogos de búzios. Pai Kiko enfatiza a separação entre o sagrado e o financeiro, afirmando que o princípio da casa é a humildade.

As relações com a vizinhança são pautadas pela política da boa convivência. Os toques costumam ser encerrados mais cedo para evitar incômodos, e, segundo o dirigente, não houve grandes conflitos, apenas um episódio isolado em que uma pedra foi arremessada no telhado.

Entre as dificuldades enfrentadas estão o preconceito racial e religioso, a limitação do espaço físico e a ausência de regularização documental e fundiária. A principal preocupação refere-se à legalização da construção e da posse do terreno, uma vez que o terreiro não se enquadra nas exigências municipais, sendo tratado pela prefeitura como comércio comum. O desejo de Pai Kiko é resolver as questões documentais para assegurar a continuidade da casa sem problemas futuros. Ele busca um sucessor que seja escolhido pelo orixá, guiado pela sabedoria e pela humildade, e não pelo interesse financeiro.

O terreiro é reconhecido como referência na cidade. A principal influência de Pai Kiko é o Pai Paulo, considerado por ele uma figura fundamental na trajetória do Candomblé em Varginha.

Além de dirigente religioso, Pai Kiko é proprietário de uma pastelaria há 27 anos, localizada no mesmo endereço há 19 anos, desde 2005. Foi por meio do trabalho na pastelaria e das amizades formadas que ele conseguiu adquirir o terreno e construir o terreiro, contando com doações de materiais como blocos, areia e cimento. Ele destaca que sua rede de amizades foi mais determinante que a religião nesse processo.

Sua iniciação no Candomblé ocorreu em dezembro de 1984. Logo após receber o apelido Kiko, obteve seu direito cultural (DK) e iniciou seu primeiro filho de santo, que passou a chamá-lo de Pai Kiko. Ele foi iniciado na casa do Pai Paulo, conhecida como “casa do Paizão”, uma das pioneiras do Candomblé em Varginha – o Abassá de Logum Edé.

A fundação de sua própria casa deu-se após uma divergência com seu antigo pai de santo. Desejando um espaço em que pudesse cultuar à sua maneira, sem misturar tradições, sentiu-se chamado a erguer sua própria casa para abrigar o ibá do Santo e acolher seus filhos de santo. Ao sair, mudou de axé — da nação Angola

(Axé Beu) para o Axé Gomeia — para preservar a amizade, rompendo apenas o vínculo ritualístico com a casa anterior.

Pai Kiko relata que ingressou na religião por necessidade, motivado por um problema de saúde ocorrido enquanto jogava futebol profissionalmente. Após buscar auxílio espiritual, afirma ter se curado por meio dos rituais realizados.

Periodicidade

As atividades religiosas são abertas ao público três vezes por semana: terça e quinta à noite (para jogo de búzios e atendimentos) e sábado após as 15h30 (mais aberto, às vezes com toque de Umbanda).

Fotografias





Imagens 31 a 35: Fotografias do Centro Espírita Santo Francisco de Assis. Fotografias de Danielle Guimarães, setembro de 2025.

3.7 Egbé Omo Odé Odara - Casa do Pai Bruno

Endereço: R. Cleusa Aparecida de Souza, 25 - Nova Varginha, Varginha - MG

Coordenadas: -21.588577714703476, -45.46178578834181

Responsável: Maycon Bruno Ronipher Onofre, Babalorixá Bruno de Logum Edé

Linha: Candomblé

A Egbé Omo Odé Odara - Casa do Pai Bruno, cujo nome em iorubá pode ser traduzido como “Casa dos bons caçadores”, é um templo religioso pertencente à tradição Ketu do Candomblé, sendo popularmente conhecida como Casa do Pai Bruno. O princípio que norteia esta comunidade religiosa está sintetizado em seu lema: “A fé necessita ser inteligente”.

A Nação ketu (também grafada como Nagô-ketu, entre outras variações) constitui uma das vertentes do Candomblé, religião afro-brasileira centrada no culto às divindades denominadas Orixás. Estas entidades se manifestam de diferentes formas, entre as quais se destaca o transe de incorporação, mecanismo ritual por meio do qual os fiéis estabelecem comunicação direta com os Orixás. O fundamento central dessa tradição religiosa é o conceito de axé, compreendido como uma energia vital sagrada que emana das divindades e deve ser constantemente renovada e acumulada por meio das práticas litúrgicas.

No imaginário coletivo, o termo "Candomblé" é frequentemente associado à tradição ketu, dada sua expressiva difusão e institucionalização. Essa centralidade é evidenciada pelo reconhecimento e prestígio de alguns de seus terreiros mais antigos e influentes, como a Casa Branca do Engenho Velho, o Axé Opô Afonjá e o Terreiro do Gantois.

A Egbé Omo Odé Odara foi fundada em 2016, por Maycon Bruno Ronipher Onofre, criada inicialmente em uma casa no município de São Gonçalo do Sapucaí/MG. Posteriormente, pai Bruno se mudou para Varginha onde manteve seu axé só para iniciados no Bairro Damasco e, há poucos anos, depois que construiu sua casa própria a qual usa para o llê (nome usado para a casa, terreiro ou roça de Candomblé), passou a receber o público no local onde está atualmente.

No que se refere ao seu primeiro contato com a religiosidade, Pai Bruno relata ter sido criado em uma família de tradição católica. Durante a adolescência, passou a frequentar a Igreja Evangélica, chegando a atuar como missionário da Assembleia de Deus no município de Varginha-MG. Contudo, algumas questões doutrinárias não correspondiam às inquietações que o moviam, dado seu perfil questionador e sua busca constante por significados mais amplos para as experiências da vida. Diante

da insatisfação com as respostas obtidas, optou por se afastar daquela instituição religiosa.

Posteriormente, por intermédio de um amigo, foi convidado a conhecer a Ilê Asé Locy Ofá Odonirã — à época popularmente conhecida como Casa do Paizão, conduzida por José Luiz (já falecido). Pai Bruno chegou ao terreiro carregando preconceitos e imagens estigmatizadas, muitas das quais herdadas do discurso das igrejas que frequentara. No entanto, ao participar das práticas rituais da casa, sua percepção foi transformada. O espaço lhe revelou dimensões do sagrado que ele descreve como "mágicas", além de oferecer acolhimento afetivo em um contexto no qual vivia conflitos familiares. A partir dessa experiência, desenvolveu grande admiração pelo dirigente espiritual do terreiro, a quem passou a tomar como referência.

Ainda nesse mesmo espaço religioso, estabeleceu uma relação afetiva com uma pessoa com quem passou a residir. A partir desse vínculo e da convivência com a comunidade de axé, iniciou formalmente sua trajetória no Candomblé, há aproximadamente doze anos.

Segundo Pai Bruno ou Babalorixá Bruno de Logum Ede, atualmente o templo possui uma média de 32 membros locais, fora os filhos de santo que Pai Bruno tem espalhados pelo Brasil e pelo mundo em países como: Alemanha, França, Suíça, Estados Unidos etc. Além destes, outras pessoas costumam frequentar o espaço nos dias de festa ou procuram Pai Bruno em busca de alguma ajuda, seja espiritual, psicológica ou física, são os chamados consulentes.

É importante destacar que, embora o Candomblé tenha como base o culto exclusivo aos Orixás, observa-se, em diversos terreiros, a presença de práticas devocionais voltadas a entidades como pretos-velhos, Pomba Giras, exus (no contexto de entidades espirituais) e linhas de caboclos. Tal fenômeno se explica, em grande parte, pelo fato de muitos praticantes e dirigentes terem tido, anteriormente, vivências religiosas na Umbanda, o que contribui para a incorporação de elementos dessa tradição no cotidiano litúrgico de algumas casas de axé.

Segundo Pai Bruno, algumas das principais necessidades da religião e seus praticantes seria a divulgação e incentivo cultural para com as religiões de matriz africana por parte do poder público. Isso seria uma medida essencial para todo o segmento, haja vista que o Brasil é um país laico. Por isso, o Candomblé deve ser reconhecido como uma religião pois nele se encontra tudo o que têm em outras religiões, tais como: batismo, casamento, cerimônia fúnebre, entre outros.

Pai Bruno foi criado em uma família católica, mas desde cedo sentia inquietações espirituais que o levaram a buscar outras religiões. Passou pela Igreja Evangélica, onde aprendeu a se comunicar em público, mas uma decepção vivida

naquele ambiente o fez se declarar ateu por um período. Seu primeiro contato com o Candomblé se deu por meio de um amigo que o convidou para visitar um terreiro. Superando os preconceitos que havia absorvido de comentários e rumores, encontrou ali o que descreveu como “o mágico e o sagrado”. O terreiro lhe ofereceu uma estrutura familiar que o acolheu em um momento de conflitos em sua família de origem.

A primeira cerimônia oficial do Candomblé em que Pai Bruno se recolheu foi a cerimônia de Bori que aconteceu na cidade de Belo Horizonte. Em busca de aprofundamento espiritual, enfrentou desafios pessoais e decidiu procurar um pai de santo para se iniciar na religião em Aracaju-SE, o Pai Alex, com quem deu continuidade ao processo religioso, ali iniciou sua trajetória religiosa passando pelos ritos sagrados que conferem a um indivíduo o título de yawo (pessoa iniciada no Candomblé) e onde também conheceu sua atual esposa Carol, mãe de sua única filha biológica Alice. Posteriormente, passou a ser orientado por Pai Binho, em São João del Rei, com quem completou sete anos de santo. Optou por realizar uma cerimônia interna, voltada ao aprimoramento individual, considerando que, nas condições da sociedade contemporânea, o tradicional recolhimento de vinte e um dias tornara-se inviável, adotando, assim, um período reduzido de sete dias para o ritual de odu ije ritual esse que confere o yawo o título de Babalorixá. Anos mais tarde, encerrou respeitosamente sua relação religiosa com Pai Binho e passou a receber orientações espirituais de Pai Leonardo, da Casa de Oxumarê, na Bahia, mantendo seus vínculos rituais por meio de práticas como o Ebó e o Bori.

Sua casa é voltada para a nação Ketu, mas ele reconhece a presença de influências de outras tradições como Angola, Jeje e Umbanda. Acredita que no Brasil não há nações puras. Pai Bruno rejeita o sincretismo religioso, como a associação entre Iansã e Santa Bárbara ou Ogum a São Jorge, considerando-o desrespeitoso às histórias dos Orixás e dos santos católicos, embora compreenda seu papel histórico de proteção durante o período da escravidão.

No entendimento de Pai Bruno, os Orixás são representados no plano físico pelos *okutás*, pedras sagradas que se tornam centrais nos rituais. Em entrevista com o Babalorixá foi nos revelado algumas peculiaridades do Candomblé tais como; os assentamentos montados em sopeiras surgiram da valorização dessas louças pelos escravizados, que queriam oferecer o melhor aos seus Orixás. O uso de velas, apesar de não ser originário do Candomblé africano, foi incorporado no Brasil, inspirado nas práticas católicas. Ele destaca a importância do Obi, uma semente sagrada utilizada nos rituais, e narra um itã segundo o qual Obi era um *irúnmolè* que falhou em sua missão e foi transformado por Olodumarê em semente, que fez surgir o obizeiro, uma árvore importante para os rituais do Candomblé. Obizeiro refere-se à árvore

que dá origem ao fruto chamado obi, um tipo de noz-de-cola de grande importância religiosa no Candomblé, onde é usado em rituais e para fins oraculares. O jogo de obi é um oráculo, segundo Pai Bruno.

Na egbe de logum Ede antecedendo a feitura (processo iniciático do yawo), o iniciado passa por um banho de limpeza (Ebó) em um rio, para descarregar energias negativas. Antes de entrar no quarto de santo, o yawo ajoelha-se perante Exu Bara, jura manter o segredo e se compromete com uma conduta ética e moral do ile.

No roncó, ou quarto de Santo, o yawo é tratado como um bebê em gestação, alimentado com regularidade e dormindo na “decisa”, uma esteira de palha que simboliza a humildade e a conexão com Onilé, a Mãe Terra. Ali, estabelece-se a comunicação com o Orixá e se prepara para receber os sacramentos da iniciação ou Bori.

O ritual de Bori, voltado para alimentar, trazer clareza e acalmar a cabeça, é um dos que Pai Bruno considera mais bonitos, pois cultua a individualidade de cada ser. A raspagem e pintura da cabeça e feita somente para iniciados, chamada Labé, é feita imitando a galinha d’angola, primeiro ser a ser iniciado. O penacho, chamado adoxu, representa sua crista. A saída do yawo é o momento de apresentação à comunidade, mas para Pai Bruno o mais importante é o que ocorre internamente, sem necessidade de ostentação.

Durante o recolhimento, o yawo usa o k’ele, um colar que representa o cordão umbilical, sendo sua maior aliança com o Orixá, rompido somente após a morte do iniciado. O Rungeve, um fio de contas vermelho e marrom, é usado apenas pelos sacerdotes, representando o poder sobre a vida e a morte. Este colar sagrado deve ser enterrado com o sacerdote após sua morte, representando que ele viveu e até o dia de sua morte permaneceu como babalorixá. O anel de búzios é o principal símbolo de autoridade no Candomblé, indicando que a pessoa que o possui joga búzios e é detentora de uma posição hierárquica elevada. Os deleguns (colares feitos de missanga na sua grande maioria) são fios de contas que indicam a idade de santo da pessoa, variando conforme o tempo de iniciação e seu orixá.

Pai Bruno também aborda a prática do sacrifício animal. Seguindo o princípio de Oxóssi, afirma que “só se mata para comer”. Os animais são bem tratados, mortos com rapidez e sem sofrimento, com rezas que justificam a interrupção da vida. A carne é doada para famílias humildes. Ele descreve também a culinária dos Orixás, com alimentos específicos para cada divindade: Exu consome de tudo, com temperos fortes e pimenta; Oxalá rejeita dendê e sal, preferindo comidas macias como canjica; Ogum come alimentos crus ou cozidos, como cará; Oxum aprecia cebola camarão e noz-moscada; Iansã come acarajé com dendê; Xangô gosta de ter seu amalá preparado pela mão de mulheres, ainda sobre a culinária do Candomblé

pai Bruno deixa bem claro que cada orixá tem sua particularidade e preferência assim como nos seres humanos.

As plantas, chamadas ewês, são essenciais. Consideradas uma “farmácia divina”, curam o corpo e a alma. Cada folha tem seu próprio itã e Orixá associado. Um exemplo é a folha de capeba, ligada a lemanjá, que através de um preparado apaziguou a cabeça de Oxalá e lhe rendeu o título de Ya ori, mãe de todas as cabeças. O acaçá, um bolo de farinha de milho branco, está presente em todas as cerimônias e representa cura e alívio, conforme o itã de Oxaguiã. As cantigas, chamadas adurás ou orikis, são rezas cantadas em iorubá, exaltando os feitos dos Orixás e fazendo pedidos.

No plano filosófico, Pai Bruno destaca Exu como senhor dos caminhos e das encruzilhadas, que simbolizam as escolhas da vida. Exu representa a mudança constante do universo e a boa comunicação. Ele rejeita a associação entre Exu e o diabo. Ogum, por sua vez, está ligado ao trabalho, à tecnologia e à criação, sendo o patrono de quem se esforça para melhorar a vida. Os Exus na Umbanda são espíritos de pessoas que tiveram vidas difíceis e agora, como entidades incorporadas, auxiliam com conselhos e caridade. O uso do tridente e outros símbolos, bem como a associação com o “diabo”, foram estratégias de proteção contra a perseguição religiosa.

Pai Bruno vê o Candomblé como uma filosofia de vida, não como fuga da realidade. Valoriza o trabalho, a família, a contribuição social, o autoaprimoramento e a responsabilidade individual. É contra o uso de substâncias ilícitas e a banalização da sexualidade dentro ou fora do axé. Considera que a casa de santo deve ser um lugar para se reenergizar e se preparar para a vida fora dali.

Em relação ao poder público, avalia positivamente as ações da prefeitura de Varginha na promoção da cultura de matriz africana, por meio de reuniões, oficinas e visibilidade. Critica, no entanto, alguns pedidos que julga irrealistas por parte de alguns sacerdotes, como carros e terrenos. Defende que a promoção da cultura afro-brasileira deve focar na filosofia, nas vestimentas, nas cantigas e na culinária dos Orixás, e não apenas nas questões de preconceito. Para ele, religião e política devem estar separadas, evitando-se a instrumentalização da fé. Sugeriria maior visibilidade das religiões afro-brasileiras em eventos públicos da mesma forma que outras religiões já estabelecidas. Suas demandas como cidadão são simples: deseja apenas ruas limpas e coloridas no bairro onde vive.

Periodicidade

Na Ilê Egbe Omo Ode Odara acontecem encontros cerca de uma vez ao mês, nas festas que cultuam as divindades no decorrer do ano, além de alguns rituais

esporádicos. Pai Bruno também faz atendimentos individuais para todos que o procuram.

Festividades

Em janeiro, festa de Oxalá; em fevereiro, festa de Oxóssi; em abril, feijoada de Ogum; em maio, festa dos pretos velhos; em junho, festa de Odum Obará; em julho se acende uma fogueira para celebrar os orixás do fogo (Xangô, Iansã, Ogum); agosto se comemora o Olubajé; setembro, são realizados rituais interno em homenagem a Eres e ao orixá Ibeji; em novembro, festa da Pomba Gira da casa “madrinha sete saias” e em dezembro a festa da Iabás (orixás mulheres).

Transformações

Segundo Pai Bruno, as principais mudanças que ocorreram no terreiro/Casa ao longo do tempo dizem respeito ao espaço físico, além da mudança de local e cidade, foram realizadas melhorias e adaptações no espaço atual a fim de otimizar o atendimento aos membros efetivos e consulentes.

Fotografias



Imagem 36: Pai Bruno no Ilê Egbe Omo Ode Odara. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 37: À esquerda, cozinha onde são preparadas as oferendas aos orixás e quarto de santo a direita. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.

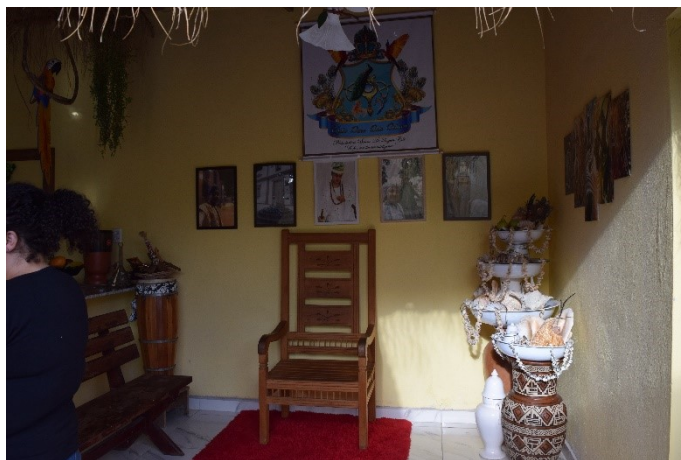


Imagem 38: Ilê Egbe Omo Ode Odara. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



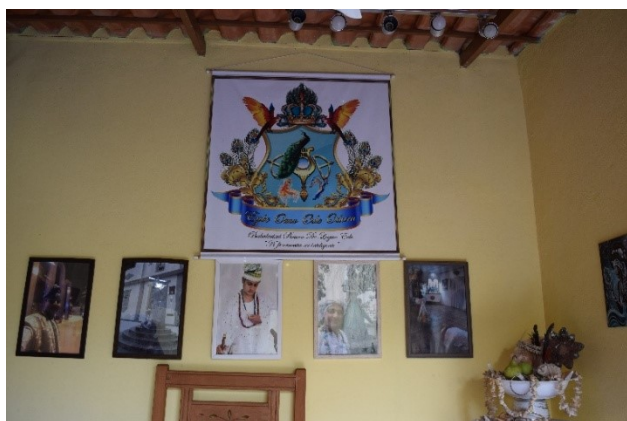
Imagem 39: Imagens e oferendas do Candomblé. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 40: Imagens e oferendas do Candomblé. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 41: Detalhes do terreiro. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagens 42 e 43: Detalhes do terreiro. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.

3.8 Ilê Asé Ewê Omí Agué - Casa de Ossayn

Endereço: R. Antônio Silva, 74A - Parque Boa Vista, Varginha - MG, 37014-570

Coordenadas: -21.546839240643163, -45.450015302691774

Responsável: Maria da Dores Silva Alves (Doné Maria T'Agué)

Linha: Candomblé e Umbanda

Histórico / descrição

Dona Maria das Dores Silva Alves, conhecida como Mãe Maria, nasceu em 31 de janeiro de 1966, em Oliveira, Minas Gerais. Abandonada pela mãe, foi criada apenas pelo pai. Aos dez anos, mudou-se com ele para a Bahia, onde enfrentou uma infância difícil, vendendo bucho de boi na feira para ajudar nas despesas de casa. Aos treze anos, começou a ter convulsões sem causa aparente. Foi então que uma pessoa ligada ao Candomblé e à Umbanda identificou que se tratava de uma questão espiritual. Assim, Maria foi iniciada no Candomblé por Mãe Eunice Campos Barros, já falecida, e as convulsões cessaram.

Por volta de 1979, o pai de Maria, caminhoneiro, trouxe-a para Varginha, onde já existia um terreiro. Foi lá que conheceu José Luiz Viana Galdino, conhecido como Paizão, homem de olhos verdes bonitos, com gosto por doces e plantas. Com o tempo, afastou-se da religião ao se casar com um homem que não aceitava suas crenças. Trabalhou como enfermeira e, durante a gravidez, sofreu um aneurisma, ficando seis meses em coma. Anos mais tarde, seu filho Cristiano, aos treze anos, sofreu um acidente grave. Na época, Maria frequentava a igreja evangélica. Sentiu-se perdida e clamou por Ossaim e Baluaê. Ligou para Paizão, e no hospital, uma senhora lhe entregou uma imagem de São Benedito e a aconselhou a ter fé. Cristiano se recuperou sem cirurgia, mas com sequelas de memória, sem reconhecer a própria mãe. Na Umbanda, Mãe Maria foi feita pelo Pai Evandro.

Por orientação do espírito de Paizão, Maria deu uma bala de iogurte para o filho, e o filho finalmente a reconheceu. Este momento marcou seu retorno ao Candomblé. Em jogo de búzios realizado na Bahia, descobriu sua filiação espiritual com Ossaim, orixá das folhas e da cura. Depois do seu divórcio, Mãe Maria voltou ao terreiro e se entregou ao Pai Paulo. Desde então, há dezenove anos atua como Mãe Criadeira no Abassá de Logum Edé, cuidando dos Iwao e auxiliando Pai Paulo, a quem considera sua vida e paixão. No entanto, desde o final dos anos 1980, a Mãe Maria já caminha no Abassá de Logum Edé.

A iniciação no Candomblé exige um recolhimento de vinte e um dias, em que o iniciado vive em paz, oração e agradecimento. Mãe Maria explica que esse processo envolve dedicação, sacrifícios e compreensão familiar, com regras claras sobre o relacionamento com o orixá. Ressalta a importância das folhas na tradição: sem folhas, não há fundamento. Em Varginha, no entanto, há dificuldade em encontrá-las, devido ao processo de urbanização crescente, ao desmatamento e às queimadas. Existe um esforço de Pai Paulo e da Ekedí Andreia (filha de Santo do

Dudu de Lavras) para manter uma reserva na cidade, mas essa reserva sofre com o descarte inadequado de oferendas.

Mãe Maria lembra com carinho de seus mentores: além de Paizão e Pai Paulo, menciona Pai Evandro, seu pai de Umbanda, Mãe Tuti e Pai Du, que a apoiaram em momentos decisivos e mantêm relações de proximidade.

Mãe Maria tentou abrir um barracão em Três Corações, mas não sentiu que era o lugar certo. Com ajuda espiritual de sua Pomba Gira, Rosa dos Ventos, também chamada de Cigana da Estrada, e com muita fé, adquiriu um terreno no Sítio Lima, em Varginha. Ali construiu seu terreiro, onde atualmente cuida de vinte filhos de santo, entre Umbanda e Candomblé. O seu terreiro foi fundado em 02 de agosto de 2019.

Mãe Maria pede por mais segurança e proteção legal para os terreiros, que ainda sofrem com discriminação e invasões. Defende que o poder público atue no combate ao preconceito e proponha um estatuto de proteção. Acredita na valorização cultural por meio de eventos promovidos pela Fundação Cultural, para que a população conheça as tradições de matriz africana. Expressa satisfação com o reconhecimento atual por parte do poder público de Varginha, considerando esse avanço como um passo importante para o respeito e a compreensão dessas culturas.

Periodicidade

Toca Umbanda na terça-feira, às 20 horas. No entanto, como é Mãe Criadeira no Abassá, quando está com lawo, ela não consegue abrir o seu próprio Barracão.

Fotografias



Imagem 44: Mãe Maria. Fotografia de Danielle Guimarães, 05 de setembro de 2025.



Imagem 45: Guias da Mãe Maria. Fotografia de Danielle Guimarães, 05 de setembro de 2025.



Imagem 46: Casa e Barracão da Mãe Maria. Fotografia de Danielle Guimarães, 05 de setembro de 2025.



Imagem 47: Jogo de Búzios da Mãe Maria. Fotografia de Danielle Guimarães, 05 de setembro de 2025.

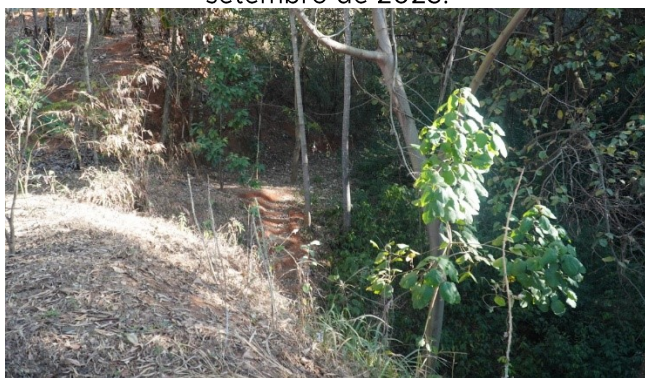


Imagem 48: Parque Rinaldi, em Varginha, que é usado para colher folhas e ervas utilizadas em banhos e rituais. Fotografia de Danielle Guimarães, 05 de setembro de 2025.



Imagem 49: Fotografia de Danielle Guimarães, 05 de setembro de 2025.

3.9 Ilé Asé Odé Dòlá

Endereço: Estrada para Juriti Verde, 29d - Damasco, Varginha - MG

Coordenadas: -21.580999329350817, -45.410395548718235

Responsável: Gilson da Silva Duarte e Érica de Jesus Lopes Duarte

Linha: Candomblé e Umbanda

Histórico / descrição

O Ilé Asé Odé Dòlá – Templo de Oxóssi, pertencente à nação Ketu, é conduzido por Pai Gilson e Mãe Érica, casal cuja trajetória espiritual se fundamenta na ancestralidade e na preservação das tradições afro-brasileiras transmitidas por suas famílias. Em depoimento, Érica destaca que ambos “nasceram dentro da religião”, tendo sido inseridos nas práticas do Candomblé desde a infância, sob a orientação e o exemplo de suas mães, já vinculadas a casas de culto. Nascida e criada em Varginha, Érica frequentava, desde criança, o Centro Espírita de Candomblé Abassá de Logum Edé, espaço formativo em sua caminhada religiosa. Gilson, por sua vez, natural do Rio de Janeiro, mudou-se para Varginha ainda jovem, passando a frequentar o mesmo terreiro que Érica, local onde ambos consolidaram sua vivência espiritual. Seu desenvolvimento mediúnico, entretanto, havia se iniciado precocemente, aos doze anos de idade, ainda em sua cidade natal.

Em 2019, o casal decidiu fundar seu próprio espaço religioso, separando-se da casa de origem e instituindo o Ilé Asé Odé Dòlá, inicialmente localizado nas proximidades da Ponte dos Buenos, no caminho para o município de Elói Mendes. Posteriormente, em outubro de 2022, o terreiro foi transferido para a Estrada de Juriti Verde, em um local que anteriormente abrigava outro templo espiritual, pertencente a um umbandista chamado Paulo, o que reforça a continuidade do uso sagrado do espaço.

Atualmente, o terreiro abriga cerca de vinte integrantes e realiza tanto rituais de Umbanda, quanto de Candomblé, refletindo a coexistência e o diálogo entre essas duas tradições religiosas afro-brasileiras. As giras de Umbanda ocorrem às segundas-feiras, quinzenalmente, às 20 horas, enquanto os rituais de Candomblé são realizados nos demais dias da semana, também no mesmo horário, conforme as orientações litúrgicas da casa matriz Ilê Olá, localizada em São Paulo, e da casa dos pais de santo Daré Laiyó, situada em Vargem Grande.

As vestimentas ritualísticas do Ilé Asé Odé Dòlá seguem rigorosamente os preceitos da tradição Ketu. As mulheres utilizam roupas brancas, pano de cabeça e pano da costa, elementos simbólicos de proteção espiritual, especialmente sobre o útero e o umbigo, considerados centros energéticos vulneráveis a influências

negativas. Completam o traje a saia e o calçolu, vestimenta interna que garante mobilidade e discricção durante as atividades do terreiro. Já os homens vestem calça e camiseta brancas, em sinal de pureza e equilíbrio espiritual. O uso de roupas coloridas ou estampadas é permitido apenas após um ano da feitura de santo, simbolizando a consolidação da ligação do iniciado com seu orixá e o amadurecimento de sua trajetória religiosa dentro da casa.

O terreiro atua de forma integrada nas linhas da Umbanda e do Candomblé, evidenciando a coexistência e o diálogo entre diferentes tradições de matriz africana. No âmbito da Umbanda, são cultuadas entidades como os Pretos Velhos, Boiadeiros, Marinheiros e Caboclos, que representam forças espirituais ligadas à sabedoria ancestral, ao trabalho, à coragem e à natureza.

Já na linha do Candomblé, são reverenciadas divindades como Iemanjá, Oxóssi, Ogum e Iansã, orixás que expressam dimensões fundamentais da existência, relacionadas às águas, à floresta, à guerra e aos ventos, respectivamente. Essa dupla atuação demonstra a amplitude simbólica e a flexibilidade ritual da casa, que se estrutura sobre fundamentos tanto da Umbanda quanto do Candomblé, preservando os princípios de respeito, equilíbrio e continuidade das tradições afro-brasileiras.

Periodicidade

As giras de Umbanda ocorrem às segundas-feiras, quinzenalmente, às 20 horas, enquanto os rituais de Candomblé são realizados nos demais dias da semana, também no mesmo horário.

Transformações

A principal transformação ocorrida até o momento no Ilé Asé Odé Dòlá – Templo de Oxóssi refere-se à mudança de sua localização física, processo que marcou uma nova etapa na trajetória do terreiro. Inicialmente instalado nas proximidades da Ponte dos Buenos, no caminho para o município de Eloy Mendes, o espaço foi transferido, em outubro de 2022, para a Estrada de Juriti Verde, local que já havia abrigado anteriormente outro terreiro, pertencente a um umbandista chamado Paulo. Essa transição representou não apenas uma alteração espacial, mas também um momento de fortalecimento estrutural e simbólico para a casa, permitindo melhores condições para o acolhimento dos praticantes e o desenvolvimento dos rituais. A mudança consolidou o Ilé como um espaço de continuidade e reafirmação das tradições afro-brasileiras em Varginha, mantendo viva a energia sagrada do território e sua função de resistência, culto e transmissão de saberes ancestrais.

Fotografias



Imagem 50: Estandarte de identificação do terreiro Ilé Asé Odé Dòlá. Fotografia de Danielle Guimarães, 15 de setembro de 2025.

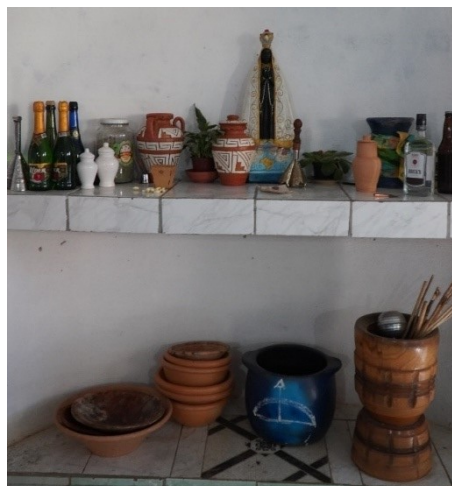


Imagem 51: Congá do terreiro Ilé Asé Odé Dòlá. Fotografia de Danielle Guimarães, 15 de setembro de 2025.



Imagem 52: Mesa de jogo de búzios do terreiro Ilé Asé Odé Dòlá. Fotografia de Danielle Guimarães, 15 de setembro de 2025.



Imagem 53: Jogo de búzios do terreiro Ilé Asé Odé Dòlá. Fotografia de Danielle Guimarães, 15 de setembro de 2025.



Imagem 54: Alimentos que são ofertados para as entidades/divindades do terreiro Ilé Asé Odé Dòlá
Fotografia de Danielle Guimarães, 15 de setembro de 2025.



Imagem 55: Assentamento de Exu do terreiro Ilé Asé Odé Dòlá. Fotografia de Danielle Guimarães, 15 de setembro de 2025.



Imagem 56: Mãe Erica durante entrevista concedida.
Fotografia de Danielle Guimarães, 15 de setembro de 2025.



Imagem 57: Atabaques do terreiro Ilé Asé Odé Dòlá
Fotografia de Danielle Guimarães, 15 de setembro de 2025.

3.10 Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã (Casa do Segredo do Príncipe Caçador Guerreiro das águas) – Abassá de Logum Edé

Endereço: Rua Armando Bastos Gismonte, nº 160. Parque Rinaldi

Coordenadas: -21.531718087791624, -45.45939211534049

Responsável: Pai Paulo Roberto Pereira Gomes

Linha: Umbanda e Candomblé

Histórico / descrição

A Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã, que no dialeto iorubá significa “Casa do Segredo do Príncipe Caçador Guerreiro das águas”, também conhecida como Abassá de Logum Edé, é da nação jejê.

Fundado entre o final da década de 1970 e início da de 1980 por José Luiz Viana Galdino, conhecido como Paizão, a Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã foi fundada inicialmente na Rua Rio de Janeiro, Centro de Varginha, e, em 1986, com a ajuda financeira e laboral dos médiuns e simpatizantes, um novo barracão foi construído no local onde se encontra atualmente. Após a morte de Paizão, em 6 de novembro de 2021, quem assumiu o local foi Pai Paulo Roberto Pereira Gomes, que já frequentava o terreiro há mais de 40 anos, inicialmente como pai pequeno e agora como a liderança local.

Vale ressaltar que embora no Candomblé se cultue unicamente os orixás, é muito comum em diversos ilês também cultuarem pretos velhos, pomba giras, exus e linhas de caboclos, devido ao fato de antes de se iniciarem no Candomblé muitos terem vindo da Umbanda. No Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã, também se pratica a Umbanda, tendo um dia na semana de encontro para essa prática, às quartas-feiras. Dessa forma, a Casa se caracteriza como um espaço onde se funde as crenças africanas com influências das religiões indígenas, do catolicismo popular e concepções espíritas.

Segundo Pai Paulo ou Babalorixá Paulo, atualmente o templo possui uma média de 30 membros, entre Pai de Santo, pai pequeno, mãe pequena e ekedis, fora os filhos de santo que Pai Paulo tem espalhados pelo Brasil, somando mais de 100 pessoas. Além destes, outras pessoas costumam frequentar o espaço nos dias de festa ou procuram Pai Paulo em busca de alguma ajuda, seja espiritual ou física, são os chamados consulentes.

No local, as principais festividades são: em janeiro, destinada ao caboclo; fevereiro, destinado a exu; abril, destinado a Ogum; maio, destinado a preto velho; julho, destinado a Xangô; agosto, destinado a Obaluaê; outubro, destinado aos eres e Cosme & Damião e dezembro, destinado a Iebás.

Segundo Babalorixá Paulo algumas das principais necessidades da religião e seus praticantes seria, primeiramente, a criação de uma federação local para representatividade, assessoramento e coibir a criação dos “terreiros de fundo de quintal” que denigrem a imagem dos terreiros sérios e organizados. Além disso, ele também ressaltou a importância de divulgar a religião para esclarecimento de suas características com o objetivo de combater o preconceito.

A entrevista com Pai Paulo, cujo nome de batismo é Paulo Roberto Pereira Gomes, apresenta um relato detalhado sobre a história, as práticas e os desafios do seu terreiro de Candomblé e Umbanda em Varginha, Minas Gerais. Nascido no Rio de Janeiro em 29 de abril de 1963, ele narra sua trajetória dentro das religiões de matriz africana, desde sua chegada a Varginha até se tornar o líder da casa.

Na adolescência, por volta de 1978, Pai Paulo veio para Varginha com um amigo chamado Jairo. Ambos já conheciam o Candomblé e decidiram procurar um centro. Encontraram José Luiz Viana Gaudino, conhecido como Paizão. Após algumas idas e vindas entre o Rio e Varginha, ele se fixou na cidade. Foi iniciado no Candomblé em 4 de dezembro de 1980, dois anos depois de conhecer o Paizão. Morou na casa dele por um tempo e, depois, em Varginha. Trabalhou na colheita de café e como ajudante de cozinha. O Paizão, natural da Cidade de Deus, no Rio de Janeiro, já era iniciado no Candomblé antes de vir para Varginha, por volta de 1978, para morar perto de parentes. Era uma pessoa acolhedora, gostava da casa cheia e abrigava muitas pessoas.

Após sete anos de aprendizado e obrigações, Pai Paulo se tornou zelador, ou pai de santo. Demorou dez anos para cumprir a obrigação e, com o tempo, tornou-se o braço direito do Paizão. Quando o Paizão faleceu, em 2021, o pai de santo dele, Anselmo, de Nova Iguaçu, veio para realizar os rituais de sucessão. Através do jogo de búzios, Pai Paulo foi escolhido para herdar a casa. O imóvel, que era do Paizão, foi herdado por seus filhos adotivos — André, Tati, Tiago e Diogem —, mas Pai Paulo explica que, por escolha do axé, ele é o responsável por comandar a casa e seus rituais enquanto viver.

A casa original do Paizão em Varginha foi fundada em 1978 ou 1979, na Rua Rio de Janeiro. A data de 1986, na fachada atual, refere-se à inauguração naquele endereço. Pai Paulo lembra de antigos líderes da Umbanda e do Candomblé na cidade, como o senhor Vicente (Caboclo Cipó), senhor Célio, senhor Paulo Penaverde, Pai Carlos das Sete Flechas, considerado o mais antigo, e dona Flor. Também cita seu Átila, que realizava toques na mata, sem ter barracão. Ele afirma que o terreiro do Paizão foi o primeiro de Candomblé no sul de Minas, em uma época em que predominava a Umbanda e havia muito preconceito contra o Candomblé, visto como “coisa do diabo”.

O terreiro possui um barracão principal para rituais, uma cozinha coletiva grande que atende o barracão e os rituais e outra particular (na parte superior da edificação, que é pessoal do Pai Paulo), quartos específicos como casa de santo, casa de Exu, quarto de Logum e quarto de ancestral. Há também a camarinha ou pegí, local reservado para os rituais de iniciação, onde não se pode fotografar nem entrar sem ser iniciado. No espaço, há árvores sagradas, como o pé de akokô, essencial para todas as iniciações, e o Peregum, usado para limpeza e proteção. As mudas de dendê foram trazidas do Rio de Janeiro.

Segundo Pai Paulo, o Candomblé tem foco nos Orixás e Voduns. Seus rituais envolvem danças e cânticos em línguas africanas, buscando a conexão pessoal com o Orixá. Não há passes nem consultas, pois o Candomblé é feito de festas e não de sessões semanais. A iniciação dura vinte e um dias, antigamente eram três meses, e inclui o ritual de raspar a cabeça. Os iniciados usam contas, chamadas hunjegbe. Há sacrifícios de animais para festas e obrigações, e a carne é consumida. O Candomblé não tem altar nem imagens, utilizando ferramentas e elementos da natureza. O terreiro de Pai Paulo é da nação Jeje Marim, e ele observa que há diferenças entre as nações, como Angola, ketu e Jeje, nas cores dos Orixás e nas cantigas.

Já a Umbanda se caracteriza pelas sessões semanais, chamadas giras, geralmente realizadas às quartas-feiras, com passes e consultas. Durante as incorporações, as entidades fumam e bebem. A iniciação na Umbanda dura sete dias e o altar, chamado Congá, possui imagens de santos católicos e guias. Pai Paulo menciona ainda a Umbanda Omoloko, que ele considera uma mistura inventada, unindo elementos do Candomblé, como o ritual de raspar a cabeça, com a Umbanda.

As iniciações no Candomblé envolvem recolhimento e aprendizado de rezas, cânticos e danças. Crianças não são iniciadas, a menos que haja motivo de saúde, quando a iniciação se torna uma promessa ao Orixá. As festas seguem um calendário anual: Oxóssi em janeiro, Ogum em abril, Olubajé ou Nahuno em agosto e Cosme e Damião em setembro. A festa de Cosme e Damião acontece no dia 21 de setembro, com distribuição de balas e doces para as crianças e bolos trazidos pelos fiéis. O Olubajé, realizado em agosto, é a festa de Omulu, na qual todas as comidas dos Orixás são preparadas e consumidas.

Cada Orixá tem sua comida específica — canjica para Oxum, milho para Oxóssi, feijão preto para Omulu. As comidas são ofertadas e depois compartilhadas entre os participantes. Há proibições alimentares na casa, como o feijão branco, carne de tatu e coração de boi. As folhas sagradas são indispensáveis nos rituais, usadas para banhos, assentamentos e limpezas. A colônia do brejo é considerada universal, mas cada Orixá tem suas folhas específicas, coletadas nas matas e reservas de Varginha.

Os três atabaques principais da casa, Rum, Rumpi e Lê, são da época do Paizão. Eles são tocados de forma diferente: com as mãos na Umbanda e com aguidavis, pequenas varetas, no Candomblé. A hierarquia do terreiro inclui o pai ou mãe de santo, que lidera a casa; as equedes, mulheres com mediunidade avançada que não incorporam nem raspam a cabeça; e os ogãs, homens que também não incorporam e são responsáveis pelos atabaques. No terreiro de Pai Paulo, a separação entre Candomblé e Umbanda é flexível, permitindo a participação cruzada entre rituais, embora o acesso a espaços sagrados, como a camarinha, seja restrito aos iniciados.

Pai Paulo recorda que, no passado, o preconceito era intenso. As pessoas se afastavam ou faziam o sinal da cruz ao vê-lo nas ruas com as roupas e colares rituais. Hoje, nota mudanças e também transformações na própria prática religiosa: as roupas rituais, que antes eram feitas à mão, tornaram-se industrializadas e caras. A tecnologia, como o Google e o WhatsApp, facilita a comunicação e a pesquisa de cânticos.

Ele acredita que o reconhecimento do terreiro como patrimônio cultural de Varginha pode contribuir para a sua manutenção, ajudando em reformas, no pagamento de contas e na preservação do espaço. Destaca a importância de os terreiros terem um local próprio, evitando a descontinuidade que o aluguel pode causar. Critica pais de santo que descartam oferendas em locais inadequados, como minas d'água e reservas, o que gera poluição e alimenta o preconceito. O Pai de Santo procura sempre realizar os descartes em lugares apropriados e distantes.

O hunjegbe, nas cores azul e branca e feito de coral, é considerado uma conta da vida e tem grande valor sagrado. Durante as sessões, os espíritos da Umbanda podem fumar e beber. Embora Pai Paulo não consuma álcool, ele incorpora entidades que bebem em festas sem que isso lhe cause efeitos. Ele evita fumar na presença de seu pai de santo atual, mas considera o cachimbo um instrumento ancestral, permitido nos rituais.

Pai Paulo joga búzios para consultas e também para a escolha do nome de um terreiro. Entre os Orixás e entidades citados por ele estão Exu, Obaluaê, Omulu, Oxumaré, Iansã, Xangô, Oxóssi e Oxalá. No terreiro, há uma bandeira branca hasteada anualmente na árvore Tempo, o Iroko, simbolizando a casa e o Orixá.

Periodicidade

Na Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã acontecem sessões de Umbanda uma vez por semana, nas quartas-feiras, das 20h às 23h. No terreiro, não há festas semanais de Candomblé. As celebrações são grandes e específicas, realizadas em datas determinadas ao longo do ano. O calendário anual de festas inclui, por exemplo, a

feira de Oxóssi em janeiro, de Ogum em abril, o Olubajé ou Nahuno em agosto e a festa de Cosme e Damião em setembro. A festa de Cosme e Damião acontece no dia 21 de setembro. Nessa ocasião, são distribuídos balas e doces para as crianças, e os fiéis trazem bolos para serem compartilhados. Já o Olubajé, também chamado de Nahuno, é a festa dedicada a Omulu, realizada em agosto. Durante essa celebração, todas as comidas dos Orixás são preparadas e consumidas.

Transformações

Segundo Paulo, as principais mudanças que ocorreram no terreiro/Casa ao longo do tempo dizem respeito ao espaço físico. Desde 1986 o terreiro funciona no barracão onde está atualmente e no decorrer dos anos, o terreiro foi aumentado e realizado reformas periódicas de manutenção.

Fotografias



Imagem 58: Pai Paulo em frente ao Congá do Abassá de Logum Edé. Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 59: Pai Paulo em entrevista para o Dossiê de Registro, no Abassá de Logum Edé. Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 60: Preparação das folhas para ritual de banho da Umbanda. Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 61: A cozinha do Abassá Egum Edé. Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 62: Barracão do Abassá de Logum Edé.
Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 63: Oferendas na cozinha do Abassá.
Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.

3.11 Ilê Axé Oya Izo Ina - Doné Cida de Oya

Endereço: R. Jose Gonçalves de Almeida, 120 - Cruzeiro do Sul, Varginha - MG, 37045-212

Coordenadas: -21.55291164306964, -45.40746721988364

Responsável: Aparecida Bistaffa Lima

Linha: Candomblé e Umbanda

Histórico / descrição

O terreiro teve início de forma modesta, com os atendimentos realizados em casa, quando ainda não havia um barracão estruturado por Doné Cida de Oya – Aparecida Bistaffa Lima, nascida em 10 de 8 de 1952, na cidade de Presidente Prudente - SP. Doné Cida de Oya relata que conheceu a cidade de Varginha em agosto de 1992.

A trajetória de Doné Cida de Oya na religião teve início cedo, quando ingressou na Umbanda, antes de sua iniciação no Candomblé. Ela relembra que, entre os anos de 1984 e 1992, mantinha um pequeno barracão em Guarulhos, onde realizava giras e atendimentos junto com a mãe de sua afilhada, que mais tarde veio a falecer. O espaço era simples, de tamanho semelhante ao terreiro atual, e ali desenvolviam os trabalhos de Umbanda com dedicação e regularidade.

Ela recorda que sua ligação com a espiritualidade começou ainda na infância. Sua mãe era espírita e realizava atendimentos voltados à caridade, acolhendo pessoas da comunidade que buscavam auxílio espiritual. Desde os oito anos de idade, Doné Cida de Oya a acompanhava nesses trabalhos, atuando como cambona, responsável por auxiliar nos atendimentos e na organização das giras. Ela relembra esse período com carinho, reconhecendo que foi ali, ao lado da mãe, que teve seus primeiros contatos com o mundo espiritual e desenvolveu sua sensibilidade mediúnica. Doné Cida de Oya explica que, como cambona, sua função era auxiliar dentro do barracão durante os atendimentos. Quando um espírito se manifestava, ela fornecia cigarros, bebidas ou outros elementos necessários para o trabalho do espírito, observando e ajudando nos passes e nas giras. Segundo ela, o cambone deve apoiar os trabalhos espirituais, pois cada espírito manifesta suas necessidades, como beber ou fumar, e é papel do cambone garantir que esses rituais sejam cumpridos corretamente.

Doné Cida de Oya narra que sua origem familiar é marcada por diferentes nacionalidades. Por parte de pai, seu avô era libanês, casado com sua avó, que era italiana misturada com espanhóis. Eles residiam em Presidente Prudente. Já os pais de sua mãe eram do Paraná; seu avô materno era milanês, e sua avó nasceu em Roma. Ela lembra que, no sítio de seu avô paterno, ele costumava preparar a comida

ao seu jeito, e todos deviam comer o que ele fazia. Por parte de mãe, a culinária era marcada por pratos italianos tradicionais, como polenta, que ela observava ainda criança enquanto aprendia sobre os costumes familiares. Doné Cida de Oya explica que seu sobrenome, Bistafa, vem do lado paterno, libanês, enquanto o sobrenome materno é Turra. Ela menciona que ainda tem parentes com o sobrenome Turra na região, embora não saiba exatamente onde eles vivem atualmente.

Em 1992, um vizinho que era filho de santo de Paizão, seu futuro pai de santo, a levou a Varginha para conhecê-lo. Na época, Doné Cida de Oya enfrentava sérios problemas de saúde. Durante o encontro, Paizão fez um jogo de búzios e afirmou que ela precisaria ser raspada, pois não poderia ajudá-la de outra forma. Naquele momento, ela ainda não compreendia o significado da iniciação no Candomblé, pois conhecia apenas a Umbanda. Retornou a Varginha no fim de novembro e, em 19 de dezembro de 1992, realizou sua raspagem de cabeça, dando início à nova etapa de sua vida religiosa.

Sobre Paizão, um dos mais renomados e antigos pais de santo de Varginha, Doné Cida de Oya relata conhecer apenas alguns detalhes da vida dele. Ele era natural do Rio de Janeiro e começou a raspar iawos ainda muito jovem, por volta dos 15 anos. Segundo ela, foi o primeiro pai de santo a atuar em Varginha, e trabalhou com diversos filhos de santo, incluindo a mãe Miquela, que já faleceu, e o Pai Paulo, que era um dos filhos mais velhos dele. Ela acrescenta que a mãe biológica do pai de santo também participava do barracão e era praticante de Umbanda.

O período após a iniciação foi difícil. Ao voltar para casa, em Guarulhos, enfrentou resistência do marido, que não aceitou sua decisão. Ela relata que chegou a sofrer agressões e teve seus pertences e objetos religiosos queimados. Pouco tempo depois, no início de 1994, Paizão foi até sua casa e a convidou para se mudar para Varginha, dizendo que ela teria um cargo em seu terreiro. Com o apoio dos filhos, que gostavam da cidade, Doné Cida de Oya aceitou o convite e mudou-se em 21 de maio de 1994, onde permanece até hoje.

Em Varginha, passou a atuar como mãe criadeira no barracão de Paizão, auxiliando na formação e iniciação de novos filhos de santo. Doné Cida de Oya foi a mãe criadeira mais antiga do próprio Paizão. Doné Cida de Oya descreve que a função de mãe criadeira envolve diversos cuidados com os yawos. Ela recolhe os iniciantes dentro do terreiro, oferece rezas, prepara banhos e fornece a alimentação adequada. Também cuida das roupas dos Yawos e ensina os passos e os ensinamentos necessários para a prática religiosa.

Ao falar de seu pai de santo, ela demonstra profundo afeto e gratidão. Diz que Paizão foi mais que um guia espiritual — foi um pai, um amigo e um conselheiro. Recorda que, após perder o pai biológico em 2004, encontrou nele uma figura de

acolhimento e amparo. Durante os momentos de dificuldade, especialmente quando cuidava da mãe com Alzheimer e enfrentava perseguições do ex-marido, era a ele que recorria para pedir orientação e apoio. Mesmo reconhecendo o valor e a importância do atual dirigente, Pai Paulo, e de Mãe Maria, ela afirma que guarda com carinho e respeito a memória de Paizão, a quem considera um verdadeiro pai de coração.

Após o falecimento de sua mãe sanguínea, em 2018, a dirigente decidiu estabelecer a sede na antiga residência materna, onde as atividades continuam a ocorrer às terças-feiras à noite. O dinheiro da venda da casa de sua mãe foi usado para construir uma nova cozinha e o barracão nos fundos de sua própria residência. O terreiro atual foi fundado em 2019.

O terreiro tem como base principal a prática da Umbanda. Embora Doné Cida de Oya seja iniciada no Candomblé desde 1992, ela explica que, no momento, não dispõe dos fundamentos necessários para conduzir o culto do Candomblé em sua própria casa. Ainda assim, mantém o culto a todos os orixás e realiza algumas práticas relacionadas a essa tradição.

O espaço físico do terreiro é anexo à sua residência, que ela compartilha com sua companheira, embora o imóvel esteja registrado em seu nome. A estrutura é composta por um quarto de santo, casas separadas dedicadas aos Exus e um salão principal que funciona como barracão. O terreno não possui elementos naturais como matas ou rios.

No Abassá de Paizão, exerceu durante muitos anos a função de mãe criadeira, sendo responsável por iniciar novos filhos de santo, os Yawos. Essa atividade começou apenas seis meses após sua própria iniciação e se estendeu até cerca de um ano atrás, quando precisou se afastar em razão de problemas de saúde.

A entrada da Doné Cida de Oya na religião ocorreu em um período de grandes dificuldades pessoais, marcadas por problemas de saúde e por um tratamento psiquiátrico. Ela relata também ter passado por episódios de violência doméstica em seu primeiro casamento, motivados por sua prática espírita. No início, sentia medo da religião, mas com o tempo encontrou nela acolhimento e sentido, afirmando hoje nutrir profundo amor por sua fé.

As entidades espirituais e divindades que regem a casa compõem um conjunto diverso e harmonioso. Entre os orixás cultuados estão Iansã, acompanhada de Oxóssi, além de Ogum, Oxalá e Obaluaê, que orientam e fortalecem os trabalhos do terreiro. As entidades de trabalho, que se manifestam durante as giras e atendimentos espirituais, são o Caboclo Boiadeiro Noriguá, a Pomba Gira Sete Facadas, o Exu Meia-Noite das Nove Encruzilhadas e o Malandro Zé Pilintra, cada um

com suas características próprias, sabedoria e formas de atuação no auxílio aos consulentes e na condução das atividades religiosas.

Entre as casas de referência espiritual, destacam-se o Abassá de Logum Edé e a Casa Luz de Ogum, ambos localizados em Varginha, além do terreiro de Pai Dudu, na cidade de Lavras. A estrutura física do espaço é composta por um quarto de santo, as casas de Exu e um salão principal, utilizado como barracão, além da cozinha.

Doné Cida de Oya explica que as folhas são elementos muito importantes nos rituais, tanto na Umbanda quanto no Candomblé. Ela menciona folhas específicas, como as de Iansã, Oxóssi, Oxalá e Ogum, que são utilizadas em diferentes preparações. Na Umbanda, as folhas são usadas para fazer a massinha e o amaci, que consiste em uma lavagem de cabeça realizada nos filhos de santo. No Candomblé, as folhas são empregadas no preparo do abô, que é o banho ritualístico feito dentro do terreiro. Ela ressalta que, embora os nomes e os contextos sejam diferentes, a função das folhas é similar nas duas tradições, servindo para purificação e preparação espiritual dos praticantes.

Sobre o ebó, Doné Cida de Oya explica que ele é composto por várias comidas secas, como milho, feijão preto, feijão vermelho e outros ingredientes, que são preparados especialmente para o ritual. A pessoa recebe uma lista com os itens necessários e escolhe o dia para realizar o ebó. Na manhã do ritual, Doné Cida de Oya cozinha os alimentos e os deixa prontos para quando a pessoa chega. Durante o procedimento, espera a pessoa esfriar o corpo, depois ela veste uma roupa mais antiga, e o ebó é aplicado sobre o corpo da pessoa, por cima de um pano branco. Em seguida, a pessoa toma banho, veste roupas claras e permanece com o ebó por três dias. Depois disso, o ebó é amarrado, colocado dentro de um saco e levado para outro local para descarte, não permanecendo no terreiro.

As principais dificuldades enfrentadas dizem respeito ao racismo e à intolerância religiosa, às limitações financeiras e à insuficiência do espaço físico. Para garantir a continuidade das tradições e o fortalecimento da casa, a dirigente ressalta a necessidade de preservar os saberes — como rezas, cantos, benzimentos e receitas —, os espaços sagrados, entre eles o terreiro, o Congá, o barracão e as árvores sagradas, bem como os objetos rituais, a exemplo de imagens, indumentárias, alguidares, ofás, ogês, atabaques e guias. Considera igualmente essencial a manutenção das festas, celebrações e da oralidade transmitida pelos mais velhos.

Entre as ações consideradas prioritárias para a salvaguarda das religiões de matriz africana, estão as formações voltadas a professores e escolas, as campanhas educativas sobre respeito e diversidade religiosa, o apoio a projetos internos de

ensino e transmissão dos saberes tradicionais, a realização de rodas de conversa e oficinas públicas, a criação da Semana Municipal dos Terreiros, a produção de materiais informativos — como livros, vídeos e exposições —, além da implementação de canais de denúncia e campanhas permanentes contra o racismo religioso. A dirigente enfatiza a importância de ampliar o acesso à informação, a fim de promover maior conhecimento e compreensão sobre essas tradições. Propõe a criação de um canal de denúncias e campanhas públicas contra o racismo religioso. Ressalta que, em 30 anos em Varginha, esta é a primeira vez que vê apoio de uma fundação cultural para a valorização de sua religião.

No campo do fomento, defende a criação de editais específicos voltados aos terreiros, a inclusão nas leis de incentivo à cultura e à religiosidade, o apoio financeiro para a manutenção dos espaços e o reconhecimento das casas religiosas nos planos municipais de cultura e patrimônio. Destaca ainda a realização de ações educativas junto aos filhos de santo, com o propósito de fortalecer o aprendizado, o pertencimento e a continuidade das práticas religiosas dentro da comunidade.

Doné Cida de Oya considera todos os elementos de sua religião importantes para preservar e valorizar como patrimônio, com ênfase no respeito (a atabaques, comidas de santo, fundamentos de Umbanda e Candomblé).

O terreiro não possui registro formal nem vínculo com coletivos religiosos ou políticos. Também não detém título de utilidade pública, não foi contemplado por políticas culturais e não recebe benefícios provenientes de programas sociais.

A manutenção do espaço ocorre por meio de contribuições mensais realizadas pelos filhos de santo, o que garante o custeio básico das atividades e das despesas da casa. Doné Cida de Oya é aposentada por invalidez e complementa sua renda com os recursos provenientes dessa contribuição comunitária, assegurando, assim, a continuidade das práticas religiosas e o funcionamento do terreiro.

Festividades anuais

- Setembro: Festa de Erê (Cosme e Damião), dia 27
- Dezembro: Festa de Seu Zé Pilintra (Malandro)

Outras Celebrações (Internas ou com menor público):

- Abril: Feijoada para Ogum
- Maio: Comida para Preto Velho
- Junho (dia 6): Obará ao Oxós
- Agosto: Feijoada para Omolu e Obaluaê
- Novembro: Agradamento para Pomba Gira Sete Facadas (nem todo ano)

Periodicidade

As giras ocorrem às terças-feiras à noite (se a saúde permitir) e, ocasionalmente, aos sábados para festas. Os trabalhos começam geralmente às sete e meia da noite e se encerram por volta das dez e meia ou onze horas

Fotografias



Imagem 64: Doné Cida de Oya no seu Terreiro. Fotografia de Daniele Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 65: Doné Cida de Oya no seu Terreiro. Fotografia de Daniele Guimarães, setembro de 2025.

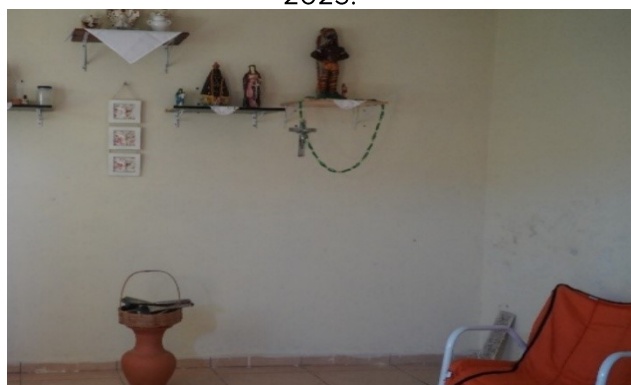


Imagem 66: Congá da Doné Cida de Oya. Fotografia de Daniele Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 67: Doné Cida de Oya jogando búzios. Fotografia de Daniele Guimarães, setembro de 2025.

3.12 Ilê Axé Oni Omi - Rancho da Menina

Endereço: Rancho da Menina, zona rural de Varginha

Coordenadas: -21.574405, -45.523431

Responsável: Marlene Ferreira de Araújo e Tânia Cristina Nunes

Linha: Umbanda e Candomblé

Histórico / descrição

Marlene Ferreira de Araújo nasceu em 18 de novembro de 1962. Seus orixás de cabeça são Oxum com Obaluaê, dentro do Candomblé. Sua caminhada na religião começou em 1994, motivada por uma dor pessoal intensa, pela curiosidade e também por sua ancestralidade. Ela relembra as tias, conhecidas como "Rainha Conga", e a avó, benzedeira, como referências espirituais marcantes.

Passou a frequentar sessões com Pai Valdir de Obaluaê em Belo Horizonte, onde um problema pessoal foi solucionado, o que despertou seu interesse. Após cerca de cinco anos, afastou-se por desentendimentos. Mais tarde, foi reintroduzida à religião por uma amiga, Olívia, e conheceu Pai Zé Luiz, o Paizão, há aproximadamente 25 anos. Recebeu seu abori na casa dele, em Belo Horizonte, e sua iniciação completa, como raspada, ocorreu em 2012.

Há cerca de oito anos, mudou-se para Varginha para cuidar do pai de Santo, Paizão, que estava doente. Marlene acredita que essa mudança foi guiada pelas entidades. Com incentivo de seu pai, deu início à construção de seu barracão, para "abrir a casa" e seguir sua missão, pois, segundo ele, "não era eterno". Paizão faleceu antes da conclusão da obra e não chegou a pisar no chão do terreiro. O barracão recebeu o nome de "Rancho da Menina", pois, segundo Marlene, o espaço não lhe pertence, mas sim às entidades.

Atualmente, Mãe Marlene atua como ekedi (ou equede) que é um cargo feminino de grande valor dentro do Candomblé, equivalente ao de um ogã para os homens, responsável pela "zeladoria dos orixás" e pela manutenção do Axé. A ekedi não incorpora, mas cuida das entidades. A companheira de Marlene é quem incorpora. As sessões de Umbanda e Candomblé são realizadas em dias distintos, geralmente aos sábados, com ênfase nos festejos para orixás como Oxóssi, Ogum, Pretos Velhos, Boiadeiros e São Cosme e Damião. As sessões de Candomblé ainda não são frequentes, devido à falta de músicos e à dependência da disponibilidade de Pai Paulo. Ela planeja intensificar essas atividades após sua obrigação, prevista para setembro. Durante as giras, são oferecidos passes e consultas espirituais.

O altar principal do terreiro inclui imagens de Pai Oxalá, Santa Bárbara (Iansã), São Sebastião (Oxóssi), Nossa Senhora Aparecida (Oxum) e São Lázaro (Obaluaê). Essas imagens são adaptadas conforme as celebrações mensais.

Na entrada do terreiro, encontra-se o Cruzeiro das Almas, onde são feitas novenas, rezas do terço, pedidos de saúde, prosperidade e proteção. São acesas velas e ofertados água, café e pão. Mãe Marlene ressalta a importância de agradecer. Ogum é seu terceiro santo de cabeça e representa o equilíbrio e o caminho. O Exu do Portão é responsável pela proteção do terreiro contra energias negativas. Há ainda os quartos de Exus, que abrigam entidades como Tranca rua, Tranca rua Cigana, Zé Pilintra e Pomba Gira Menina, esta última considerada por Marlene como a entidade que a guiou até Varginha. A cozinha também ocupa papel fundamental no terreiro, sendo usada tanto para a hospitalidade quanto para o preparo de oferendas.

As oferendas típicas incluem milho e frutas com vinho para Oxóssi, feijão fradinho em mina d'água para Oxum, e pipoca para Obaluaê. Mãe Marlene enfatiza que as oferendas são biodegradáveis e que a natureza se encarrega de absorvê-las.

Sua ancestralidade é marcada pela presença das tias Rainha Conga, que participaram do congado e da folia de reis nas cidades de Congonhas e Santa Bárbara do Criogúrio. Em Varginha, Marlene cita como referências Pai Du, Diego (Maria Luísa), Pai Gui, Mãe Tute e Sioneida, todos ligados ao Abassá, ao qual pertence.

Apesar de todo o esforço e dedicação, Mãe Marlene relata os desafios enfrentados devido à intolerância religiosa. Fala sobre o preconceito com praticantes de religiões de matriz africana, frequentemente associados a práticas negativas e hostilizados por sua fé e vestimenta. Enfatiza que a religião é caridade e auxílio ao próximo. Considera o atual trabalho de valorização cultural promovido pelo poder público como excelente.

Ela sugere mais oficinas e palestras educativas, especialmente nas escolas, para divulgar as religiões de matriz africana e combater a discriminação. Propõe também a realização de eventos públicos durante festividades, como a festa de Oxóssi em janeiro e as festas das Santas Mulheres em dezembro, com procissões, para que a população possa se aproximar e compreender as práticas.

Destaca ainda a importância da preservação da natureza para as religiões afro-brasileiras, dada a necessidade das ervas e folhas nos banhos e rituais. Pede mais fiscalização quanto ao descarte inadequado de lixo e ebós em matas e praças, sugerindo que as oferendas sejam feitas em locais apropriados, onde a natureza possa absorvê-las.

O barracão de Mãe Marlene enfrenta dificuldades financeiras para manutenção, incluindo as contas de água e luz, que são elevadas por estar em área rural. Há também desafios logísticos, pois o acesso é difícil e muitos frequentadores

não têm transporte. Estruturalmente, o terreiro ainda está em construção, faltando as casinhas dos orixás e o Exu do Portão definitivo.

Marlene adquiriu conhecimento sobre ervas como arruda, manjerição e alecrim com sua avó e no próprio barracão. Menciona também o uso da colônia, uma erva utilizada em banhos e como calmante natural. Lamenta a dificuldade de encontrar certas ervas devido à poluição e à destruição do meio ambiente.

Ao final da entrevista, Mãe Marlene expressa gratidão pela oportunidade de compartilhar sua cultura e religião. Reforça a importância do respeito e do conhecimento como formas de combater o preconceito. Ela e sua comunidade continuam sua missão, mesmo diante do sentimento de perda desde a partida de Paizão.

Periodicidade

As sessões de Umbanda e Candomblé são realizadas em dias distintos, geralmente aos sábados, com ênfase nos festejos para orixás como Oxóssi, Ogum, Pretos Velhos, Boiadeiros e São Cosme e Damião. As sessões de Candomblé ainda não são frequentes, devido à falta de músicos e à dependência da disponibilidade de Pai Paulo. Ela planeja intensificar essas atividades após sua obrigação, prevista para setembro. Durante as giras, são oferecidos passes e consultas espirituais.

Fotografias



Imagem 68: Mãe Marlene diante do Altar do seu Barracão. Fotografia de Danielle Guimarães, 04 de setembro de 2025.



Imagem 69: Assentamentos no Terreiro da Mãe Marlene. Fotografia de Danielle Guimarães, 04 de setembro de 2025.



Imagem 70: Rancho da Menina, Terreiro de Mãe Marlene. Fotografia de Danielle Guimarães, 04 de setembro de 2025.



Imagem 71: Área externa do Rancho da Menina, Terreiro de Mãe Marlene. Fotografia de Danielle Guimarães, 04 de setembro de 2025.

3.13 Templo de Umbanda Águas de Oxalá

Endereço: Rua Domingos de Resende, nº 82, Centro - CEP: 37002-340 - Varginha/MG

Coordenadas: -21.554531144962414, -45.4339925180341

Responsável: Paulo Roberto da Silva

Linha: Umbanda com elementos do Candomblé

Histórico / descrição

Ao longo dos anos, as religiões de matriz africana passaram por distintas variações e reelaborações. No caso do Templo de Umbanda Águas de Oxalá, observa-se a adoção da vertente umbandista como base principal, com o emprego esporádico de fundamentos do Candomblé da nação Ketu, especialmente em rituais de cortes e nas práticas divinatórias, como a leitura de búzios e de tarô. Essa vertente do Candomblé, que admite rituais candomblecistas, umbandistas e o trabalho com entidades espirituais, caracteriza-se pela articulação entre crenças, mitos e ritos de diferentes origens — aspecto que também se evidencia na prática do referido templo.

Fundado em 1997 por Paulo Roberto da Silva, o Templo de Umbanda Águas de Oxalá foi instituído após Paulo herdar de sua mãe o imóvel onde o espaço funciona atualmente. Antes disso, ele havia sido coroadado na Umbanda em Belo Horizonte e residido por um período em Porto Seguro, na Bahia, retornando posteriormente a Varginha.

De acordo com o Babalorixá Paulo, seu contato com a religião teve início aos quinze anos de idade, quando começou a ter visões e buscou um terreiro na cidade de Varginha para desenvolver sua mediunidade. No imóvel onde o templo está situado, o espaço sagrado ocupa um quarto localizado no porão, enquanto a parte superior da casa é destinada à moradia de Paulo e de sua irmã, que há três anos se encontra em estado vegetativo. Em razão dessa condição, ele tem dedicado grande parte de seu tempo aos cuidados com a irmã, o que resultou na diminuição das atividades religiosas. Atualmente, Paulo realiza apenas atendimentos individuais a consulentes, não havendo giras regulares no local.

Além da fé, da confiança no próprio trabalho e do desenvolvimento contínuo com a entidade ao longo dos anos, o dirigente acredita que a divulgação das práticas religiosas é essencial para o enfrentamento do preconceito. Defende, ainda, a importância do registro formal das atividades e da criação de uma associação local representativa, considerando que há grande amadorismo no campo e que a maioria das lideranças capacitadas já faleceu. No entanto, reconhece a dificuldade de alcançar tais objetivos, tanto em razão das disputas internas presentes no meio afro

Cultural quanto pela falta de reconhecimento da sociedade varginhense, que, segundo ele, ainda não aceita plenamente essas práticas como expressões religiosas legítimas.

Os mentores espirituais da Casa são: Oxalá (chefe da casa), Oxum, Iemanjá, Ogum e trabalha com pombas giras e exus e na linha mista caboclos ciganos do Oriente.

Periodicidade

No Templo de Umbanda Águas de Oxalá, quando foi fundado, aconteciam encontros uma vez por semana, nas sextas-feiras. Posteriormente, passou a ser por três vezes na semana, às segundas, quartas e sextas-feiras. Atualmente, devido sua irmã estar enferma e em estado vegetativo, Babalorixá Paulo dedica-se na maioria do tempo aos cuidados de sua irmã e atende consulentes que o procuram em busca de ajuda.

Transformações

Para Pai Paulo Nino, as principais mudanças que ocorreram no terreiro/Casa ao longo do tempo dizem respeito a paralisação dos encontros semanais, por estar se dedicando atualmente aos cuidados de sua irmã que está enferma.

Fotografias



Imagem 72: Paulo Nino jogando búzios. Fotografia do acervo da Fundação Cultural de Varginha, out/2022



Imagem 73: Paulo Nilo. Fotografia do acervo da Fundação Cultural de Varginha, out/2022.

3.14 Templo Espírita Caboclo Urubatã

Endereço: Rua da Fonte, nº 17. Bairro Três Bicas - CEP.: 37004-090 - Varginha/MG

Coordenadas: -21.558618106462973, -45.43484943972502

Responsável: Natanael Serafim Coelho

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

O Templo Espírita Caboclo Urubatã, localizado em Varginha, é um espaço sagrado de Umbanda que possui complexa trajetória histórica e social, sendo possivelmente a casa mais antiga da região. Fundado em 1968 por Célio Santos Diniz e registrado em 1972, a sua criação se deu em um período de grande preconceito, perseguição policial e política, e racismo, exigindo muita luta para se manter.

A história do Templo Espírita Caboclo Urubatã foi marcada por diversos períodos e líderes. O Seu Célio, que não era o fundador e sim outro Célio, assumiu a casa por volta de 1980–1985, dando-lhe visibilidade até meados dos anos 1990. Após o desencarne de Seu Célio, a casa chegou a fechar por um tempo, pois não houve quem assumisse, e o ponto começou a ser usado indevidamente por pessoas que o viam como forma de poder. O espaço foi recuperado no início dos anos 2000 após um processo judicial, liderado por Batista, que reergueu a casa. Posteriormente, Vanderley, o pai pequeno na época, assumiu a liderança até ser desligado por volta de 2019/2020.

O dirigente espiritual atual é Natanael Serafim Coelho. Criado em berço católico, ele superou o medo e o preconceito da Umbanda, que atribuía à falta de informação. Natanael iniciou sua trajetória na casa em 2015, entrando na corrente mediúnica em janeiro de 2016. Sua ascensão foi rápida: em um ano e meio foi coroado pai pequeno e, em um período de três anos, teve que assumir a liderança da casa sozinho. Natanael não vê sua posição como um cargo de poder ou vaidade, mas sim como o mais necessitado e responsável por conduzir as pessoas, acreditando que a casa é maior do que quem está à frente, e a espiritualidade o substituiria caso desviasse da missão.

A casa possui uma organização notável, com a participação ativa de médiuns como Tati, que cuida da arte e divulgação, e Luiz Paulo, que atua como secretário executivo na organização. O terreiro possui registro na Receita Federal, CNPJ, e está regularizado.

O Templo Espírita Caboclo Urubatã é uma tenda de Umbanda que segue a linha clássica, também referida como Umbanda branca ou "café com leite". Natanael observa que a Umbanda não possui uma literatura padrão como o Catolicismo ou o

Espiritismo, e as manifestações e rituais variam muito de acordo com o dirigente e a origem da casa. Essa linha clássica tem sido mantida desde os fundadores.

Os trabalhos espirituais, chamados giras, acontecem às quartas e sextas-feiras. O portão é aberto às 19h00 para distribuição de senhas (por controle de segurança/bombeiros) e os trabalhos começam às 20h00. Embora não haja horário fixo para terminar, Natanael limita as giras a no máximo 10:30h/11:00h, para preservar a qualidade do trabalho e o bem-estar dos médiuns. Os médiuns devem cumprir preceitos (abstinência de carne vermelha, bebida alcoólica e atividade sexual) quatro horas antes das giras, além de tomar banhos de ervas em casa.

O terreiro realiza três festas anuais: Festa de Santa Sara (maio), Festa de Cosme e Damião (setembro, a mais tradicional), e Festa dos Ciganos (novembro).

Além das giras, o terreiro promove grupos de estudo às segundas-feiras, abertos à assistência, visando aprofundar o conhecimento da religião.

A estrutura física do Templo Espírita Caboclo Urubatã é a mesma desde sua fundação em 1968 e sofre com a precariedade, necessitando de constantes reparos e adaptações ("gambiarras").

O terreiro é estruturado com pontos de força específicos:

1. **Casa das Almas (Cruzeiro):** Localizada à direita da entrada, cultua Obaluaê, Orixá da cura e transformação, e serve como portal energético para o condicionamento de espíritos sofredores e o trabalho de cura.

2. **Tronqueira (Casa de Exu):** Localizada à esquerda, é o local das firmezas da esquerda (Exu e Pomba Gira), guardando e protegendo o terreiro.

Os trabalhos na Umbanda são divididos entre a linha da direita (limpeza, reconstrução, cura—como Preto Velho e Crianças) e a linha da esquerda (retirada de energias pesadas, desintoxicação—como Exu e Pomba Gira), sendo manifestações complementares.

As entidades guardiãs da casa (independentes do dirigente) incluem Sete da Lira, Pomba Gira das Almas, Caboclo Sete Flechas e Caboclo Pena Branca.

O Templo Espírita Caboclo Urubatã está em um processo de desincretização, buscando substituir as imagens sincretizadas (muitas da época da fundação) por representações afro-brasileiras, afirmando a cultura da Umbanda e distanciando-se de conotações católicas. Natanael critica as representações folclóricas, como Exu demonizado ou lemanjá como uma mulher branca de cabelo liso. A única imagem sincretizada grande que será mantida é a de Cosme e Damião, devido ao grande contexto histórico e à importância dos Erês (crianças) na proteção da casa contra ataques espirituais pesados.

O Papel do Corpo Mediúnico e Social: A corrente mediúnica (corrente) do Templo Espírita Caboclo Urubatã é composta por cerca de 43 médiuns. O terreiro se estabelece como um ambiente de acolhimento, livre de preconceitos e julgamentos, atraindo pessoas de diversas "tribos", incluindo héteros, bissexuais, trans e gays. Muitos médiuns são jovens e procuram a casa após sofrerem preconceito ou exclusão, muitas vezes devido a problemas familiares (como estilo, sexualidade ou tatuagens).

O terreiro exerce um forte papel social na comunidade, prestando auxílio que vai além do espiritual. Eles organizam campanhas e doações para atender demandas materiais, como cestas básicas, roupas, e enxovais para pessoas necessitadas que procuram ajuda (por exemplo, o caso de uma grávida que precisou de ajuda urgente). A Festa de Cosme e Damião também é um evento de grande interação comunitária, distribuindo cerca de 250 a 300 sacolinhas recheadas para as crianças.

A manutenção financeira da casa depende de uma contribuição mensal voluntária dos médiuns, além de doações de materiais (como vassouras ou detergente) e arrecadações específicas para obras (como o muro). É enfaticamente ressaltado que as consultas e atendimentos são absolutamente gratuitos.

Ervas, Pontos e Proteção: O conhecimento sobre ervas é central no terreiro. Natanael explica que os seres encarnados possuem ectoplasma, enquanto as ervas possuem bioplasma, uma energia absorvida da natureza (ar, chão, chuva). Cada erva tem um contexto de bioplasma útil para sua finalidade. O conhecimento das ervas é usado para cura, conexão espiritual e despertar da sensibilidade mediúnica, com casos documentados de cura física (como o uso de Losma e Alfavaca no tratamento de câncer).

Os pontos cantados são passados pelos antigos ogãs e médiuns, e novos pontos são introduzidos por médiuns mais jovens. O atabaque e os ogãs são imprescindíveis, pois determinam o ritmo e a vibração do terreiro, sendo essenciais para a proteção contra demandas espirituais.

Natanael enfatiza que o verdadeiro aprendizado e evolução mediúnica vêm da liberdade e do direito de errar, rejeitando a "cultura do medo" que amarra e castiga. Ele também ensina os médiuns a focarem na energia que sentem (a essência) e não apenas na aparência, como forma de proteção espiritual e discernimento.

Atualmente o Templo Espírita Caboclo Urubatã possui 32 médiuns. Além destes, entre 60 e 80 pessoas costumam frequentar o espaço nos dias de cerimônia em busca de alguma ajuda, seja espiritual ou física.

Segundo Natanael, algumas das principais necessidades da religião e seus praticantes são a divulgação das atividades a fim de promover uma desmistificação

da religião. Além disso, seria importante a criação de uma associação representativa local para assessoramento. Por fim, também considera que o poder público pode auxiliar com relação a uma assessoria ambiental.

Periodicidade

Festividades

- Janeiro, destinado a Oxóssi;
- Março, destinado aos Pretos Velhos;
- Abril, destinado a Ogum;
- Maio, destinado aos Exus; s
- Setembro, destinado a Cosme & Damião e dos Eres;
- Outubro, destinado a Oxum
- Dezembro, destinado a Iemanjá.

Transformações

Segundo Natanael, no decorrer dos anos a Casa passou por várias modificações, tanto estruturais como conceituais. Isso se deve à orientação do dirigente espiritual. Quanto ao número de membros é oscilante, visto que muitos iniciam na Casa e depois fundam ou partem pra outra.

Fotografias



Imagem 74: Festa de Cosme e Damião (gira de Erê) da Templo Espírita Caboclo Urubatã. Fotografia de Danielle Guimarães, set/2025.



Imagem 75: Festa de Cosme e Damião (gira de Erê) da Templo Espírita Caboclo Urubatã. Fotografia de Danielle Guimarães, set/2025.



Imagem 76: Festa de Cosme e Damião (gira de Erê) da Templo Espírita Caboclo Urubatã. Fotografia de Danielle Guimarães, set/2025.

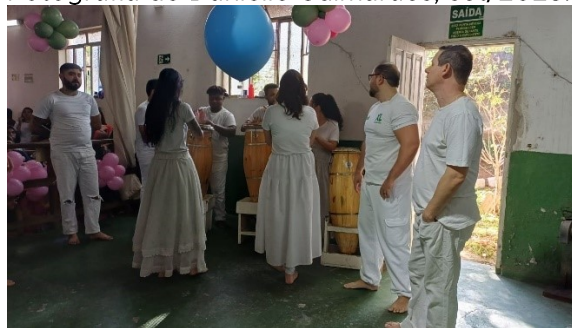


Imagem 77: Festa de Cosme e Damião (gira de Erê) da Templo Espírita Caboclo Urubatã. Fotografia de Danielle Guimarães, set/2025.



Imagem 78: Festa de Cosme e Damião (gira de Erê) da Templo Espírita Caboclo Urubatã. Fotografia de Danielle Guimarães, set/2025.



Imagem 79: Festa de Cosme e Damião (gira de Erê) da Templo Espírita Caboclo Urubatã. Fotografia de Danielle Guimarães, set/2025.

3.15 Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas

Endereço: Rua Professora Eliza, nº 527, Bairro Três Bicas - CEP.: 37004-370 -

Varginha/MG Coordenadas: -21.558106242853096, -45.43428884492464 -

Responsável: Vagner da Costa

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

Fundado em 20 de novembro de 2017 por Vagner da Costa, o Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas foi criado sob a orientação espiritual da entidade Preto Velho Pai Joaquim. Segundo Vagner, conhecido como Pai Vagner, sua aproximação com a Umbanda ocorreu a partir da busca por igualdade e pertencimento religioso. Sua trajetória teve início na Tenda Caboclo Urubatã, também situada em Varginha, onde desenvolveu sua mediunidade e aprofundou seus conhecimentos até que, em 2017, atendendo à orientação de seu mentor espiritual, decidiu fundar seu próprio espaço na cidade.

Atualmente, o templo possui cerca de trinta médiuns, além dos filhos de santo vinculados a Pai Vagner que se encontram em diferentes regiões do país. As principais celebrações do calendário religioso da casa incluem o dia 20 de janeiro, dedicado a Oxóssi; 9 de março, em homenagem à Pomba Gira; 13 de maio, consagrado aos Pretos Velhos; 13 de junho, dedicado aos Exus; e 27 de setembro, dia de Cosme e Damião.

Anualmente, o templo realiza ações de cunho social, como campanhas de arrecadação de cestas básicas e agasalhos, destinadas a famílias em situação de vulnerabilidade no município. Há também o propósito de firmar parcerias com a Prefeitura Municipal e com doadores locais para a coleta e distribuição de verduras a famílias necessitadas.

Para Pai Vagner, uma das principais demandas da religião e de seus praticantes é o reconhecimento pleno da Umbanda como religião legítima, tanto como forma de enfrentamento ao preconceito quanto como garantia de inserção e valorização no âmbito político e social.

Periodicidade

No Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas acontecem encontros uma vez por semana, às segundas-feiras, às 19h.

Transformações

Segundo Pai Vagner, as principais mudanças ocorreram no terreiro/Casa ao longo do tempo dizem respeito ao aumento da capacidade do espaço e do número de frequentadores.

Fotografias



Imagem 80: Festa de Oxóssi (São Sebastião) no Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas. Fotografia do acervo do Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas, jan/2021.



Imagem 81: Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 82: Algumas das imagens do templo. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 83: Algumas das imagens do templo. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 84: Congá(altar). Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 85: Imagens na entrada do templo. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 86: Cartaz na entrada do templo. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.

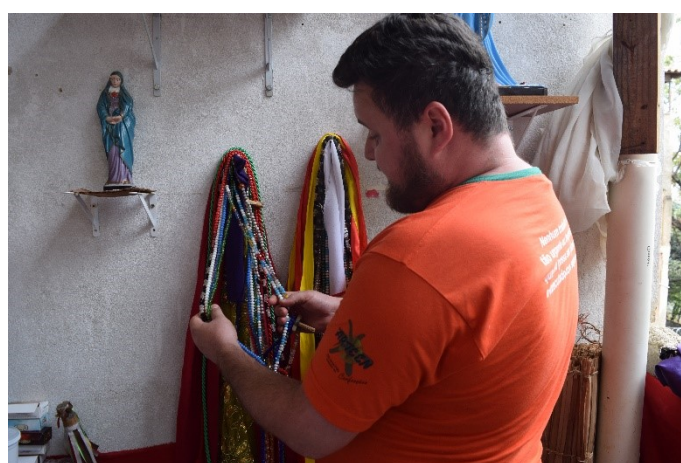


Imagem 87: Pai Wagner mostrando as guias. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 88: Pai Wagner, responsável pelo terreiro. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 89: Terreiro do Pai Vagner. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.

3.16 Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Yansã e Pai José das Almas (TUTOIP)

Endereço: Rua Sagrado Coração de Jesus, nº 24. Bairro Rezende - CEP.:37100-620 - Varginha/MG

Coordenadas: -21.596830885952375, -45.424219140701524

Responsável: Doralice Pereira Tristão – a Mãe Dora

Linha: “Umbanda Mista” ou “Umbanda Umblé” com elementos do Candomblé

Histórico / descrição

Doralice Pereira Tristão, conhecida como Mãe Dora, nasceu em 9 de abril de 1973, ela define o espaço que conduz como uma Casa espiritualista. Segundo ela, o terreiro acolhe pessoas de diferentes trajetórias e crenças, refletindo a diversidade que compõe a Umbanda e outras tradições de matriz africana. O Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Yansã e Pai José das Almas (TUTOIP) foi oficialmente fundado em 23 de abril de 2005, em São Paulo, mas sua origem remonta a um processo mais longo, atravessado por sinais, sonhos e experiências espirituais.

Mãe Dora iniciou sua jornada espiritual ainda na infância, aos doze anos, em Varginha. Foi nesse período que, após enfrentar uma doença, visitou um terreiro de Umbanda — um espaço inicialmente desaprovado por sua mãe. Ali, vivenciou a incorporação do Caboclo Rompe Mato, entidade que permanece sendo seu caboclo de frente até os dias de hoje. Naquele momento, sentiu que aquele era seu lugar, algo que não podia controlar, como se a espiritualidade a puxasse para um destino traçado.

Nos primeiros anos de sua vivência religiosa, frequentava o terreiro escondida da mãe. Ela começou a frequentar o Terreiro aos 12 anos, no bairro Jardim Sion, em Varginha (MG), entrou em contato com a religião pela primeira vez. O espaço era conduzido por Padrinho Pedrinho e Madrinha Fátima, e foi ali, em meio a rituais, rezas e cantos, que ela sentiu um profundo encantamento. Para Doralice, essa vivência juvenil foi a revelação de que seu caminho espiritual estava traçado. Esse antigo terreiro não existe mais e o Pai Pedrinho já é falecido.

Aos dezesseis anos, tentou se engajar mais profundamente na religião, mas foi recusada por Pai Pedrinho por não ter autorização materna. Apesar disso, não estava sozinha: a entidade Mané Baiano a acompanhava, oferecendo-lhe alimentos e material escolar durante sua infância difícil. Ele cumpria sempre o que prometia. Com a espiritualidade, aprendeu desde cedo a buscar seu próprio sustento e a conquistar aquilo de que precisava.

Aos dezessete anos, casou-se e, por não ser aceita pelo marido, afastou-se temporariamente da religião. Mas, aos vinte e um anos, voltou ao mesmo terreiro de antes, permanecendo nele até os vinte e sete, quando se mudou para São Paulo. Lá, seguiu como filha de santo até os trinta e cinco anos. Nesse ponto, deu início a uma nova fase: fez o Santo no Candomblé, buscando mais firmeza espiritual e conhecimento. Também aos trinta e cinco anos, abriu o TUTOIP — seu próprio templo — dentro de sua casa (2008).

Mãe Dora vê em sua missão espiritual uma responsabilidade de transformar vidas, como a espiritualidade transformou a sua. O TUTOIP é descrito por ela como um "terreiro espiritualizado de religiosidade", voltado para acolhimento e mudança de vida, com especial foco em mulheres depressivas e dependentes químicos.

Antes de assumir plenamente esse caminho, teve experiências em outras religiões. Foi batizada em igrejas evangélicas e passou pela catequese católica. No entanto, sempre sentiu que seu caminho era diferente, guiado por sonhos premonitórios e por uma ligação íntima com o mundo espiritual. Em um momento decisivo de sua vida, desmaiou e, nesse estado, recebeu uma mensagem de sua entidade, Pomba Gira Sete Saias, que lhe disse que era hora de retomar sua missão de ajudar a resgatar pessoas. Nesse período, teve também um diálogo espiritual com Deus, no qual compreendeu que Deus estaria presente em toda forma de bondade, independente da religião. A verdadeira escolha, entendeu ela, era fazer o bem.

A fundação do TUTOIP em São Paulo foi marcada por um episódio inusitado e simbólico. Um catador de papelão a procurou dizendo que sua Mãe de Santo havia lhe pedido para levá-la até o terreiro dela, onde deveria escolher algumas imagens. Surpresa, Doralice descobriu que essa Mãe de Santo já havia falecido, e que o homem atuava como mediador da mensagem. A experiência foi interpretada por ela como uma comunicação direta com a espiritualidade, confirmando a necessidade de fundar sua própria Casa religiosa. Mãe Dora restaurou essas imagens e, em 23 de abril de 2005, inaugurou o TUTOIP no quintal de sua residência.

O nome TUTOIP é uma abreviação de Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Yansã e Pai José das Almas (TUTOIP). O termo “Trabalhadores” representa o trabalho espiritual de moldar e ajudar pessoas em suas transformações. O templo passou por três diferentes endereços em São Paulo antes que Mãe Dora sentisse o chamado espiritual para retornar a Varginha.

Desde o ano 2000, Mãe Dora já atendia clientes em Varginha, mas apenas em 2011 teve um terreiro fixo na cidade, localizado na Rua Juriti, onde permaneceu por um ano. Foi apenas em 2022 que retornou definitivamente à cidade, com o propósito de cumprir sua missão espiritual ali.

No TUTOIP, os rituais da Umbanda são vivenciados com profunda reverência às tradições e à natureza. As ervas, chamadas por ela de “sangue verde”, são centrais em todos os ritos. Utilizadas em banhos de purificação chamados *amacis*, são colhidas em horários específicos — como de madrugada ou ao amanhecer com o orvalho — e maceradas com cantos e orações. Exemplos comuns incluem o boldo (associado ao tapete de Oxalá), alecrim (para dar ânimo), hortelã, arruda (utilizada para descarga espiritual) e água de coco (para limpeza do campo mediúnico).

Durante os rituais, Mãe Dora realiza o canto das folhas, entoando preces enquanto macera as ervas, pedindo a orixás como Iansã e Oxalá. Os rituais são conduzidos sobre esteiras com velas acesas. Há uma observação importante: mulheres menstruadas não podem se deitar sobre a esteira, por ser um local sagrado.

A linha de Umbanda praticada no TUTOIP é denominada por ela como “Umbanda Mista” ou “Umbanda Umblé”. Trata-se de uma vertente que incorpora elementos do Candomblé, como o culto aos Orixás e o ritual de corte (sacrifício animal), sendo, portanto, uma Umbanda “cruzada”, e não puramente “sagrada”.

O ritual de corte (sacrifício de animais) tem suas especificidades. São utilizados pombos e codornas para *oris* (cabeças) acamadas, confusas ou em depressão; frangos ou frangas brancas para os oris masculinos ou femininos; cabritos são usados para iniciações ou oferendas a Exu, Ogum e Oxóssi; a galinha-d’angola é obrigatória na feitura para o nascimento do santo; e o boi é utilizado em uma festa anual de agradecimento a Tranca Ruas das Almas. O propósito desses rituais é que o animal, devidamente rezado, absorva as cargas negativas ou doenças da pessoa, realizando uma troca de energias. Em alguns casos, se o ori da pessoa permitir, a carne do animal é consumida. Quando há demanda espiritual — trabalhos negativos —, o animal é descartado em locais como mato fechado ou encruzilhadas.

Atualmente, o templo reúne cerca de 70-75 filhos de santo associados e recebe até 150 pessoas nos dias de atendimento, além de filhos de santo espalhados pelo Brasil e frequentadores ocasionais que buscam auxílio espiritual ou cura física. As cerimônias acontecem quinzenalmente e incluem homenagens aos orixás nos meses correspondentes às suas regências, em rituais marcados por cânticos, toques e oferendas.

Para Mãe Dora, a Umbanda é antes de tudo uma prática de cuidado e resistência. Ela destaca a necessidade de maior respeito por parte da sociedade e dos órgãos públicos, ressaltando que os terreiros não são apenas espaços religiosos, mas também lugares de apoio diante das dificuldades do cotidiano. Em suas palavras, a manutenção dessa cultura é essencial para que os ensinamentos e

princípios das religiões de matriz africana não se percam, permanecendo vivos para as próximas gerações.

Ao acompanhar o cotidiano do TUTOIP, torna-se possível observar a variedade de práticas religiosas e ações comunitárias que compõem a rotina da casa. As oferendas realizadas são diversas e carregadas de significados espirituais profundos. Nos cruzeiros das almas, por exemplo, são colocados pão dormido — destinado às almas que morreram de fome —, copo com água — para aquelas que morreram de sede —, e uma vela acesa, oferecida especialmente às almas suicidas, como uma luz que as guie para fora do umbral.

Outros alimentos são preparados com finalidades específicas. A canjica branca, associada a Oxalá, é oferecida com o intuito de promover paz e equilíbrio espiritual. A pipoca, por sua vez, é utilizada para afastar enfermidades. Quando as oferendas são destinadas a Iansã, que é a mãe de cabeça de Mãe Dora, os elementos são cuidadosamente escolhidos: acarajé, maçã vermelha, pipoca, nove velas e uma folha de bananeira colocada sob um bambuzal. Já para Ogum, os elementos utilizados são feijão preto, milho amarelo, cará aberto e palitos de bambu, que simbolizam lanças de proteção.

No campo do engajamento comunitário, o TUTOIP se destaca por seu acolhimento abrangente. O suporte prestado pela casa ultrapassa a dimensão espiritual, alcançando também as necessidades materiais. Pessoas em situação de vulnerabilidade recebem auxílio com alimentos, medicamentos, roupas de bebê, móveis e até mesmo apoio a pessoas colostomizadas. Essa rede de ajuda é sustentada de forma solidária pelos próprios membros do terreiro, que se organizam para atender tanto os filhos de santo quanto pessoas de fora da religião, por meio de doações de cestas básicas e medicamentos.

As crianças também são incluídas nas atividades da Casa, com um projeto pensado especialmente para elas. Durante as giras, o TUTOIP desenvolve uma didática lúdica com o objetivo de combater o preconceito religioso desde cedo. São utilizados materiais como desenhos de Orixás mirins para colorir, acompanhados de explicações acessíveis sobre o significado e as características dessas entidades, como Iemanjá e Oxum.

O funcionamento do TUTOIP é estruturado com cuidado. Antes das giras, são realizados estudos conduzidos por Mãe Dora, com temas como contra egum, atabaques e entidades. Esses estudos são acompanhados por uma apostila, compartilhada em um grupo interno da casa. As guias, colares usados nos rituais, devem ser feitas com cristal (pedras naturais) e cordonê de algodão. O uso de materiais plásticos é evitado, por não terem valor espiritual. Cada guia é preparada

com cores e contagem de miçangas específicas, correspondendo ao Orixá ou entidade a que se destina, sendo abençoada e fechada por Mãe Dora.

Os assentamentos são organizados de acordo com a disponibilidade do espaço. Há assentamentos externos voltados para Exus, enquanto dentro do barracão — que é alugado e temporário — a firmeza espiritual é feita na porta, mas não no chão. Essa adaptação se dá pelas limitações do local.

Durante as giras, os pontos cantados são utilizados para energizar o ambiente e invocar as entidades. O TUTOIP inicia suas giras sempre com Exu, em especial Ogum Xoroquê, considerado o dono dos caminhos. Em seguida, entoar-se o Hino da Umbanda e outros pontos dedicados aos Orixás. Cada terreiro possui seus próprios pontos de abertura, elaborados a partir do comando espiritual do dirigente, e no caso do TUTOIP, eles carregam também elementos das vivências de Mãe Dora por diferentes lugares.

A sustentação financeira da casa é um desafio constante. O aluguel mensal do espaço é de R\$3.000, além das contas de consumo e dos materiais necessários para os rituais. Existe a sugestão de uma mensalidade de R\$100 para os filhos associados, mas o pagamento não é obrigatório. Mãe Dora mantém um trabalho fora do terreiro para garantir a manutenção do templo, reforçando que não depende do "dinheiro do santo". Toda assistência espiritual durante as giras é oferecida gratuitamente.

Alguns atendimentos particulares são cobrados, como consultas com oráculos — cartas e búzios — ou trabalhos específicos relacionados, por exemplo, a questões conjugais. Nesses casos, os valores variam entre R\$177 e R\$200, destinados à compra dos materiais necessários. Entretanto, não há qualquer cobrança em atendimentos ligados à saúde ou desemprego, que são considerados situações de auxílio espiritual.

Segundo Mãe Dora, cada entidade tem uma personalidade específica e possui determinada roupa própria. No seu Templo, as roupas ficam guardadas em um cabideiro próprio e são usadas durante as cerimônias (Imagem xx). Dona Sete Saias, por exemplo, usa preto e vermelho, com babados. A característica dela é ter sete saias e nas cores preto e vermelho.

No relacionamento com o poder público e na preservação das tradições, Mãe Dora expressa a principal demanda do TUTOIP: a conquista de um espaço próprio. O alto custo do aluguel e as dificuldades impostas pelo preconceito religioso tornam a locação de um espaço adequada um grande desafio. Um local fixo permitiria à casa ampliar seu atendimento e fortalecer a rede de apoio comunitária.

Mãe Dora também agradece o apoio da Fundação Cultural de Varginha pelas ações de combate ao preconceito religioso, consideradas fundamentais para a Umbanda. Ela sugere ainda a criação de um espaço em Varginha ou no Sul de Minas,

semelhante ao "Vale dos Orixás", em São Paulo, ou ao "Vale de Santa Sara", em Pouso Alegre. Esse espaço serviria como ponto de realização de rituais, inclusive com cortes, banhos de cachoeira, batismos e encontros, além de fomentar o turismo religioso e o conhecimento da Umbanda, sem expor seus praticantes a olhares de incompreensão.

Por fim, Mãe Dora manifesta seu desejo de eternizar a história do TUTOIP. Ela se diz profundamente grata pela oportunidade de ver sua trajetória registrada, o que considera essencial para manter viva a cultura da Umbanda e honrar os ancestrais. Com esse propósito, planeja deixar uma biografia escrita, junto aos fundamentos da casa, como herança para seus netos.

Periodicidade

O TUTOIP realiza *giras* a cada 15 dias, aos sábados, das 18h às 22h30, considerando a vida familiar dos participantes.

Transformações

Segundo Mãe Dora, as principais mudanças que ocorreram no terreiro/Casa ao longo do tempo dizem respeito ao espaço físico, que teve seu endereço modificado quatro vezes. Além disso, mudanças de filhos e de seguidores é normal, pois ela entende atualmente que é preciso estar onde a espiritualidade quer, fazendo e cumprindo a missão de ajudar onde mais se precisa. Quando Dora abriu sua Casa em São Paulo possuía 7 adeptos e já chegou a ter 75 filhos de santo em São Paulo. Hoje possui filhos na Bahia, São Paulo, Jarinu.

Festividades

- Janeiro: Exu e Oxóssi (prosperidade).
- 27 de Março: Comemoração do aniversário de morte de dona Sete Saias (padroeira da esquerda).
- Abril: Ogum (com feijoada).
- Maio: Pretos Velhos (com comidas típicas como feijão, tutu, arroz, couve).
- Junho: Pombas Giras (perto do Dia de Santo Antônio).
- Agosto: Obaloaê.
- Setembro: Cosme e Damião.
- Outubro: Erê ou Oxum.
- Novembro: Abaluaê (procissão dos finados).
- Dezembro: Encerramento com todos os Orixás.

Fotografias

DOSSIÊ DE REGISTRO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
TERREIROS DE VARGINHA



Imagem 90: Mãe Dora em Terreiro na Praia Grande, em São Paulo, durante Encontro de Final de Ano e encerramento do ano. Ca. 1994/1995. Acervo da Mãe Dora.



Imagem 91: Terreiro na Praia Grande, em São Paulo, durante Encontro de Final de Ano e encerramento do ano. Ca. 1994/1995. Acervo da Mãe Dora.



Imagem 92: Mãe Dora no Tutuip. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 93: Oferenda a lemanjá realizada pelo tutuip. Fotografia de Doralice Pereira Tristão, s/d.



Imagem 94: O Congá e a Mãe Dora no seu Barracão. Fotografia de Danielle Guimarães, 11 de setembro de 2025.



Imagem 95: Mãe Dora no Cruzreiro das Almas. Fotografia de Danielle Guimarães, 11 de setembro de 2025.



Imagem 96: Mãe Dora no quarto da esquerda. Fotografia de Danielle Guimarães, 11 de setembro de 2025.



Imagem 97: Roupas das entidades que são vestidas durante os rituais. Fotografia de Danielle Guimarães, 11 de setembro de 2025.

3.17 Tenda de Caridade Cabocla Jandira e Cabocla Arranca Toco

Endereço: Av. Antônio Frederico Ozanan, 635 - Conj. Hab. Sion, Varginha - MG, 37044-480

Coordenadas: -21.564750894553864, -45.42033894416874

Responsável: Antônio Admircio Pedro

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

Fundada em 2008 por Antônio Admircio Pedro, a Tenda de Caridade Cabocla Jandira e Caboclo Arranca Toco funcionou, no início, em terreno ocupado por invasão, posteriormente, Antônio Admircio conseguiu junto à Prefeitura Municipal de Varginha a doação do local onde está atualmente e com a ajuda de médiuns e simpatizantes construiu o terreiro.

Segundo Antônio Admircio, também conhecido como Pai Admircio, a religião se apresentou para ele ainda na infância, desde então, quis continuar se desenvolvendo nos preceitos desta. Ele iniciou sua vida na Umbanda em 1974, no Rio de Janeiro, onde participou de um terreiro por 30 anos. Lá, ele se desenvolveu, cursou Teologia (online e presencial) e se tornou Babalorixá. Antes da Umbanda, ele foi catequista e Testemunha de Jeová. A religião foi um caminho para que Pai Admircio fosse resgatado do alcoolismo. Ele enfatiza que a salvação veio de Deus, e a religião foi apenas o meio para sua concretização e transformação de vida.

Em 2009, Pai Admircio mudou-se para Varginha por causa da família de sua esposa. O terreiro começou de forma simples no bairro Padre Vítor, "debaixo de um abacateiro", e evoluiu para um "quartinho".

Por volta de 2012-2013, o terreiro se mudou para o bairro Santana, onde já possuía um espaço maior. Em 2013-2014, o terreno atual foi cedido pela prefeitura. Antes, era um ponto de tráfico e descarte de lixo, exigindo uma extensa "limpeza espiritual e física" para transformá-lo no templo atual, que hoje é a "Associação Paz e Caridade".

Pai Admircio descreve a Umbanda como uma religião brasileira originária que integra forças de negros africanos, caboclos indígenas, catolicismo e espiritismo, formando uma "força mística astral". A Umbanda significa "paz, caridade e caminho aberto".

No terreiro de Pai Admircio, a vivência religiosa se ancora em princípios que combinam estudo, disciplina e respeito à vida. O estudo teológico é tratado como fundamento indispensável: apostilas e livros da Confederação Espírita do Rio de Janeiro circulam entre os integrantes, orientando desde os ritos de batismo até os processos de desenvolvimento mediúnico. A Bíblia é sempre evocada como guia e

“caminho”, servindo de referência para os preceitos que regem as práticas coletivas, enraizadas no Evangelho.

No espaço ritual, o traje comunica valores de pureza e igualdade. As roupas brancas predominam, criando uma atmosfera de unidade. Em dias festivos, as cores se transformam para acompanhar o orixá homenageado, revelando a dimensão simbólica da vestimenta. O uso de calçados é evitado: os pés descalços reforçam o contato direto com a energia do chão sagrado, exceto em casos de necessidade, quando se permite o uso de pares limpos, exclusivos para o interior.

As normas de conduta expressam tanto cuidado espiritual quanto preservação da ordem comunitária. Não se consomem bebidas alcoólicas e o tabaco é reduzido ao mínimo. O corpo deve se apresentar sem adornos chamativos — maquiagens, piercings, brincos e esmaltes fortes não são aceitos. As gestantes, por sua vez, participam de maneira resguardada, permanecendo sentadas e afastadas, em atenção à segurança delas e do bebê.

Um traço marcante da identidade do terreiro é a recusa ao sacrifício animal, reafirmando uma ética do respeito à vida. Essa ética se prolonga na relação com o mundo natural: as ervas e folhas são elementos centrais, utilizadas em banhos, infusões e remédios preparados com saberes transmitidos de geração em geração. Sempre coletadas em matas virgens, essas plantas carregam a força vital da natureza. O mesmo respeito se vê na criação de pombos brancos, cuidados com zelo para, em momentos especiais, serem soltos em rituais que celebram a paz.

Atualmente, o templo possui 75 adeptos, fora os filhos de santo que Pai Admircio tem espalhados pelo Brasil, somando cerca de 250 pessoas.

Anualmente também são realizados projetos sociais pelo templo, como arrecadação de cestas básicas para doar para famílias carentes do município. Segundo Pai Admircio, com respeito e ajuda do poder político seria possível a realização de projetos de ampliação da instalação e de projetos sociais de caridade.

No terreiro de Pai Admircio, as falas sobre o futuro giram em torno de desejos muito concretos. Um dos pedidos recorrentes é o apoio da prefeitura para ampliar a estrutura: uma cozinha maior, capaz de atender às festas, e dormitórios que acolham médiuns vindos de outras cidades durante os períodos de recolhimento.

O tema do reconhecimento como patrimônio cultural também aparece. A iniciativa da Secretaria de Cultura de Varginha em registrar os terreiros é recebida com expectativa, vista como uma forma de garantir proteção e apoio.

Entre os projetos sonhados, destaca-se o chamado “Vale dos Orixás”. Pai Admircio descreve a ideia como um espaço de mata preservada, aberto a todos os terreiros. Ali, poderiam acontecer encontros, vivências, atividades culturais, turismo

religioso e ações de educação ambiental. Ele reforça que o espaço não teria caráter institucional religioso, mas coletivo e comunitário.

Nas conversas, Pai Admircio mostra preocupação com a educação das novas gerações. Relata as palestras realizadas em escolas como momentos importantes para explicar as religiões de matriz africana e combater o preconceito.

Ao falar sobre as entidades, dedica atenção especial ao Exu. Explica que não é o “demônio”, mas sim o abridor de caminhos e o equilíbrio. Pede que as pessoas não façam pedidos “desordenados”, mas que busquem nele força para clarear os rumos da vida.

No terreiro de Pai Admircio, o trabalho social aparece como parte do cotidiano. Psicólogos e médicos oferecem auxílio, enquanto cestas básicas, roupas e medicamentos são distribuídos — estes últimos destinados à Associação Anjos de Branco, que possui farmacêutico para orientar o uso correto. Há a intenção de organizar um cadastro das famílias atendidas.

As lembranças do início em Varginha trazem marcas de preconceito religioso: perseguições e até apedrejamentos. Pai Admircio destaca que a existência de um estatuto e a filiação a uma Confederação Espírita foram medidas de proteção frente à intolerância.

Em suas falas, surgem críticas à vaidade e à desunião entre os terreiros. Ele lamenta o afastamento da caridade e da “essência de Deus”, apontando a mistificação e os interesses pessoais como desvios dos propósitos originais. A Umbanda, no terreiro, é descrita como um “hospital do espírito”, onde se acolhem dores humanas — de saúde, de amor, de finanças, de depressão. Não é lugar para ganhos materiais ou exibição de poder. Para o Babalorixá, a responsabilidade é entendida como “penitência maior”.

Periodicidade

Na Tenda de Caridade Cabocla Jandira e Caboclo Arranca Toco acontecem encontros duas vezes por semana, às terças e sextas-feiras, das 20h às 22h30. Na terça são encontros de estudo teórico e desenvolvimento dos médiuns e nas sextas os médiuns desenvolvidos realizam atendimentos/assistências.

Datas festivas

O terreiro celebra festas e saudações aos Orixás ao longo do ano:

- 20 de janeiro: São Sebastião (Oxóssi) – primeira celebração do ano.
- 23 de abril: São Jorge (Ogum).
- 3 de maio: Pretos Velhos.
- 27 de setembro: Cosme e Damião (Ibejada/Erês).

- Saudações: Iemanjá (2 de fevereiro), Oxum (12 de outubro, sincretizada com Nossa Senhora Aparecida, a quem Pai Admircio também recorre para descarrego espiritual).

As "festas" incluem preparação de alimentos e são abertas ao público, enquanto as "saudações" são mais focadas na batida e canto dos orixás. A preparação dos médiuns ("recolhimento") é um processo fechado e restrito.

Transformações

Segundo Pai Admircio, o terreiro foi fundado por ele em 2008 e funcionou, no início, em terreno ocupado por invasão, posteriormente, ele conseguiu junto à Prefeitura Municipal de Varginha a doação do local onde está atualmente e com a ajuda de médiuns e simpatizantes construiu o terreiro.

Fotografias



Imagem 98: Barracão da Tenda de Caridade Cabocla Jandira e Caboclo Arranca Toco. Fotografia de Daniele Guimarães, setembro de 2025.

3.18 Tenda Espírita Luz de Ogum

Endereço: R. Hortência Péres Lúcio, 326 - Jardim Aurea, Varginha - MG, 37034-100

Coordenadas: -21.540161828173296, -45.45684176221272

Responsável: Douglas Cristian dos Santos Tenório, O Pai Du

Linha: Umbanda Omolocô

Histórico / descrição

A Casa Luz de Ogum tem como responsável Douglas Christian dos Santos Tenório, conhecido como Pai Du, nascido em Varginha em 25 de outubro de 1982. A trajetória religiosa de Douglas está profundamente enraizada em sua linhagem familiar, uma vez que sua mãe era mãe de santo e seu avô também exercia a função

de pai de santo, evidenciando a continuidade de saberes e práticas tradicionais no seio familiar.

O dirigente herdou o terreiro após o falecimento de sua mãe, em 2003, dando prosseguimento à missão espiritual que lhe foi transmitida. Seu desenvolvimento mediúnico ocorreu sob a orientação de sua mãe, do pai de santo Paizão e de Áurea, referências importantes em sua formação. No ano de 2004, Douglas adquiriu o barracão onde o seu terreiro se encontra atualmente sediado.

Por duas décadas, Pai Du exerceu atividades profissionais na área de administração, conciliando seu ofício com as responsabilidades e práticas religiosas desempenhadas no terreiro. Há cerca de dois anos, decidiu dedicar-se integralmente às demandas do barracão, direcionando seus esforços à manutenção, organização e expansão das atividades espirituais e comunitárias da Casa Luz de Ogum. Paralelamente, atua também como tarólogo, utilizando-se dessa prática como instrumento complementar de orientação e autoconhecimento, em consonância com os princípios éticos e espirituais que norteiam sua trajetória religiosa.

A Casa Luz de Ogum cultua entidades conhecidas como falangeiros, em consonância com os fundamentos da Umbanda, religião à qual o terreiro pertence. O barracão dispõe de um espaço amplo destinado à realização das giras, além de contar com dependências específicas, como cozinha, quarto de Exu e quarto de Santo, que atendem às necessidades rituais e organizacionais da casa.

O uso de ervas e plantas sagradas constitui elemento essencial para a condução dos rituais e para o cotidiano religioso, reafirmando o vínculo simbólico e espiritual com a natureza. O respeito e a preservação dos elementos naturais são princípios fundamentais que orientam as práticas e valores do terreiro, expressando a dimensão ecológica e sagrada da Umbanda.

Periodicidade

As giras são realizadas às segundas-feiras, às 20 horas, e o espaço possui cerca de trinta filhos de santo ativos, além de frequentadores de outros terreiros que participam das atividades da casa.

Transformações

Não foram identificadas transformações que impactassem de forma direta o funcionamento do terreiro. A principal mudança observada ao longo do tempo refere-se ao aumento do número de frequentadores, resultado do reconhecimento e da consolidação das atividades religiosas realizadas no local, que ampliaram o alcance e a participação da comunidade nas práticas espirituais conduzidas pela Casa Luz de Ogum.

Fotografias

DOSSIÊ DE REGISTRO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
TERREIROS DE VARGINHA



Imagem 99: Gira na Casa Luz de Ogum. Acervo pessoal de Pai Du, s/d.



Imagem 100: Gira na Casa Luz de Ogum. Acervo pessoal de Pai Du, s/d.



Imagem 101: Gira na Casa Luz de Ogum. Acervo pessoal de Pai Du, s/d.



Imagem 102: Gira na Casa Luz de Ogum. Acervo pessoal de Pai Du, s/d.



Imagem 103: Gira na Casa Luz de Ogum. Acervo pessoal de Pai Du, s/d.

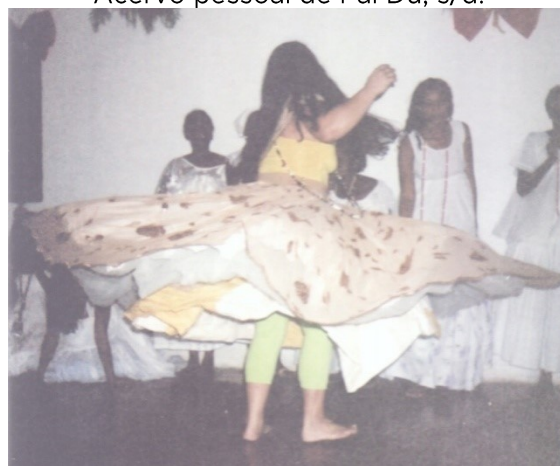


Imagem 104: Gira na Casa Luz de Ogum. Acervo pessoal de Pai Du, s/d.



Imagem 105: Congá da Casa Luz de Ogum.
Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de
2025.

Imagem 106: o Pai Du durante entrevista
para o processo de Registro. Fotografia de
Danielle Guimarães, setembro de 2025.

3.19 Terreiro de Umbanda Caboclo Tupinambá

Endereço: R. Francisco Paiva Neto, 45 - Jardim Corcetti I, Varginha - MG, 37036-640

Coordenadas: -21.530855337977528, -45.45147943337752

Responsável: Wallisson Luis dos Santos

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

O Terreiro de Umbanda Caboclo Tupinambá, fundado em 2019, é conduzido por Wallisson Luís dos Santos, de 33 anos, que dá continuidade a uma tradição religiosa herdada de sua família. Filho de pais umbandistas, Wallisson cresceu imerso nas práticas, valores e fundamentos da religião, consolidando desde a infância uma profunda ligação com a espiritualidade. Iniciou sua trajetória mediúnica no Terreiro do Caboclo Pena Branca, onde permaneceu por oito anos em aprendizado e desenvolvimento espiritual. Posteriormente, acompanhou o irmão na fundação de uma casa em Boa Esperança, colaborando nas atividades religiosas por três anos. Após o falecimento do pai, também dirigente espiritual, assumiu a responsabilidade de manter viva a herança religiosa familiar, passando a dirigir o Terreiro de Umbanda Caboclo Tupinambá, que se encontra sob sua condução há dois anos.

As sessões são realizadas semanalmente, às quartas-feiras, às 20 horas, sendo precedidas por grupos de estudo voltados ao fortalecimento da formação doutrinária dos médiuns e frequentadores. Atualmente, o terreiro possui sete médiuns atuantes e mantém suas práticas fundamentadas na preservação dos princípios da Umbanda, na valorização da ancestralidade e na continuidade de um legado espiritual transmitido entre gerações.

Durante as giras, os participantes utilizam as indumentárias brancas tradicionais da Umbanda, conhecidas como ajós. As mulheres vestem saias longas e rodadas, camisetas brancas e turbantes, símbolos de pureza e respeito às forças espirituais; os homens, por sua vez, trajam calças e camisetas brancas, compondo o mesmo conjunto ritualístico que expressa unidade e reverência no exercício do sagrado.

Periodicidade

As sessões são realizadas semanalmente, às quartas-feiras, às 20 horas, antecedidas por grupos de estudo que fortalecem a formação doutrinária dos médiuns e frequentadores

Transformações

As principais transformações observadas no Terreiro de Umbanda Caboclo Tupinambá estão diretamente relacionadas à mudança de liderança. Após o falecimento do antigo dirigente, o pai de Wallisson, houve um processo de transição que resultou na continuidade das atividades sob a responsabilidade do atual líder. Essa alteração representou não apenas uma renovação administrativa e espiritual, mas também um momento de reafirmação dos compromissos com a tradição e a ancestralidade familiar. A condução de Wallisson tem se caracterizado pela manutenção dos fundamentos herdados, ao mesmo tempo em que introduz uma nova dinâmica de organização e estudo, fortalecendo o papel educativo e comunitário do terreiro.

3.20 Templo de Umbanda Estrela Guia

Endereço: Rua Geralda Salles Gontijo, nº 125. Bairro Jardim Corcetti I - CEP.:37036-620 - Varginha/MG - Coordenadas: -21.528195885930486, -45.44968260048123

Responsável: Claudenir Rodrigues Alves

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

Fundado em 2015 por Claudenir Rodrigues Alves, o Templo de Umbanda Estrela Guia surgiu a partir da orientação da entidade Preto Velho Pai João do Congo. À época da fundação, Claudenir obteve um terreno por meio de contrato de comodato e, com o auxílio de simpatizantes, construiu o templo, preservando uma mina d'água existente no local, bem como a vegetação que o cercava. Posteriormente, o proprietário solicitou a devolução do terreno, e o templo passou a funcionar de forma temporária na residência de um dos adeptos, até que seja possível a aquisição de um novo espaço.

Claudenir, conhecido também como Zelador de Almas, relata que o encontro com a religião ocorreu aos vinte e três anos de idade, em um momento de profunda transformação pessoal. Naquele período, era ébrio habitual e dependente químico. Buscando ajudá-lo, seu irmão o convidou para sair sob o pretexto de ir a um bar jogar sinuca, mas, na verdade, o levou ao Terreiro Caboclo Sete Estrelas e Rei da Mata Virgem. Foi ali que Claudenir tomou consciência de sua mediunidade e da necessidade de desenvolvê-la. Desde então, permaneceu dedicado à religião até que, orientado por seu guia espiritual, decidiu abrir seu próprio templo.

Atualmente, o Templo de Umbanda Estrela Guia possui onze médiuns, além dos filhos de santo de Claudenir espalhados pelo Brasil. Outras pessoas também frequentam o espaço nos dias de cerimônia, buscando auxílio espiritual ou físico. Entre as principais festividades realizadas destacam-se as homenagens aos Pretos Velhos, a Cosme e Damião, aos Caboclos, Baianos, Cangaceiros, Boiadeiros, Marinheiros, Ciganos, Malandros, Exus, Ogum, Nanã Buruquê, Oxalá, Oxum, Iansã, Iemanjá, Xangô, Oxóssi e Obaluaê.

O templo também promovia anualmente projetos sociais voltados à comunidade. Sempre que famílias entravam em contato solicitando auxílio, os adeptos se mobilizavam para arrecadar alimentos, roupas e outros itens essenciais, destinando-os a pessoas em situação de vulnerabilidade ou a instituições sociais do município. No momento, essas ações estão temporariamente suspensas, em razão da ausência de sede própria, mas há o compromisso de retomá-las assim que um novo espaço for estabelecido.

Segundo Claudenir, entre as principais necessidades da religião e de seus praticantes estão a aquisição de um terreno para a construção definitiva do templo, por meio de ações coletivas entre simpatizantes e médiuns, e a criação de uma associação local de religiões afro-brasileiras, voltada ao assessoramento e à representatividade das casas religiosas. Ele defende que essa associação seja composta apenas por terreiros devidamente registrados, como forma de coibir a proliferação de espaços desorganizados que, segundo ele, acabam por descredibilizar a fé e enfraquecer a imagem da religião.

Transformações

Segundo Claudenir, as principais mudanças que ocorreram no terreiro/Casa ao longo do tempo dizem respeito ao espaço físico, que teve o endereço modificado e atualmente, está funcionando de forma temporária na Casa de um dos adeptos, até que um novo espaço para funcionar o terreiro seja adquirido.

Periodicidade

No Templo de Umbanda Estrela Guia acontecem encontros de quinze em quinze dias, de forma temporária, até que um espaço adequado para funcionar o templo possa ser adquirido

Fotografias



Imagem 107: Casamento sendo realizado no Templo de Umbanda Estrela Guia em 2017. Fotografia do acervo do Templo de Umbanda Estrela Guia, mar/2017



Imagem 108: 1ª Festa Cigana do Templo de Umbanda Estrela Guia. Fotografia do acervo do Templo de Umbanda Estrela Guia, mai/2017.



Imagem 109: Casamento realizado no Templo de Umbanda Estrela Guia em 2017. Fotografia do acervo do Templo de Umbanda Estrela Guia, mar/2017



Imagem 110: Templo de Umbanda Estrela Guia em 2017. Fotografia do acervo do Templo de Umbanda Estrela Guia, mar/2017



Imagem 111: Membros do templo em 2017. Fotografia do acervo do Templo de Umbanda Estrela Guia, mar/2017.

Imagem 112: Adeptos no templo. Fotografia do acervo do Templo de Umbanda Estrela Guia, mar/2017.



Imagem 113: Congá (altar) do templo em 2023. Fotografia de Claudenir Rodrigues Alves, set/2023.

3.21 Tenda Espírita Caboclo Sete Flechas

Endereço: R. João Dande dos Santos, 19 - Jardim Mont Serrat, Varginha - MG, 37036-205

Coordenadas: -21.535002991304538, -45.45485838835347

Responsável: Pai Evandro Henrique da Silva

Linha: Umbanda e do Candomblé da Nação Jeje

Histórico

Evandro Henrique da Silva nasceu em Varginha, em 19 de fevereiro de 1979. Criado em uma família católica, desde jovem demonstrou inclinação religiosa, a ponto de desejar tornar-se padre. Contudo, aos dezesseis anos, sua trajetória espiritual tomou novos rumos após presenciar a cura da depressão profunda de sua mãe por meio de tratamentos espirituais. Esse episódio marcou seu primeiro contato com o espiritismo. A partir de então, passou a frequentar centros espíritas e, posteriormente, igrejas evangélicas, chegando inclusive a ser batizado. Após um período de vivência em São Paulo, retornou a Varginha em 2007.

Ao regressar, Evandro fez uma promessa: caso conseguisse adquirir uma casa própria, construiria um oratório dedicado a São Jorge e Iemanjá. No mesmo ano, comprou a residência onde hoje funciona o terreiro e iniciou os atendimentos espirituais em um pequeno quarto. Com o passar do tempo, o espaço foi sendo ampliado, transformando-se em um barracão de trinta metros quadrados, que passou por reformas e ampliações, sendo a mais significativa realizada em 2019. Atualmente, o espaço ritualístico ocupa sessenta e três metros quadrados no andar inferior da casa.

O templo recebeu o nome de Tenda Espírita Caboclo Sete Flechas e foi oficialmente registrado como “Associação Espírita São Jorge Guerreiro” entre 2008 e 2009. O registro legal foi considerado um marco importante, tanto para o reconhecimento institucional da casa quanto para o enfrentamento de denúncias e episódios de preconceito enfrentados por Evandro junto à vizinhança. A Tenda segue as tradições da Umbanda e do Candomblé da Nação Jeje, tendo Ogum (sincretizado com São Jorge) como Orixá regente.

A doutrina seguida por Evandro tem origem nos ensinamentos do sacerdote José Luiz Viana Galdino, conhecido como Paizão, responsável por difundir uma forma singular de Umbanda na cidade. Segundo essa tradição, o processo de iniciação envolve as etapas de Obi, Bori, Camarinha e Coroação, sendo o Bori — confirmação dos espíritos — o mínimo exigido para que um médium possa abrir sua própria casa. O processo iniciático de Evandro se estendeu por sete anos, embora o tempo varie conforme a mediunidade de cada indivíduo. Na hierarquia da Umbanda,

o líder espiritual é denominado Babá de Umbanda, título que Evandro carrega, possuindo também uma guia de coroação específica, símbolo de vida e morte, que não pode ser dobrada.

As cerimônias ocorrem, em sua maioria, às sextas-feiras, com início às vinte horas e duração indefinida, podendo ser abertas ao público ou reservadas aos filhos de santo. Ao longo do ano, são realizadas festas dedicadas a diversas entidades e Orixás: Ogum (abril), Preto Velho (maio), Erê (setembro), Caboclo e Boiadeiro (junho/julho) e Oxóssi (janeiro), sendo esta última considerada a mais farta e bonita do calendário litúrgico da casa.

As comidas de santo ocupam papel central nas celebrações, simbolizando fartura e oferenda. Entre os pratos preparados destacam-se a rabada para Ogum, o milho e as frutas para Oxóssi, doces para Erê, feijoada para Preto Velho e padê para Exu e Pombagira. A preparação dessas comidas é realizada com zelo e dedicação, reforçando o caráter ritualístico da culinária afro-brasileira.

A Tenda Espírita Caboclo Sete Flechas opera dentro dos princípios da caridade. Nenhum trabalho espiritual, como os ebós, é cobrado. A manutenção da casa — despesas com água, luz e insumos — é custeada principalmente por Evandro, com o apoio de doações espontâneas dos filhos de santo e frequentadores. Evandro mantém separadas as finanças pessoais e profissionais — trabalha em hospital e na área de segurança — das atividades do terreiro.

Os trajes rituais são predominantemente brancos. Após a coroação, o Babá pode utilizar roupas coloridas, ao passo que os yawos, ou iniciados, devem permanecer de branco. As guias, confeccionadas com miçangas de cristal, são adquiridas em lojas especializadas ou pela internet. Três atabaques são utilizados durante os toques, que acompanham as cantigas e as danças das entidades.

Alguns elementos da doutrina local conferem características próprias à Umbanda praticada em Varginha. Entre eles, destaca-se a proibição do uso de calçados durante os rituais, a fim de preservar o contato direto com a terra. Também há restrições quanto à incorporação: homens não incorporam Orixás femininas (Yabás), sendo a incorporação de Evandro com Pombagira uma exceção, justificada por vínculos ancestrais e pela posição de regência que a entidade ocupa em sua casa. O terreiro também possui o chamado “chão plantado”, fundamento enterrado no solo, prática mais comum no Candomblé e que lhe foi autorizada pelo Paizão, antecipando sua transição para a tradição jeje-nagô.

O cumprimento dos resguardos rituais é parte essencial da disciplina espiritual. Recomenda-se abstinência sexual, restrição ao consumo de carne vermelha, banhos de ervas e acendimento do anjo da guarda por três dias antes das giras, especialmente às quartas, quintas e sextas-feiras. Os banhos de ervas — ou abôs e

amacis — são obrigatórios para todos os participantes e utilizados conforme a necessidade espiritual. Mulheres menstruadas não participam ativamente das giras ou cortes, devendo permanecer na assistência com um pano branco na cintura, enquanto as grávidas podem incorporar até o sexto mês de gestação, exceto nas giras de Exu e Pombagira. Evandro recorda que, no passado, práticas hoje proibidas, como o uso de pólvora, cacos de vidro e brasas, eram empregadas para testar incorporações.

As ações sociais da Tenda refletem a vivência pessoal de Evandro, marcada por experiências de pobreza na infância e pelo aprendizado cristão sobre a importância da caridade. O terreiro realiza coleta e distribuição de alimentos, roupas e bens a famílias carentes, além de auxiliar no pagamento de contas, na obtenção de documentos e no acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade. Ao longo dos anos, cinquenta e uma pessoas foram abrigadas no local, incluindo integrantes da comunidade LGBTQIA+, usuários de drogas e pessoas em situação de rua, seguindo o princípio de “fazer o bem sem olhar a quem”. Devido ao preconceito enfrentado no bairro, as festas infantis promovidas pelo terreiro passaram a ser realizadas em regiões mais receptivas, como os bairros Carvalhos e Novo Tempo.

Evandro relata que enfrentou e ainda enfrenta manifestações de preconceito, embora tenha conquistado o respeito dos moradores locais com o passar dos anos. Afirma nunca ter recebido apoio financeiro ou estrutural do poder público e questiona a ausência de isenções em serviços como água e energia elétrica, benefício que observa ser concedido a outras religiões. O registro formal da casa, ainda que não tenha trazido vantagens econômicas, mostrou-se essencial para garantir respaldo jurídico diante de denúncias e situações de conflito.

Com vistas ao futuro, Evandro já definiu os cargos de “pai pequeno” e “mãe pequena”, responsáveis pela continuidade da casa e preservação da tradição. Pretende, ainda, adquirir o imóvel vizinho para ampliar o espaço físico do terreiro, adequando-o às demandas dos rituais de Candomblé, que exigem áreas específicas, como o roncó e o abagê. Enfatiza a importância da clareza e da transmissão de conhecimento aos filhos de santo e visitantes, para que compreendam o sentido de cada prática. Seu desejo é fortalecer o diálogo e a união entre as casas de Umbanda e Candomblé, promovendo reconhecimento e respeito às religiões de matriz africana em Varginha.

Periodicidade

As cerimônias ocorrem, em sua maioria, às sextas-feiras, com início às vinte horas e duração indefinida, podendo ser abertas ao público ou reservadas aos filhos de santo. Ao longo do ano, são realizadas festas dedicadas a diversas entidades e Orixás: Ogum (abril), Preto Velho (maio), Erê (setembro), Caboclo e Boiadeiro (junho/julho) e Oxóssi (janeiro), sendo esta última considerada a mais farta e bonita do calendário litúrgico da casa.

Fotografias



Imagem 114: Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas. Fotografia do acervo do Pai Evandro, 2022.



Imagem 115: O Congá da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas. Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 116: Pai Evandro na Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas. Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 117: Indumentárias e Guias na Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas. Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.



Imagem 118: Indumentárias e Guias na Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas. Fotografia de Daniele Guimarães, 03 de setembro de 2025.

3.22 Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas

Endereço: Av. José Alves Ferreira, nº 110. Bairro Sagrado Coração - CEP.:37100-100
- Varginha/MG

Coordenadas: -21.540125410228626, -45.41395148351329

Responsável: Carlos Roberto Vieira – Pai Carlos

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

Carlos Roberto Vieira, casado, com quatro filhos e oito netos, afirma que a Umbanda salvou sua vida, reconhecendo que talvez não estivesse mais vivo se não tivesse conhecido a religião. Iniciou sua trajetória há cerca de 45 a 50 anos, em um grupo familiar que se reunia ao ar livre no local onde hoje fica o Parque São Francisco, em Varginha, liderado inicialmente por seu irmão mais velho, José Maria. Um episódio durante uma chuva forte, que quase causou acidentes com descargas elétricas, fez com que buscassem um espaço físico coberto para a realização dos trabalhos.

A Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas foi fundada em 05 de maio de 1985 por Carlos Roberto Vieira e sua esposa, Dulcineia da Silva Vieira. A Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flexas surgiu a partir da orientação da espiritualidade com o foco de acolher os irmãos necessitados espiritualmente e cumprir essa tarefa perante Deus.

O primeiro espaço do terreiro, estabelecido em 1985, estava instalado em um imóvel alugado na Vila Moraes, motivado pela necessidade de infraestrutura adequada, como abrigo, banheiro, luz e água. Carlos tinha cerca de 22 anos na época, e a proprietária do imóvel recebeu o terreiro sem dificuldades. Inicialmente previsto para durar pouco, o terreiro está prestes a completar 41 anos, o que Carlos interpreta como sinal de que algo bom vem sendo realizado. O local atual começou a ser preparado em 2008, quando o terreno foi adquirido, e a Casa de Carlos foi construída em 2009. O terreiro mudou para esse espaço em 2010, com a construção contando com a colaboração da família e da comunidade.

No terreiro de Carlos Roberto Vieira, a Umbanda praticada aproxima-se da chamada “Umbanda Branca”, mas ele a define como “Umbanda Cruzada”, adaptada ao contexto regional e livre de radicalismos. O centro tem como princípio acolher todos, independentemente de religião ou condição social, enfatizando a solidariedade como valor central.

Práticas negativas são veementemente proibidas: sacrifício de animais, trabalhos de amarração e demandas para prejudicar outras pessoas. Segundo Carlos, o maior beneficiário do trabalho na Umbanda é o próprio médium, que evolui moralmente com a prática. Ele relembra os ensinamentos de Caboclo Sete Encruzilhadas, transmitidos por Zélio Fernandino de Moraes, de que a Umbanda tem “Jesus como mestre e Maria como mãe”, promovendo caridade e acolhida.

Os atendimentos ao público acontecem às sextas-feiras às 20h, recebendo entre 60 e 70 pessoas, além dos cerca de 25 médiuns da casa. Sessões de estudo e desenvolvimento mediúnico ocorrem em quartas-feiras alternadas, com temas surgindo das necessidades do grupo. Antes dos trabalhos, aconselha-se refeições leves, banhos de ervas e oração ou mentalização.

O Congá funciona como ponto energético central, onde os médiuns se recarregam. Os atabaques e pontos cantados, acompanhados de palmas, são essenciais para movimentar a energia do ambiente e dos participantes. O passe espiritual transmite energia dos guias através dos médiuns, sem contato físico. As vestimentas são brancas e devem ser trocadas no terreiro para evitar “carregamento” energético externo.

Entre os desafios históricos, Carlos recorda o preconceito policial e a falta de infraestrutura, além da baixa escolaridade de muitos médiuns. Hoje, o terreiro se adapta às demandas modernas, como a redução do volume dos atabaques para respeitar os vizinhos. O estudo e a evolução moral dos médiuns são constantemente enfatizados, apoiados por uma biblioteca de quase mil livros, em sua maioria doados. Carlos rejeita padronizações excessivas, como uma “bíblia da Umbanda”, valorizando a diversidade e as vertentes regionais da religião.

Atualmente o templo possui com 16 médiuns, fora os filhos de santo que Pai Carlos tem espalhados pelo Brasil. Além destes, cerca de 70 pessoas costumam frequentar o espaço nos dias de cerimônia em busca de alguma ajuda espiritual.

No local, as principais datas festivas são em janeiro, destinado a Oxóssi; maio, destinado ao preto velho; junho, destinado ao povo da Bahia; setembro, destinado a Cosme e Damião e em dezembro, destinado a Iemanjá

Anualmente também são realizados projetos sociais pelo templo, como arrecadação de cestas básicas, vestimentas, produtos de higiene, entre outros, para serem doados para famílias carentes ou instituições sociais do município. Além disso, sempre que alguma família está necessitada, alguém pode encaminhar isso ao templo e os adeptos se reúnem para arrecadar os insumos necessários para ajudar essas pessoas, doando sem serem identificados.

Segundo Pai Carlos, algumas das principais necessidades da religião e seus praticantes é a divulgação e reconhecimento da Umbanda como religião, para que assim ela seja respeitada. Além da necessidade de criação de um órgão representativo local para assessorar, organizar e orientar esses espaços sagrados do município.

O terreiro de Carlos Roberto Vieira é legalmente registrado e mantém uma relação cuidadosa com o poder público e a comunidade. Carlos observa com cautela a busca de alguns centros por benefícios do Estado, temendo que isso desvie o foco

da caridade. Ele sugere que a prefeitura pode colaborar com questões práticas, como a poda de árvores perigosas e a manutenção do espaço, como pintura e pequenos reparos, ações que não demandam grandes recursos, mas contribuem para a sustentabilidade do terreiro. Apesar de ter vizinhos evangélicos, a convivência é pacífica e respeitosa.

Quanto ao legado e ao futuro, Carlos deseja que a história e os valores do terreiro sejam preservados e transmitidos às próximas gerações, especialmente aos filhos, como Rafael, que já participa da direção. As ações sociais, como a distribuição de doces para crianças, são realizadas com transparência financeira. A estrutura física do terreiro se adapta conforme as necessidades, utilizando-se inclusive da Casa de Carlos de forma provisória para atividades de assistência social.

Periodicidade

Na Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flexas acontecem encontros duas vezes por semana, às quartas sextas-feiras, às 20h. Nas quartas-feiras acontecem estudos teóricos e desenvolvimento dos médiuns e nas sextas os médiuns desenvolvidos realizam atendimentos/assistências.

Festas e Celebrações:

- Janeiro: Caboclo (Oxóssi).
- Maio: Preto Velho.
- Junho/Julho: Baianos/Boiadeiros.
- Setembro: Cosme e Damião.
- Novembro: Iemanjá.
- Dezembro: Iansã.

As giras (sessões) são padronizadas semanalmente (ex: primeira sexta é Preto Velho, segunda é Caboclo, etc.) para permitir que a assistência passe por todos os guias sem pressa.

Fotografias



Imagem 119: Fotografia antiga, sem data, da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas, s/d. Acervo do Pai Carlos.



Imagem 120: Fotografia antiga, sem data, da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas, s/d. Acervo do Pai Carlos.



Imagem 121: Fotografia antiga, sem data, da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas, s/d. Acervo do Pai Carlos.



Imagem 122: Congá da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 123: Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.

3.23 Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda

Endereço: Av. Francisco Ferreira de Carvalho, 495 - Imac. Conceição, Varginha - MG, 37070-050

Coordenadas: -21.593661514892293, -45.44675668919694

Responsável: Fábio Dominguet e Ana Paula da Silva

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

Fábio, natural de Varginha, relatou que há dezoito anos foi acometido por um câncer de garganta, enfermidade que, segundo sua percepção, possuía origem espiritual, resultante de uma influência negativa proveniente de outra pessoa. Desde a infância, afirma possuir mediunidade desenvolvida, manifestada por meio de percepções espirituais e diálogos com entidades.

Durante o período de enfermidade e fragilidade emocional, uma pessoa próxima orientou-o a buscar auxílio em um centro espiritual, sugerindo que a causa de seu sofrimento estava relacionada a questões mediúnicas. Atendendo à recomendação, Fábio procurou o Templo de Umbanda Estrela Guia, dirigido pelo senhor Geraldo, onde, conforme seu relato, foram retiradas sete entidades obsessoras que o acompanhavam. Após esse episódio, foi-lhe indicado que desse continuidade ao desenvolvimento mediúnico, com o compromisso ético de utilizar suas faculdades espirituais exclusivamente para o bem e o auxílio ao próximo.

Assim, iniciou seu processo de desenvolvimento sob a orientação do dirigente Claudenir, também do Templo de Umbanda Estrela Guia, onde permaneceu por determinado período. Com o tempo, relatou sentir-se espiritualmente “cobrado” por seus guias, passando a realizar atendimentos em sua própria residência, especialmente benzimentos em crianças. Nesse contexto, destaca-se a presença da entidade Preto Velho Pai Joaquim, considerada por ele o regente espiritual de seu trabalho e responsável pela condução das atividades mediúnicas. A partir dessas experiências, foi fundada a Tenda de Umbanda Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda, em 2009.

Fábio é responsável, também, pela Companhia de Folia de Reis Lenço Preto, bem cultural registrado no município de Varginha.

Ana Paula, co-responsável pelo templo, relatou que seu processo de desenvolvimento mediúnico teve início na chamada “mesa branca”, prática vinculada à doutrina espírita kardecista. Destacou que sua avó possuía dons espirituais e realizava leituras de sorte utilizando um copo com água — prática associada à linha das águas —, o que demonstra uma herança familiar de saberes mediúnicos. Após o falecimento da avó, Ana Paula interrompeu seu desenvolvimento espiritual, embora

continuasse a vivenciar manifestações espontâneas, como comunicações com espíritos e incorporações sem preparo prévio. Essas experiências, segundo seu depoimento, ocasionaram intenso sofrimento e confusão, levando-a a acreditar estar em desequilíbrio mental, a ponto de solicitar internação médica.

Em um período posterior, marcado por dificuldades de saúde, buscou auxílio em um terreiro de Umbanda, onde, segundo seu relato, foi revelado que sua enfermidade teria sido causada por uma influência espiritual negativa proveniente de um familiar. Com o início de seu desenvolvimento mediúnico orientado dentro da tenda, relatou significativa melhora em sua saúde física e emocional, bem como maior compreensão e domínio sobre suas experiências espirituais. Atualmente, afirma ter alcançado equilíbrio e fortalecimento pessoal, conduzindo suas atividades religiosas com consciência, responsabilidade e amparo espiritual, ao lado de Pai Fábio, na Tenda de Umbanda Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda.

O terreiro possui, atualmente, aproximadamente vinte e dois integrantes, e as giras chegam a reunir até cem consulentes em uma única cerimônia. As sessões são públicas, e os passes são oferecidos gratuitamente a todos os participantes. Durante os rituais, os médiuns devem utilizar vestimentas brancas, sendo permitido o uso de trajes específicos apenas em giras especiais, como as de esquerda, dedicadas às entidades Exu e Pomba Gira, cujas roupas assumem simbologias e cores condizentes com a natureza dessas linhas espirituais.

Periodicidade

Os benzimentos individuais acontecem nas segundas e quartas feiras a partir das 18 horas da noite. As giras, trabalho realizado aberto ao público, acontece todas as sextas-feiras de 15 em 15 dias também a partir das 18 horas da noite.

Transformações

O terreiro dirigido por Pai Fábio passou por modificações em sua dinâmica de funcionamento ao longo dos anos, refletindo ajustes organizacionais e espirituais decorrentes do amadurecimento das práticas e da ampliação da demanda comunitária. Inicialmente, os atendimentos e benzimentos eram realizados de segunda a sexta-feira, sempre após as 18 horas, o que possibilitava o acolhimento diário de um grande número de consulentes.

No entanto, em virtude de reestruturações internas e da necessidade de adequar as atividades à disponibilidade dos médiuns e ao calendário litúrgico da casa, o terreiro passou a concentrar seus atendimentos nas segundas e quartas-feiras, também às 18 horas. Essa mudança visa garantir maior qualidade e

aprofundamento nos trabalhos espirituais, preservando o equilíbrio das práticas rituais e o bem-estar dos médiuns e frequentadores.

Fotografias



Imagem 124: O Congá da Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 125: Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 126: Pai Fábio, da Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 127: O Barracão da Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 128: Ana Paula, a arquiteta Danielle Guimarães da Fundação Cultural, e Pai Fábio. Fotografia de Jaíne Diniz, setembro de 2025.

3.24 Tenda Rainha Cigana

Endereço: R. Roma, 199 - Vila Barcelona, Varginha - MG, 37018-503

Coordenadas: -21.55171994167699, -45.43282979104802

Responsável: Cleusa Marinalva dos Santos Tenório Silva

Linha: Umbanda

Histórico / descrição

A Tenda Rainha Cigana, de orientação umbandista, é dirigida por Cleusa Marinalva dos Santos Tenório Silva, nascida em Barbacena (MG) e criada em Varginha, cidade onde construiu toda sua trajetória espiritual. Sua mediunidade manifestou-se precocemente, aos onze anos de idade, quando passou a ver e ouvir espíritos dentro do ambiente doméstico. Embora sua mãe, Euflauzina, fosse adepta do espiritismo, Cleusa inicialmente resistiu ao desenvolvimento de suas faculdades mediúnicas, optando por aprofundá-las apenas quando se tornou adulta. Com o

tempo, desenvolveu também a habilidade de cartomancia, prática que passou a integrar seu repertório espiritual e oracular.

A trajetória religiosa de Cleusa está fortemente ligada à de sua mãe, Euflauzina, que frequentava diversos terreiros em Varginha até conhecer Paizão, um dos mais antigos e respeitados pais de santo da cidade. Sob sua inspiração, Euflauzina fundou seu próprio terreiro, onde criou seus filhos em meio às práticas e rituais de Umbanda. Com o agravamento de sua saúde, o espaço passou a ser conduzido por seu filho Douglas, que o renomeou Casa Luz de Ogum, dando continuidade ao legado familiar.

Embora Cleusa não tivesse, a princípio, a intenção de fundar um terreiro, ao longo de sua caminhada passou a reunir um grupo crescente de médiuns e filhos de santo, o que a levou à criação da Tenda Rainha Cigana, fundada há aproximadamente dois anos, em 2023. Atualmente, o espaço possui nove filhos de santo fixos, mas nas giras o número pode chegar a cinquenta participantes. As cerimônias não ocorrem semanalmente, sendo realizadas, em geral, a cada quarenta dias, aos sábados, em razão do tamanho reduzido do espaço físico.

A casa é regida espiritualmente por uma Pomba Gira Cigana, entidade que orienta os trabalhos e confere identidade ao terreiro. Em suas giras, os participantes utilizam indumentárias brancas tradicionais da Umbanda, conhecidas como ajós. As mulheres vestem saias longas e rodadas, camisetas brancas e turbantes, que simbolizam pureza e respeito às forças espirituais; já os homens utilizam calças e camisetas brancas, compondo o mesmo conjunto ritualístico. Apesar de possuir seu próprio espaço, Cleusa mantém uma postura aberta e colaborativa dentro da comunidade umbandista local, participando de atividades em outros terreiros de Varginha e fortalecendo, assim, a rede de solidariedade e intercâmbio religioso que caracteriza as práticas afro-brasileiras no município.

Periodicidade

Os trabalhos espirituais coletivos da Tenda Rainha Cigana ocorrem a cada quarenta dias, sempre aos sábados, respeitando o calendário estabelecido pela dirigente e as condições do espaço físico. Essa periodicidade visa garantir a adequada preparação ritual e energética das giras, assegurando a qualidade e o equilíbrio das manifestações mediúnicas. Já as consultas individuais de cartomancia, conduzidas pela dirigente Cleusa Marinalva dos Santos Tenório Silva, realizam-se de forma flexível e personalizada, sendo agendadas conforme a demanda da clientela. Dessa maneira, o terreiro concilia o atendimento coletivo, voltado às práticas litúrgicas da Umbanda, com o atendimento individual, de caráter oracular e

terapêutico, ambos voltados ao acolhimento espiritual e à orientação dos consulentes.

Transformações

Considerando que a Tenda Rainha Cigana foi fundada há relativamente pouco tempo, o terreiro ainda não passou por transformações estruturais ou organizacionais significativas. Seu funcionamento mantém-se fiel à proposta inicial de acolhimento espiritual e prática da Umbanda, preservando o formato das giras, a orientação ritual e a identidade simbólica guiada pela entidade regente, a Pomba Gira Cigana. Nesse estágio de consolidação, a casa encontra-se em processo de fortalecimento de sua comunidade religiosa, de ampliação de sua estrutura física e de afirmação de sua presença no cenário religioso de Varginha, priorizando, neste momento, a continuidade das práticas e o fortalecimento dos vínculos entre seus filhos de santo e frequentadores.

Fotografias



Imagem 129: Congá da Tenda Rainha Cigana. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 130: Congá da Tenda Rainha Cigana. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 131: Colar de contas de Dona Cleusa. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 132: Colar de contas de Dona Cleusa. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025

4. Descrição dos signos e significados da expressão cultural

4.1 Crenças associadas

No Candomblé de origem nagô ou iorubá, a presença dos Orixás reflete diretamente a cosmovisão religiosa africana, na qual os deuses intermediários atuam como mediadores entre o deus supremo (Olorum) e a humanidade. Essa estrutura hierárquica permite que o sagrado se torne mais próximo e compreensível, uma vez que os Orixás são retratados com atributos humanos, incluindo virtudes e defeitos, tornando-os figuras identificáveis e relacionáveis para os praticantes.

Essa relação evidencia que, assim como nas tradições banto, o Candomblé iorubá organiza o mundo espiritual em níveis de interdependência: Olorum permanece distante, transcendental e onipotente, enquanto os Orixás intervêm na vida cotidiana dos humanos, atendendo às necessidades espirituais, sociais e materiais³. Cada Orixá possui características específicas, lemanjá com a proteção das águas e da maternidade; Oxóssi com a caça, a fartura e a sabedoria da floresta; Ogum com a força, a guerra e o trabalho; Exu⁴ como mensageiro dos orixás, que trabalha na proteção dos seres humanos e na absorção de energias negativas; Xangô com a justiça e o equilíbrio, que se manifestam tanto na natureza quanto nos comportamentos humanos, reforçando a ideia de que o divino se manifesta através da realidade concreta da vida.

Portanto, os Orixás funcionam como pontes entre o mundo visível e invisível, intermediando a comunicação com o absoluto (Olorum) e garantindo que a vida social e espiritual se mantenha em equilíbrio. Essa lógica hierárquica e simbólica permite que os praticantes do Candomblé compreendam os fenômenos da existência através de arquétipos sagrados que espelham a experiência humana, criando uma cosmovisão integrada entre o divino, a comunidade e a natureza.

É interessante mencionar que enquanto nas giras umbandistas os falangeiros, como pretos-velhos, caboclos, ciganos, boiadeiros e marinheiros, interagem diretamente com os consulentes, oferecendo passes, aconselhamentos e orientações, nos terreiros de Candomblé o Orixá incorporado adota uma postura distinta. A entidade não se comunica verbalmente nem fornece instruções diretas; sua presença manifesta-se por meio da performance ritual, que inclui gestualidades, danças, cânticos e energia vital (axé).

³ É possível saber um pouco mais sobre a história dos Orixás nos *Itans dos Orixás*, consideradas narrativas orais sagradas da tradição iorubá que contam as histórias dos orixás, transmitindo conhecimentos, valores e a sabedoria ancestral. Em vez de serem meros "mitos", os itans são considerados saberes autônomos que sustentam o Candomblé e o Axé, sendo passados de geração em geração pela oralidade

⁴ Exu podem ser considerado tanto um Orixá (uma divindade), quanto um falangeiro (entidade).

Essa diferenciação reflete a concepção iorubá de divindade como força ativa e estruturante: o Orixá traz consigo o axé, irradiando poder e presença espiritual que transforma o ambiente e reforça a ligação entre o plano humano e o plano divino, mas não atua como conselheiro individual. A incorporação, portanto, não se destina à interação direta com problemas específicos dos fiéis, mas sim à transmissão de energia e à manutenção da ordem cósmica e social, reafirmando sua posição de intermediário entre Olorum e os humanos.

Dentre os principais Orixás cultuados no Candomblé, tem-se:

- **Olorum / Olodumare**

Função: Deus supremo, criador de tudo, fonte de toda a energia (axé).

Características: Transcendental, distante, não incorpora.

Símbolos/Elementos: Céu, raio, energia vital universal.

Cores: Branco e dourado.

- **Exu**

Função: Na mitologia iorubá, Exu é o orixá responsável por conduzir as oferendas destinadas às divindades, garantindo que o alimento votivo alcance seu destino sagrado. Além de zelar pela proteção e segurança do Ilê, desempenha o papel fundamental de mediador entre o mundo humano e o divino, sendo o agente que torna possível a comunicação entre os homens e os demais orixás.

Características: Astuto, brincalhão, provocador, estrategista.

Símbolos/Elementos: Encruzilhadas, chaves, fogo, búzios.

Cores: Vermelho e preto.

- **Ogum**

Função: Orixá da guerra, do ferro, da tecnologia e do trabalho.

Características: Corajoso, protetor, justo, disciplinado.

Símbolos/Elementos: Ferro, armas, ferramentas, forja.

Cores: Azul e verde.

- **Oxóssi**

Função: Orixá da caça, da fartura e da natureza.

Características: Ágil, observador, protetor da floresta, caçador.

Símbolos/Elementos: Arco e flecha, floresta, animais.

Cores: Verde e azul.

- **Iansã / Oyá**

Função: Orixá dos ventos, tempestades, rios e transformação.

Características: Impetuosa, guerreira, corajosa, independente.

Símbolos/Elementos: Vento, raios, tempestade, fogo.

Cores: Vermelho e branco.

- **Xangô / Shango**

Função: Orixá da justiça, trovão e autoridade.

Características: Forte, justo, temperamental, protetor do equilíbrio.

Símbolos/Elementos: Machado de duas lâminas, trovão, fogo.

Cores: Vermelho e branco.

- **Iemanjá / Yemoja**

Função: Orixá das águas, maternidade, proteção da família.

Características: Maternal, protetora, acolhedora.

Símbolos/Elementos: Mar, rios, conchas.

Cores: Azul e branco.

- **Nanã**

Função: Orixá da sabedoria, da lama, da ancestralidade.

Características: Paciente, sábia, ligada à memória e à morte.

Símbolos/Elementos: Água parada, lama, rios profundos.

Cores: Roxo e lilás.

- **Obaluaiê / Omulu**

Função: Orixá da saúde, doenças e cura.

Características: Poderoso, temido, protetor da vida e da morte.

Símbolos/Elementos: Palha, sol, fogo, doenças.

Cores: Branco e preto ou vermelho e branco.

- **Oxum / Oshun**

Função: Orixá das águas doces, amor, fertilidade e riqueza.

Características: Sensível, feminina, elegante, generosa.

Símbolos/Elementos: Rios, ouro, espelhos, peixes.

Cores: Amarelo e dourado.

- **Logum Edé**

Função: Orixá associada a riqueza, à fartura e ao equilíbrio entre a beleza e a guerra.

Características: Vaidoso, elegante e sensual

Símbolos: O arco e a flecha (*ofá*), o espelho (*abebé*), o cavalo-marinho e o pavão.

Cores: Dourado e azul-turquesa

- **Ibejis**

Função: Proteção, alegria, cuidado com o desenvolvimento emocional dos consulentes.

Características: Brincalhões, puros, leves e espontâneos.

Símbolos: Balas, doces, bolos, balões, brinquedos, chupetas, mamadeiras.

Cores: Rosa, azul, amarelo, verde.

A Umbanda, considerada por diversos estudiosos como uma religião de matriz banto, oriunda, portanto, da cosmovisão dos povos centro-africanos, preserva, em sua estrutura simbólica e ritual, fundamentos que remontam diretamente à religião dos bantos. Essa herança se manifesta na forma como a Umbanda compreende e organiza o universo espiritual, refletindo a antiga pirâmide vital centro-africana, que articula o mundo visível e o invisível em relações hierárquicas e de interdependência entre os seres humanos, os ancestrais e as divindades (DAIBERT, 2015).

No contexto da Umbanda, essa concepção manifesta-se na crença na intermediação espiritual promovida pelas entidades, também denominadas falangeiros, tais como pretos-velhos, caboclos, boiadeiros, marinheiros e crianças. Estes agentes espirituais atuam como mediadores entre os planos material e espiritual, garantindo a comunicação e a transmissão de axé aos praticantes. Em algumas comunidades, os falangeiros são compreendidos como trabalhando na linha ou vibração de determinados Orixás, estabelecendo uma correspondência hierárquica entre os dois universos: por exemplo, o Orixá Oxóssi teria como falangeiro o caboclo, enquanto o Orixá Exu contaria com Exus e Pomba-Giras como representantes de sua linha. Ao incorporarem-se nos médiuns, os falangeiros realizam passes de cura, consultas individuais e atendimento às demandas espirituais e materiais dos fiéis. Assim como na tradição banto, em que os antepassados mantêm comunicação constante com os vivos para orientá-los e protegê-los, na Umbanda as entidades incorporadas representam forças ancestrais e espirituais que atuam em favor da comunidade, oferecendo aconselhamento, cura e equilíbrio.

Cada falange espiritual na Umbanda carrega em si a memória e a energia de determinados aspectos da natureza e da experiência humana, por exemplo, os caboclos remetem à força das matas e à sabedoria indígena; os pretos-velhos simbolizam o conhecimento ancestral e a paciência adquiridos na dor e na resistência; os boiadeiros expressam coragem e retidão moral; os marinheiros representam o fluxo das águas e das emoções. Essa diversidade de manifestações

corresponde, de forma adaptada, à antiga relação entre os Inquices bantos, divindades que personificam as forças da natureza, e os diferentes elementos do cosmos.

Além disso, o princípio banto da força vital (nkisi), compreendido como a energia que permeia e conecta todos os seres, está na base da lógica espiritual da Umbanda.

Dessa forma, a Umbanda pode ser compreendida como uma religião que, embora nascida no Brasil e marcada pela confluência de diferentes matrizes culturais, conserva em sua essência o pensamento cosmológico centro-africano, no qual o sagrado se manifesta de modo contínuo e relacional. Suas entidades e práticas são expressões vivas da herança banto, reafirmando uma espiritualidade fundada na ancestralidade, na comunicação entre mundos e na manutenção da vida por meio da força coletiva e comunitária.

Entre as principais entidades da Umbanda, temos:

- Caboclos/as: Espíritos de indígenas, considerados guias espirituais que representam a força, sabedoria e a conexão com a natureza.
- Pretos/as Velhos/as: Espíritos de pessoas escravizadas no Brasil que, na sua ancestralidade, foram trazidas da África. São conhecidos pela sua sabedoria, humildade e experiência.
- Exus: Mensageiros dos orixás, que trabalham na proteção dos seres humanos e na absorção de energias negativas. São entidades que atuam na linha de "esquerda".
- Pombas Giras: Entidades femininas que acompanham os Exus e atuam no campo da transformação, atuando também em linhas de "esquerda" para absorver desequilíbrios e negatividade.
- Erês: Espíritos de crianças, conhecidos pela sua alegria, espontaneidade e inocência. Também chamados de "Ibeji" ou "Ibejis", eles representam a infância.
- Marinheiros/as: Entidades ligadas a água, aos rios e ao mar. Promove limpeza espiritual, proteção em caminhos, resolução de problemas afetivos e materiais. Possuem uma energia fluída, leveza e alegria.
- Baianos/as: Espíritos que evocam a cultura e a religiosidade afro-brasileira do Recôncavo Baiano. Auxiliam na limpeza energética, na proteção e no fortalecimento espiritual dos consulentes. Possuem serenidade, sabedoria popular, orientação prática e benevolência.
- Malandros/as: Entidades que personificam a esperteza, astúcia e jogo de cintura do homem urbano. Atuam na abertura de caminhos, protegem, aconselham e auxiliam na resolução de dificuldades cotidianas. Possuem energia dinâmica, perspicácia, humor sagaz e flexibilidade.

- Ciganos/as: Espíritos associados à liberdade, ao movimento, à adivinhação e ao encantamento. Possuem a função de orientar, proteger, realizar consultas de adivinhação e fortalecer a espiritualidade dos consulentes. São Alegres, leves, com intuição, sensualidade e conexão com a magia ritual.

4.2 Relações com a natureza e as folhas

Nas religiões de matriz africana, observa-se uma relação profunda e respeitosa com a natureza, que se manifesta de maneira concreta nos rituais e práticas espirituais. Muitos trabalhos são realizados em matas, florestas, rios, mares ou cachoeiras, espaços considerados sagrados e portadores de energia vital. Nesse contexto, as ervas assumem papel central, sendo reconhecidas não apenas por suas propriedades terapêuticas, mas também por sua capacidade de favorecer a limpeza espiritual, a proteção, a harmonização e a atração de bênçãos. Além disso, essas plantas atuam como instrumentos para o desenvolvimento da mediunidade e para a sintonia com os orixás e as entidades que atuam nas linhas de Umbanda.

Os banhos de ervas constituem uma das práticas mais recorrentes, realizados para descarregar energias negativas, fortalecer o campo magnético, abrir caminhos, acalmar a mente ou promover a cura. As ervas são sempre coletadas em matas virgens, em horários específicos como a madrugada ou o amanhecer com o orvalho, e preparadas segundo saberes transmitidos de geração em geração. No TUTOIP, por exemplo, esses rituais são conduzidos com profunda reverência, sendo as ervas chamadas de “sangue verde” e utilizadas em banhos de purificação denominados amacis. Durante os ritos, as plantas são maceradas ao som de cantos e orações, como os realizados por Mãe Dora, que entoava preces pedindo a proteção e a bênção de orixás como Iansã e Oxalá. As cerimônias acontecem sobre esteiras com velas acesas, locais sagrados onde existem regras específicas, como a proibição de que mulheres menstruadas se deitem sobre elas.

Entre as ervas mais comuns destacam-se o boldo, associado ao tapete de Oxalá; o alecrim, utilizado para conferir ânimo; a hortelã e a arruda, empregadas em processos de descarga espiritual; e a água de coco, utilizada na limpeza do campo mediúnico. Esses elementos refletem não apenas a dimensão terapêutica das plantas, mas também a estreita conexão entre os praticantes e os ritmos da natureza, evidenciando como a espiritualidade afro-brasileira articula memória, tradição e saberes ancestrais em suas práticas cotidianas.

4.3 Pontos Cantados, Cantigas e Corporeidade

O ponto cantado na Umbanda e as cantigas no Candomblé são um cântico sagrado que funciona como uma poderosa oração ou mantra para se conectar com

o divino. As letras e a melodia são usadas para invocar, homenagear e trabalhar com as entidades espirituais, como Orixás e Entidades, auxiliando em diversos rituais como a incorporação, o descarrego, a abertura e o fechamento de sessões e a proteção contra energias negativa.

Cada trabalho ou gira realizada no terreiro é dedicada a uma divindade ou entidade específica, de modo que toda a preparação ritual, incluindo cânticos, oferendas e gestos simbólicos, é orientada pela energia e pelas características dessa força espiritual. Nas giras de Oxóssi ou nas giras de caboclos, por exemplo, são entoadas cantigas ou pontos cantados que fazem referência às matas, à caça e à sabedoria dos povos originários, elementos que remetem diretamente à natureza e às qualidades desses guias espirituais. Junto às cantigas entoadas nas giras, os atabaques desempenham papel central na condução e na sustentação energética do ritual, estabelecendo a comunicação entre o plano material e o espiritual. Cada divindade ou entidade possui um toque específico, cujo ritmo, intensidade e cadência estão intimamente ligados à sua simbologia e às forças da natureza que representa. No caso das giras de Oxóssi ou de caboclos, o toque mais característico é o “*aguere de Oxóssi*”, um ritmo marcado e ágil que simboliza o movimento da caça e a vitalidade das matas.

Desse modo, juntamente as cantigas, os elementos sensoriais também cumprem um papel importante em toda trama ritualística. As músicas, danças, adereços, alimentos e cheiros tendem a sustentar os ritos corporais e as experiências de comunhão do plano terrestre e do plano espiritual. É importante se atentar, especificamente, ao som dos atabaques e aos pontos cantados. Juntamente com o ritmo dos atabaques, os pontos de chamada são entoados para chamar as entidades no plano terrestre; os pontos de firmeza homenageiam as entidades quando estas já estão incorporadas em seus cavalos, e os pontos de subida são entoados para marcar o fim da gira e a despedida das entidades. O ritmo dos atabaques e os cânticos parecem ser o centro da relação entre os planos terrestre e espiritual, uma vez que a musicalidade se configura como um invocador das entidades e um condutor da gira. O som pode começar lento e, a depender do momento, pode se tornar tão frenético e empolgante que chega a ser impossível ficar parado. Todos são envolvidos pelo axé!

Dentro dos rituais, toda gestualidade evoca os antepassados e sua cultura. Nenhuma ação é aleatória, pois cada gesto possui um significado na simbologia litúrgica dessas religiões. A memória em cada ação remete às divindades/entidades que se manifestam no corpo do médium que as recebe, o qual, por si só, já possui suas próprias memórias e que talvez pudesse permitir uma relação dialógica do

médium com as entidades. É a memória de um sujeito expressada em seu corpo que passa a tomar as feições da entidade.

O corpo ganha ritmo ao passo que o atabaque aumenta a frequência. A dança, acompanhada pelo toque dos atabaques e pelos pontos cantados, estrutura o ritmo da gira e orienta os processos de incorporação. Cada linha espiritual ou divindade manifesta-se por meio de um padrão corporal e gestual específico, que reflete suas características simbólicas e mitológicas. Nas giras de pretos-velhos, por exemplo, o corpo se curva, o gesto se desacelera, e o caminhar pausado traduz a ancestralidade e a sabedoria do ancião. Esses gestos, acompanhados de cânticos e ritmos particulares, compõem um sistema de significações em que corpo, som e espiritualidade se integram de forma indissociável.

Dessa forma, compreende-se que o corpo, nas práticas religiosas afro-brasileiras, ultrapassa sua dimensão biológica e assume um caráter simbólico, social e espiritual. Visto que o corpo é, segundo Marcel Mauss (2003), um constructo social, nele se inscrevem valores, experiências e modos de existência compartilhados coletivamente. Assim, corpo, dança e gestualidade se constituem a partir da presença corporal no mundo: é pelo corpo que o sujeito sente, percebe, expressa e cria, uma vez que, segundo o autor, ele é “instrumento primeiro do homem”. Nos terreiros de Candomblé e Umbanda, essa concepção se concretiza de maneira exemplar, pois é através do corpo que o sagrado se manifesta e o indivíduo se reconhece como parte de uma coletividade.

4.4 Organização

- **Pai de Santo e Mãe de Santo**

Nos terreiros o Pai de Santo ou Mãe de Santo, também é chamado de Babalorixá, Ialorixá ou Chefe/Zelador de terreiro. São os dirigentes do terreiro. É o(a) responsável espiritual por tudo que acontece nas Giras, antes, durante e depois. Eles(as) têm a função de cuidar e zelar espiritualmente do Terreiro e dos médiuns, orientar e dirigir os trabalhos abertos e fechados ao público. São os(as) responsáveis por fazer cumprir as diretrizes estabelecidas pelo astral superior.

- **Pai Pequeno e Mãe Pequena**

São os segundos na hierarquia de um terreiro. Tem como função auxiliar e substituir quando necessário o Pai ou Mãe de Santo. Além disso, outras funções específicas variam de terreiro para terreiro.

- **Médiuns de Trabalho**

São os médiuns que trabalham incorporados, cujas entidades já dão consulta e já passaram por todos os preceitos do terreiro, que também variam de um para outro.

- **Médiuns em Desenvolvimento**

Os médiuns em desenvolvimento ainda não passaram por todos os preceitos da Casa.

Em alguns Terreiros eles podem dar passes e até já incorporam uma ou outra Linha de trabalho. Mas não são autorizados a fazer os atendimentos, pois ainda estão em processo para serem preparados para se tornarem médiuns de trabalho. Eles podem ajudar durante as Giras no auxílio às entidades incorporadas.

- **Cambonos (ou cambones)**

É o médium que não entra em transe/incorpora. O cambone participa nas giras como auxiliar dos guias. São responsabilidades do cambone servir e cuidar dos apetrechos do guia, garantir a organização dos objetos e a conservação e limpeza do ambiente (uso de chapéus, cocares, capas, bebidas, cigarros, charutos, velas, cinzeiros, copos, taças, entre outros), anotar as orientações do guia e materiais solicitados.

- **Curimbeiro, Atabaqueiro ou Ogã**

É a pessoa responsável pela puxada dos Pontos cantados e também bater ou tocar o atabaque. Sua função é a de ajudar na evocação das entidades e auxiliar a manter a força espiritual do terreiro, através dos cantos, durante as seções.

Os outros cargos são:

- Abiã ou abian: novato;
- Agibonã: mãe criadeira, supervisiona e ajuda na iniciação;
- Ajoie ou ekedi: camareira do Orixá (não entram em transe).
- Alagbê: responsável pelos atabaques e pelos toques (não entram em transe);
- Axogun: responsável pelo sacrifício dos animais (não entram em transe);
- Babakekerê (homem): pai pequeno, segundo sacerdote;
- Egbomi: são pessoas que já cumpriram o período de sete anos da iniciação (significado: meu irmão mais velho);
- lakekerê (mulher): mãe pequena, segunda sacerdotisa;
- Yawo: filho-de-santo (que já incorpora Orixás);
- Iyabassê: (mulher): responsável pela preparação das comidas de santo;
- Iyalaxé (mulher): cuida dos objetos rituais;

- Ogã ou Ogan: tocadores de atabaques (não entram em transe).

4.5 Cozinha, Alimento e o Sacrifício de animais

Ao analisar as entrevistas realizadas com os terreiros de Varginha-MG, observa-se que, ao descreverem as características físicas dos barracões, os interlocutores mencionam de forma recorrente a presença da cozinha e, conseqüentemente, a centralidade dos alimentos nas práticas rituais. Essa recorrência evidencia o papel simbólico e funcional da cozinha nos terreiros, espaço onde se preparam as oferendas e se fortalecem os laços comunitários e espirituais. Ao ser questionado sobre essa presença constante, em entrevista para o processo de Registro, o Pai Du afirma: “Sempre! Sem cozinha não se faz santo, você não faz nada no barracão. Em qualquer casa de axé, que tem fundamento, que tem conhecimento, que cultua mesmo, tem que ter cozinha”.

Desse modo, ao refletir sobre a importância e o papel que a cozinha desempenha no cotidiano dessas comunidades, Marcos Júnior Santos de Alvarenga (2019), descreve a cozinha de santo como uma “biblioteca” e fonte de conhecimento, local onde se aprende tudo. O conhecimento é circulante e constante, adquirido através do trabalho dentro do terreiro, que é a mola propulsora do aprendizado.

Além disso, a cozinha é um espaço de sociabilidade e formação, caracterizada como um espaço didático. Ali são adquiridos os primeiros conhecimentos, incluindo as características de cada *santo*, a hierarquia, a forma de preparar a comida ritual, e o modo de se comportar. É também um espaço de produção, aprimoramento e transformação das pessoas. As religiões de matriz africana trabalham basicamente com alimentação; por isso, a cozinha é vista como a “âncora de tudo” que a religião faz, pois todos os rituais, dependem da manipulação e do preparo de alimentos.

É muito comum a ideia de que dentro das religiões de matriz africana, tudo come. Não apenas as pessoas, mas também as divindades/entidades, os objetos litúrgicos, o chão das casas, o jogo de búzios, os fios de conta, os assentamentos, enfim. Nada se mantém vivo sem a comida. Alimentar-se é um ato ritual insubstituível para o relacionamento com as divindades/entidades. A comida ritual expressa uma mensagem transmitida às divindades através dos ingredientes, cores e, crucialmente, da organização do prato. É essencial que a comida esteja bonita e bem apresentada (conciliando estética e conteúdo) para satisfazer os Orixás, configurando uma “estética de identificação”.

Cada divindade e entidade cultuada no terreiro possui alimentos específicos que compõem suas oferendas e rituais, expressando tanto sua natureza simbólica

quanto os elementos da cultura afro-brasileira que sustentam essas práticas. Nas linhas de Candomblé, a comida tradicional de Exu é o padê, preparado com farinha de mandioca ou de milho misturada ao azeite de dendê, alimento que representa o movimento e a comunicação. Oxóssi, orixá das matas e da fartura, recebe o axoxô, feito de milho vermelho cozido e decorado com lascas de coco. Já Iansã, senhora dos ventos e das tempestades, é homenageada com o acarajé, bolinho de feijão-fradinho frito em dendê, símbolo de força e dinamismo. Nanã, associada à ancestralidade e às águas paradas, tem como comida ritual a canjica branca, servida coberta com folhas de bananeira.



Imagem 133: A cozinha do Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã (Casa do Segredo do Príncipe Caçador Guerreiro das águas) – Abassá de Logum Edé. Acervo do Terreiro, s/d.

Nas linhas da Umbanda, as entidades também possuem suas preferências alimentares: os Pretos Velhos são tradicionalmente cultuados com bolo simples, feijoada e café coado, alimentos que remetem à simplicidade, à resistência e à sabedoria ancestral; enquanto os Boiadeiros recebem arroz carreteiro, feijão tropeiro e carne seca, comidas que evocam a vida sertaneja, o trabalho e a bravura. Esses preparos, além de representarem o elo entre o humano e o sagrado, reforçam a centralidade da cozinha no terreiro como espaço ritual, comunitário e simbólico.

É importante deixar claro que nos rituais, as comidas preparadas para as divindades/entidades são geralmente colocadas no *alguidar* (um tipo de tigela feita de barro) e enfeitadas para oferecer às divindades/entidades. Todo o arranjo que envolve esse ritual é composto pelas principais comidas e objetos pertencentes a cada divindade. Tudo é realizado para o seu agrado e para sua vontade, o que não implica, necessariamente, sua ingestão, mas sim a manipulação energética que determinados alimentos trazem ao ofertante.

Ao ser oferecida, a comida adquire uma dimensão valorativa. Ela é, antes de tudo, um relacionar-se, pois estabelece vínculos e processos de comunicação entre homens, deuses, antepassados e natureza. Ao se alimentarem, as entidades e divindades não recebem só o alimento, mas recebem também os pedidos e os agradecimentos dos fiéis. Pode-se dizer que dentro do terreiro a comida fala e transmite uma mensagem (ALVARENGA, 2018).

Seguindo essa lógica, é possível analisar também a prática dos sacrifícios de animais, frequentemente mencionada nas entrevistas e reconhecida como uma tradição milenar intrinsecamente vinculada à cosmovisão das religiões de matriz africana. Assim, o sacrifício animal nas religiões de matriz africana constitui uma das práticas mais complexas e simbólicas da cosmologia afro-brasileira, articulando dimensões espirituais, sociais e ontológicas que ultrapassam a mera materialidade do ato.

Conforme analisa João Ferreira Dias (2019), a imolação ritual não é compreendida como um gesto de violência, mas como um mecanismo de comunicação entre os planos do sagrado e do humano, sendo a própria expressão da reciprocidade que estrutura o universo religioso africano. Trata-se de um ato de “tornar sagrado”, no qual a vida ofertada não se perde, mas é transmutada em energia vital (axé), que circula entre os deuses, a natureza e os seres humanos, restaurando o equilíbrio cósmico e social.

A alimentação, elemento central na organização simbólica do Candomblé, é entendida como um canal de troca e de manutenção da vida, tanto no plano físico quanto no espiritual. O autor destaca que o ato de comer transcende a função biológica da nutrição, configurando-se como uma prática social e religiosa, permeada por significados coletivos e ancestrais. Comer é, portanto, estabelecer vínculos: com os Orixás, com os ancestrais e com a própria comunidade. Nesse sentido, o Candomblé pode ser interpretado como uma “religião de fartura”, em que a comensalidade reforça a solidariedade e o pertencimento. O alimento é simultaneamente sustento e oferenda; ele corporifica o sagrado, transmitindo o axé que sustenta o ciclo vital.

O sacrifício animal, dentro desse contexto, assume o papel de contrato simbólico e comunicante. Inspirado na concepção maussiana de dádiva, o ato ritual estabelece um pacto de troca e reciprocidade entre humanos e divindades: o sangue, elemento vital por excelência, é a substância que veicula o axé e consagra os objetos, espaços e sujeitos. Assim, o animal sacrificado torna-se mediador entre mundos, conferindo ordem, equilíbrio e continuidade à vida comunitária. Ao mesmo tempo, o destino do animal reflete o princípio da comunhão: seus órgãos sagrados são ofertados ao Orixá, enquanto sua carne é partilhada entre os presentes,

compondo a “mesa comunitária” que materializa a unidade entre o plano espiritual e o plano social.

Essa dinâmica de “nutrir o corpo e o espírito” ancora-se em uma cosmovisão que reconhece a vida como um circuito contínuo de trocas e regenerações. Rituais como o *bori* (a alimentação da cabeça) e o *ebó* (oferenda de alimentos para a cura e o equilíbrio) reafirmam a ideia de que todos os seres e forças estão interligados por um princípio vital que precisa ser constantemente alimentado. Essas religiões, nesse sentido, concebe o mundo como um grande ventre, uma “boca” que deve ser nutrida para que a existência se mantenha em harmonia.

Portanto, o sacrifício animal nas religiões de matriz africana deve ser compreendido como um ato de profunda significação simbólica, em que o sagrado, o ético e o social se entrelaçam. Longe de representar a destruição da vida, ele expressa o reconhecimento de sua sacralidade e a necessidade de sua perpetuação. O sangue, a carne e o alimento tornam-se veículos de comunicação e de continuidade do axé, reafirmando que, no universo afro-religioso, toda vida alimenta outra vida, em um movimento permanente de reciprocidade e comunhão.

4.6 Elementos Simbólicos relacionados

Os elementos simbólicos associados ao bem cultural representam a materialização do axé, expressando a ligação entre o plano espiritual e o cotidiano dos terreiros. Cada um deles possui significados próprios e desempenha funções essenciais nas práticas religiosas.

- **Imagens:** Representam os Orixás e entidades cultuadas no espaço sagrado. Na Umbanda, são geralmente esculturas humanas, muitas vezes de santos católicos associados aos Orixás, evidenciando o sincretismo religioso. No Candomblé, as divindades são simbolizadas por elementos da natureza, como folhas, pedras, metais ou águas, reafirmando a conexão com as forças primordiais.
- **Atabaques:** Tradicionalmente em número de três, são instrumentos indispensáveis ao toque ritual. Durante o xirê — momento em que os Orixás são louvados com cantigas e danças —, os tambores executam ritmos específicos, acompanhando a invocação de cada divindade e estabelecendo o elo entre o mundo espiritual e o terreno.
- **Vestuário:** As vestimentas expressam identidade, hierarquia e devoção. No cotidiano, predominam roupas brancas, símbolo de pureza e serenidade. Em ocasiões rituais, as mulheres vestem trajes de baiana e os homens, calça e camisa

brancas, podendo haver variações conforme o Orixá. A forma de vestir reflete o grau de iniciação e o papel do adepto dentro do terreiro.

- **Guias:** Colares confeccionados com sementes, miçangas, pedras, cristais, ossos ou madeira. São objetos sagrados, consagrados por entidades ou rituais de iniciação, que representam o elo entre o praticante e seu Orixá, funcionando como amuletos de proteção e portadores de axé.
- **Congá:** Nome dado ao altar principal, localizado na sala onde ocorrem as cerimônias públicas. Nele são dispostas as imagens, velas e objetos sagrados das entidades e Orixás, servindo como ponto de concentração e irradiação de energia espiritual.
- **Oferendas:** Realizadas como forma de súplica, agradecimento ou homenagem aos Orixás e entidades. Podem incluir flores, frutas, velas, bebidas, fumo e alimentos, variando conforme o destinatário ritual. Mais que os elementos materiais, o valor da oferenda está na intenção e na fé com que é feita, sendo um ato de amor, respeito e devoção.
- **Quarto de Santo:** Espaço reservado onde se encontram os assentamentos dos Orixás do axé. É considerado o local mais sagrado do terreiro, sendo o primeiro a ser reverenciado ao se entrar. Nele são guardadas oferendas e objetos de culto, preservando o núcleo espiritual da casa.
- **Tronqueiras:** Assentamentos localizados, em geral, à esquerda da entrada dos terreiros, dedicados a Exu e Pomba Gira. Têm a função de proteger o espaço sagrado e zelar pela segurança espiritual do local. Nesses pontos, são feitas firmezas e oferendas destinadas à defesa e equilíbrio energético do templo.

Esses elementos, em conjunto, compõem o sistema simbólico e ritual das religiões de matriz africana, garantindo a continuidade das práticas e a transmissão do axé entre gerações

4.7 Elementos de um ritual de iniciação

Iniciação Casa do Vô Bento. Itens gerais necessários:

- Cinco caixas de fósforo
- Cinco pombas brancas
- Cinco velas para cada guia apresentado e nomeado
- Dois charutos
- Dois mamões
- Duas cabeças de alho roxo
- Duas cebolas brancas

- Duas cebolas roxas
- Duas cervejas sem álcool
- Duas champanhes sem álcool
- Duas velas de cada falange
- Duas velas de cada Orixá
- Duzentos gramas de urucum
- Faixa de cetim de 40 cm x 10 cm, com bainhas feitas na cor do seu Orixá ancestral
- Itens de higiene pessoal neutros, sem perfume
- Toalha branca de banho
- Três ervas oferendáveis para cada guia
- Três ingredientes oferendáveis para cada guia
- Três itens oferendáveis do seu ancestral, três ervas e três alimentos
- Três itens simbólicos para cada guia
- Três rosas vermelhas, três rosas amarelas e três rosas brancas
- Três trocas de roupa branca completas (incluindo roupas de frio, meias etc.)
- Um alguidar médio
- Um alguidar pequeno
- Um garfo, uma colher e uma faca nunca usados (inteiramente de metal ou madeira)
- Um lençol branco
- Um melão
- Um prato (de metal, barro ou madeira)
- Um quilo de canjica branca
- Um quilo de mandioca com casca
- Um quilo de peixe da sua preferência
- Uma cuia de madeira ou meia cabaça
- Uma esteira de palha
- Uma penca de banana
- Vinte e uma folhas de boldo

Instruções Gerais do Preceito de 10 Dias

1. Estrutura do Preceito

O preceito terá duração total de 10 dias, divididos em três etapas sucessivas:

➤ 4 dias introdutórios:

- Proibido o consumo de alimentos industrializados, processados ou refinados.
- Permitido apenas o consumo de alimentos de origem direta, ou seja, adquiridos de produtores naturais.
- O consumo de peixes é permitido, desde que respeitadas as instruções alimentares anteriores.
- É vedado ingerir alimentos preparados por outras pessoas.

- Proibidos o consumo de bebidas alcoólicas e a prática sexual.
- Não será permitido o uso de eletrodomésticos para cozinhar, incluindo panelas de pressão.
 - **3 dias de preceito preparatório:**
- O consumo de peixes deixa de ser permitido.
- Mantêm-se as demais restrições alimentares e comportamentais da fase anterior.
 - **3 dias de recolhimento:**
- Todos os alimentos serão preparados e consumidos exclusivamente no terreiro.

2. Condutas e Restrições Gerais

Durante todo o período do recolhimento:

- É proibido o uso de celular, computador ou qualquer outro equipamento eletrônico.
- São permitidos apenas livros, materiais de escrita e estudo, bem como atividades de artesanato.

3. Duração e Cronograma

O preceito terá início na sexta-feira, após o almoço (horário a ser informado previamente) e será encerrado no domingo, ao final do dia.

5. Documentação Fotográfica



Imagem 134: Gira de Caboclo no Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas. Acervo de Pai Vagner, abril de 2025.



Imagem 135: Gira de Caboclo no Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas. Acervo de Pai Vagner, abril de 2025.



Imagem 136: Gira de Caboclo no Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas. Acervo de Pai Wagner, abril de 2025



Imagem 137: Festa das Marias no Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas. Acervo de Pai Wagner, 10 de dez de 2022



Imagem 138: Festa das Marias no Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas. Acervo de Pai Vagner, 10 de dez de 2022



Imagem 139: Festa das Marias no Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas. Acervo de Pai Vagner, 10 de dez de 2022



Imagem 140: Paizão conduzindo um processo de iniciação no Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã. Acervo de Pai Paulo, anos 1980.



Imagem 141: Incorporação de Oxalá no Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã. Acervo de Pai Paulo, anos 1980.



Imagem 142: Criança incorporando Xangô no Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã. Acervo de Pai Paulo, 1983



Imagem 143: Filhos de santo do Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã incorporando seus orixás. Acervo do Pai Paulo, anos 1980.



Imagem 144: Ritual na cachoeira do Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã. Acervo Pai Paulo, s/d.



Imagem 145: Alguns integrantes da Casa Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro. Acervo de Mãe Tuti, s/d.



Imagem 146: Congá da Casa Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro. Acervo Mãe Tuti, s/d.



Imagem 147: Incorporação de Ogum na Tenda Espírita Luz de Ogum. Acervo de Pai Du, s/d.



Imagem 148: Incorporação na Tenda Espírita Luz de Ogum. Acervo de Pai Du, S/d.



Imagem 149: Pai Du ao lado do Congá durante entrevista para o processo de Registro - Tenda Luz de Ogum. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 150: parte interna da Tenda Luz de Ogum. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 151: Assentamento de Exu na Tenda Luz de Ogum. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 152: Parte interna da Tenda Luz de Ogum. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 153: Cozinha do Asé Ewê Omí Agué - Casa de Ossayn. Fotografia de Danielle Guimarães, 05 de setembro de 2025.



Imagem 154: Espaço externo do Asé Ewê Omí Agué - Casa de Ossayn. Fotografia de Danielle Guimarães, 05 de setembro de 2025.



Imagem 155: Assentamento de Exu no Egbé Omo Odé Odara - Casa do Pai Bruno. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025.



Imagem 156: Ervas sagradas do Egbé Omo Odé Odara - Casa do Pai Bruno. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.



Imagem 157: Assentamento de Ogum no Egbé Omo Odé Odara - Casa do Pai Bruno. Fotografia de Danielle Guimarães, setembro de 2025



Imagem 158: Cozinha do Egbé Omo Odé Odara. Fotografia de Jaíne Diniz Corrêa, ago/2023.

6. Cartografia

7. Anuências

Formas de mobilização dos detentores utilizadas na instrução do processo

As formas de mobilização dos detentores durante a instrução do processo de registro do bem cultural — representado pelos centros de matriz africana de Varginha — configuraram-se como um movimento coletivo de afirmação identitária e de reconhecimento institucional. A participação ativa e direta dos líderes e membros das casas religiosas foi determinante para a construção do Dossiê de Registro, assegurando que o processo refletisse não apenas a dimensão material das práticas, mas, sobretudo, a voz, a memória e a vivência dos próprios guardiões do axé.

Em 30 de maio de 2022, o Governo de Minas Gerais lançou o Cadastro de Identificação dos Espaços Sagrados, Territórios de Axé e Fé, como parte do Mapeamento dos Povos e Comunidades de Terreiro de Minas Gerais. Nesse mesmo ano, Varginha aderiu à iniciativa estadual, cadastrando oito terreiros situados no município, em ação conjunta entre a Fundação Cultural e representantes das comunidades de matriz africana.

Em 2023, o município deu continuidade a essa política, realizando o Inventário do Patrimônio Cultural de dez terreiros, com base em metodologia participativa e enfoque na salvaguarda das expressões religiosas afro-brasileiras. O levantamento possibilitou um conhecimento mais profundo sobre a formação, as práticas e os significados desses territórios, revelando sua importância social, espiritual e simbólica para a cidade.

Nos anos de 2024 e 2025, a Fundação Cultural promoveu diversas atividades de educação patrimonial envolvendo as religiões de matriz africana, com o objetivo de valorizar essas expressões de fé e fortalecer o diálogo entre as comunidades tradicionais e a sociedade. As ações formativas e rodas de conversa contribuíram para ampliar o conhecimento sobre o patrimônio afro-brasileiro e destacar a relevância dos terreiros como espaços de resistência, acolhimento e transmissão de saberes ancestrais.

Diante da relevância das religiões do povo de santo em Varginha e da necessidade de consolidar políticas públicas de reconhecimento e proteção, a Fundação Cultural iniciou, em 2025, o Mapeamento Municipal dos Terreiros de Varginha, com o objetivo de subsidiar a construção de instrumentos de salvaguarda específicos para esses territórios tradicionais.

A Fundação Cultural de Varginha mobilizou um cadastro online, amplamente divulgado em todo o município, com o objetivo de identificar e contatar pessoas vinculadas aos terreiros locais para participação nas entrevistas. Paralelamente, foi

criado um grupo de WhatsApp destinado à comunicação direta com os líderes religiosos, facilitando o diálogo, a troca de informações e o acompanhamento das etapas do processo de registro.

A principal estratégia adotada foi a escuta e o registro das narrativas orais dos dirigentes, instrumento fundamental para compreender a complexidade simbólica, histórica e social das casas. As entrevistas realizadas com sacerdotes e sacerdotisas, como Marcelo Albinati Ramos (Associação Centro Espírita Casa da Luz), Pai Paulo Roberto Pereira Gomes (Ilê Asé Locy Ofa Odonirã), Doné Cida de Oya (Aparecida Bistaffa Lima, do Ilê Axé Oya Izo Ina), Pai Gilson e Mãe Érica (Ilê Asé Odé Dòlá), Mãe Marlene Ferreira de Araújo (Rancho da Menina), Mãe Dora (Doralice Pereira Tristão, do TUTOIP), Pai Bruno (do Egbé Omo Odé Odara) e Mãe Tuti (Tatiana Andreza Tenório Santos), possibilitaram registrar não apenas as trajetórias pessoais, mas também os fundamentos, as genealogias espirituais e os modos de transmissão do conhecimento dentro de cada terreiro. Essas falas, carregadas de emoção e pertencimento, revelam a dimensão afetiva e espiritual que sustenta a permanência das tradições afro-brasileiras na região.

Além do registro oral, a colaboração dos detentores estendeu-se à documentação visual e técnica dos espaços sagrados. Os dirigentes abriram as portas de seus terreiros para a realização de registros fotográficos, conduzidos por Danielle Guimarães e Jaíne Diniz Corrêa entre agosto e setembro de 2023/2025. As imagens captaram detalhes dos congás, atabaques, assentamentos de Exu, cozinhas rituais e indumentárias, compondo um acervo essencial para o reconhecimento do bem cultural. A participação dos líderes também foi crucial na descrição minuciosa das estruturas físicas — como a disposição dos barracões, tronqueiras e quartos de santo — e na identificação de elementos simbólicos presentes nos objetos de culto, como guias, instrumentos musicais e vestimentas. Essa colaboração direta demonstra o alto grau de comprometimento da comunidade religiosa com o processo de salvaguarda e o desejo de ver suas tradições legitimadas e protegidas pelo poder público.

Paralelamente, os dirigentes participaram de iniciativas culturais e educativas promovidas pela Fundação Cultural de Varginha, voltadas à valorização das religiões de matriz africana e ao enfrentamento do racismo religioso. Seminários, palestras e oficinas foram reconhecidos pelos líderes como ações “plausíveis” e “muito boas”, no sentido de sensibilizar a sociedade e promover o respeito à diversidade religiosa. Mãe Tuti e Pai Bruno destacaram a importância dessas atividades como espaços de diálogo e visibilidade, contribuindo para o fortalecimento da identidade afro-brasileira no município. Essas experiências reforçam que a mobilização não se

restringiu à instrução técnica do dossiê, mas integrou-se a um movimento mais amplo de reconhecimento, formação e união comunitária.


Em síntese, o processo de instrução do Dossiê de Registro foi construído de forma totalmente participativa, a partir do protagonismo dos próprios detentores. As entrevistas, registros e colaborações revelam não apenas a disposição em compartilhar saberes, mas também a consciência de que a documentação é uma forma de resistência e continuidade. Ao abrirem suas casas, suas memórias e seus fundamentos, os dirigentes reafirmaram o valor patrimonial, histórico e espiritual das religiões de matriz africana em Varginha, transformando o processo de salvaguarda em um ato coletivo de afirmação cultural e de reconhecimento da herança ancestral que sustenta o axé da cidade.

**Anuência ao Processo de Registro do bem “Terreiros de Varginha:
lugares de fé, identidade e ancestralidade”**

Novembro de 2025

Eu, **Fábio Domingueti**, responsável pelo Terreiro **Tenda Espírita Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda**, CPF n. 693.915.136-20, **DECLARO ANUÊNCIA** e concordância com o Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”.

Varginha, 17 de novembro de 2025.

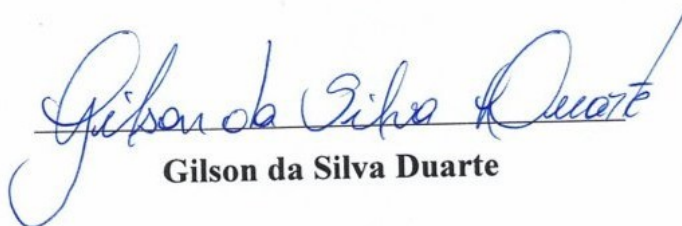


Fábio Domingueti

**Anuência ao Processo de Registro do bem “Terreiros de Varginha:
lugares de fé, identidade e ancestralidade”
Novembro de 2025**

Eu, **Gilson da Silva Duarte**, responsável pelo Terreiro Ilê Asé Odé Dôlá, CPF n.
01488281670, **DECLARO ANUÊNCIA** e concordância
com o Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e
ancestralidade”.


Varginha, 17 de novembro de 2025.


Gilson da Silva Duarte

**Anuência ao Processo de Registro do bem “Terreiros de Varginha:
lugares de fé, identidade e ancestralidade”
Novembro de 2025**

Eu, **Paulo Roberto Pereira Gomes**, responsável pelo Terreiro **Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã - Centro Espírita de Candomblé Abassá de Logun Edé**, CPF n. 52.365. 689-04, **DECLARO ANUÊNCIA** e concordância com o Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”.

Varginha, 17 de novembro de 2025.


Paulo Roberto Pereira Gomes

**Anuência ao Processo de Registro do bem “Terreiros de Varginha:
lugares de fé, identidade e ancestralidade”
Novembro de 2025**

Eu, **Aparecida Bistaffa Lima**, responsável pelo Terreiro Ilê Axé Oya Izo Ina,
CPF n. 701838488.53, **DECLARO ANUÊNCIA** e
concordância com o Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé,
identidade e ancestralidade”.

Varginha, 17 de novembro de 2025.


Aparecida Bistaffa Lima

701838488.53

**Anuência ao Processo de Registro do bem “Terreiros de Varginha:
lugares de fé, identidade e ancestralidade”
Novembro de 2025**

Eu, **Doralice Pereira Tristão**, responsável pelo Terreiro **Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Iansã e Pai José das Almas -TUTOIP**, CPF n. 799.496.906-25, **DECLARO ANUÊNCIA** e concordância com o Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”.

Varginha, 17 de novembro de 2025.

Beatriz Mendes Reis 214.361.696-15
pb **Doralice Pereira Tristão**

**Anuência ao Processo de Registro do bem “Terreiros de Varginha:
lugares de fé, identidade e ancestralidade”
Novembro de 2025**

Eu, **Maria das Dores Silva Alves**, responsável pelo Terreiro **Ilê Asé Ewê Omí Agué - Casa de Ossayn**, CPF n. 495.308.016-53, **DECLARO ANUÊNCIA** e concordância com o Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”.

Varginha, 17 de novembro de 2025.

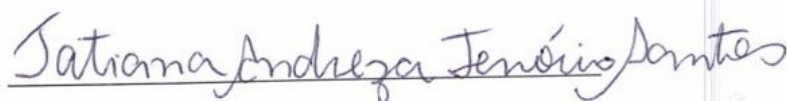


Maria das Dores Silva Alves

**Anuência ao Processo de Registro do bem “Terreiros de Varginha:
lugares de fé, identidade e ancestralidade”
Novembro de 2025**

Eu, **Tatiana Andreza Tenório Santos**, responsável pelo Terreiro **Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro**, CPF n. 045.060.996-05, **DECLARO ANUÊNCIA** e concordância com o Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”.

Varginha, 17 de novembro de 2025.

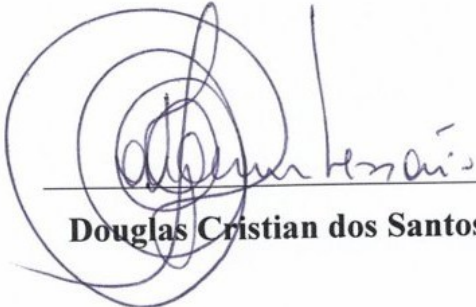


Tatiana Andreza Tenório Santos

**Anuência ao Processo de Registro do bem “Terreiros de Varginha:
lugares de fé, identidade e ancestralidade”
Novembro de 2025**

Eu, **Douglas Cristian dos Santos Tenório**, responsável pelo Terreiro **Tenda Espírita Luz de Ogum**, CPF n. 012.330.756-24, **DECLARO ANUÊNCIA** e concordância com o Registro do bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”.

Varginha, 17 de novembro de 2025.



Douglas Cristian dos Santos Tenório

8. Plano de Salvaguarda

8.1 Diagnóstico da situação do bem cultural imaterial, identificando-se os riscos para sua continuidade.

O diagnóstico do bem cultural representado pelos centros de matriz africana de Varginha, que abrangem a Umbanda e o Candomblé, revela um cenário de intensa vitalidade espiritual sustentado por uma profunda ancestralidade. Ao mesmo tempo, evidencia fragilidades estruturais e sociais que ameaçam a continuidade das tradições, tornando indispensável a adoção de políticas de salvaguarda e reconhecimento institucional. Esses espaços religiosos, que há décadas tecem uma rede de pertencimento e acolhimento, configuram-se não apenas como locais de culto, mas como núcleos de preservação da memória afro-brasileira no sul de Minas Gerais.

A comunidade religiosa de matriz africana em Varginha é marcada por uma forte coesão simbólica e por características compartilhadas que definem o bem cultural em estudo. No centro dessa rede encontra-se uma linhagem de axé profundamente enraizada no legado de José Luiz Viana Galdino, conhecido como “Paizão”. Fundador do Abassá de Logum Edé, entre os anos de 1978 e 1979, Paizão é amplamente reconhecido como o pioneiro do Candomblé na região. Seu terreiro tornou-se referência iniciática e espiritual para diversas casas fundadas nas décadas seguintes, garantindo unidade e legitimidade às práticas atuais. Essa herança espiritual consolidou um eixo de continuidade que atravessa gerações, unindo os dirigentes sob um mesmo tronco ancestral.

A identidade religiosa dos terreiros de Varginha apresenta-se como sincretizada e flexível. A Umbanda é a vertente mais expressiva, frequentemente praticada em formas híbridas — chamadas “Umbanda Cruzada” ou “Umblé” — que incorporam elementos do Candomblé, como rituais de corte e o culto direto aos Orixás. Essa maleabilidade ritual evidencia a capacidade de adaptação das tradições afro-brasileiras, permitindo que coexistam diferentes modos de expressão espiritual. Ainda assim, observa-se um movimento contemporâneo de desincretização, em que alguns dirigentes buscam resgatar os fundamentos da Umbanda “clássica”, reafirmando suas especificidades frente ao sincretismo histórico com o catolicismo e o espiritismo kardecista.

Do ponto de vista social, a ética da caridade constitui o eixo moral e funcional dessas casas. A maioria dos terreiros realiza atendimentos gratuitos, oferecendo passes, descarregos e consultas espirituais sem qualquer cobrança. Para além dos ritos, desempenham um papel comunitário significativo, promovendo ações solidárias, arrecadações de alimentos, doações de roupas e acolhimento de pessoas em situação de vulnerabilidade — incluindo membros da população LGBTQIA+ e

dependentes químicos. Assim, os terreiros se afirmam como espaços de acolhimento, sociabilização, cura e resistência, onde o espiritual e o social se entrelaçam no exercício cotidiano da fé.

Entretanto, a vitalidade espiritual convive com a precariedade material. A insegurança fundiária e a intolerância religiosa configuram ameaças constantes. O preconceito manifesta-se em perseguições, denúncias infundadas e resistência de vizinhos, o que leva muitos centros a funcionarem em imóveis alugados e a enfrentarem mudanças forçadas de endereço. Casos como os da Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda, do Templo de Umbanda Estrela Guia e do Ilé Asé Odé Dôlá ilustram a fragilidade estrutural que acompanha o exercício da religiosidade afro-brasileira em contextos urbanos marcados pela exclusão simbólica.

A continuidade dessas tradições em Varginha depende, portanto, da capacidade da comunidade de transformar suas demandas em políticas concretas de salvaguarda, com o apoio das instituições públicas e culturais. O fortalecimento da tradição ocorre por meio de mecanismos próprios de transmissão, pautados pela ancestralidade e pela oralidade. A sucessão espiritual, conduzida pelos princípios do axé, garante a perpetuação dos saberes, enquanto as formações internas — cursos, apostilas e grupos de estudo — buscam padronizar o conhecimento doutrinário entre os médiuns. O domínio sobre as ervas sagradas (ewês), os cânticos, as rezas e os pontos cantados continua a ser transmitido pela observação direta e pela convivência ritual, reafirmando a oralidade como principal veículo da memória. Há também uma crescente consciência sobre a importância de documentar a história das casas, seja em biografias, registros escritos ou arquivos comunitários, assegurando que os fundamentos não se percam com o tempo.

Paralelamente, cresce o movimento de institucionalização legal, entendido como caminho de proteção e garantia de direitos. Entre as principais demandas estão o reconhecimento das casas como patrimônio cultural e a implementação de políticas de apoio financeiro e isenção de taxas públicas. Essas medidas são vistas como essenciais para consolidar o pertencimento e assegurar a permanência dos espaços religiosos como bens culturais vivos.

Outro aspecto fundamental da continuidade é a relação intrínseca entre espiritualidade e natureza. A prática ritual depende da preservação dos ecossistemas locais — das ervas, das águas e das matas — que fornecem os elementos sagrados indispensáveis ao culto. A crescente urbanização e a poluição dificultam o acesso às folhas e locais de oferenda, tornando urgente a criação de alternativas sustentáveis. Nesse contexto, surge a proposta de implantação de um “Vale dos Orixás”, um território de mata preservada que serviria tanto à realização

de rituais quanto ao turismo religioso e à educação ambiental, conciliando fé, tradição e preservação ecológica.

A alta taxa de fundações recentes (13 centros desde 2010) é um indicador de vitalidade e crescimento, sugerindo que o axé e o conhecimento ancestral estão sendo continuamente repassados a novas gerações de *Babalorixás* e *Ialorixás*.

Em síntese, o diagnóstico dos centros de matriz africana em Varginha revela uma comunidade de fé profundamente enraizada em seu passado, mas que luta cotidianamente pela sobrevivência e pela dignidade de suas práticas. A força do axé herdado de “Paizão” e de seus sucessores sustenta uma rede de solidariedade que ultrapassa o campo religioso, configurando uma verdadeira expressão de resistência cultural. A continuidade desse bem cultural depende do reconhecimento público, do apoio institucional e da valorização das formas tradicionais de transmissão do saber — condições indispensáveis para que as religiões afro-brasileiras sigam florescendo como patrimônio vivo da memória e da espiritualidade mineira.

8.2 Diretrizes para a valorização do bem cultural e descrição detalhada das ações a serem desenvolvidas, conjuntamente com a comunidade detentora do bem cultural, para sua salvaguarda.

A salvaguarda dos centros de matriz africana em Varginha envolve uma complexa rede de necessidades que articulam proteção legal, fortalecimento institucional, combate ao racismo religioso, sustentabilidade estrutural e preservação dos saberes ancestrais. Mais do que uma questão administrativa ou cultural, trata-se de um processo de resistência e afirmação identitária, em que a manutenção dos terreiros representa a continuidade de memórias e práticas que integram o patrimônio imaterial afro-brasileiro.

A principal dificuldade enfrentada pelas casas religiosas é a intolerância, que em diversos casos resultou no fechamento forçado de terreiros, ameaças por parte de vizinhos e interrupções de sessões espirituais. A salvaguarda, nesse contexto, é entendida como um ato de resistência frente às formas persistentes de preconceito e violência simbólica. Os dirigentes reconhecem o papel fundamental das ações educativas na superação dessas barreiras. Seminários, palestras e oficinas promovidos pela Fundação Cultural de Varginha são descritos como iniciativas “plausíveis” e “muito boas”, atuando de maneira constante e paciente, como um “trabalho de formiguinha”, para sensibilizar a população e difundir o respeito às tradições afro-brasileiras.

Defende-se, também, que o poder público desempenhe papel ativo na valorização da cultura afro-brasileira, promovendo sua presença em eventos, festividades e escolas. Entre as propostas de proteção, destaca-se a criação de um estatuto municipal específico e de canais de denúncia para casos de racismo

religioso, bem como a implementação de campanhas permanentes de conscientização.

O fortalecimento institucional e a formalização legal dos terreiros são vistos como condições indispensáveis para sua legitimidade e continuidade. A obtenção de registro formal, inscrição municipal e reconhecimento como entidade de utilidade pública proporcionam maior estabilidade e respaldo jurídico, possibilitando a ampliação das atividades e o acesso a políticas públicas. Nesse mesmo sentido, a criação de uma federação ou associação representativa é uma demanda recorrente entre os dirigentes, que vislumbram nesse instrumento uma forma de assessoramento coletivo e de combate à proliferação de espaços desorganizados, comumente chamados de “terreiros de fundo de quintal”, que poderiam comprometer a imagem das casas sérias. Questões fundiárias também são motivo de preocupação, uma vez que alguns terreiros ainda são tratados pela administração municipal como estabelecimentos comerciais, e não como instituições religiosas, o que dificulta sua regularização e o acesso a direitos específicos.

A sustentabilidade estrutural constitui outro desafio central. Muitos terreiros enfrentam dificuldades financeiras e estruturais que comprometem a continuidade dos trabalhos espirituais. A conquista de uma sede própria é apontada como uma das maiores necessidades, já que diversos centros foram obrigados a mudar de endereço ou suspender atividades devido à falta de recursos ou ao preconceito enfrentado no aluguel de imóveis. Nesse sentido, pleiteiam-se incentivos públicos, como isenções de taxas de água e energia, além de apoio financeiro para manutenção e ampliação das estruturas físicas — incluindo quartos de iniciação, cozinhas rituais e casinhas para os orixás.

Os dirigentes também defendem a criação de editais e programas de fomento específicos, capazes de incluir os terreiros nas leis de incentivo à cultura e à religiosidade. A preocupação ambiental integra o mesmo horizonte de salvaguarda, dado o papel central da natureza e das ervas sagradas (ewês) nas práticas rituais. Sugere-se a fiscalização de descartes inadequados de materiais e oferendas em áreas verdes e a criação de um “Vale dos Orixás”, espaço de mata preservada destinado à realização de rituais, banhos e atividades de turismo religioso, conciliando preservação ambiental e valorização cultural.

Por fim, a preservação dos saberes e da oralidade emerge como pilar essencial da continuidade das tradições afro-brasileiras. Os conhecimentos sobre rezas, cantos, benzimentos, receitas, ervas e objetos rituais — como atabaques, guias e indumentárias — são transmitidos pela ancestralidade e pelo ensino direto entre pais, mães e filhos de santo. A realização de cursos, oficinas e a produção de materiais

didáticos são vistas como estratégias importantes para fortalecer o aprendizado, padronizar práticas e garantir a permanência dos fundamentos.

Entre os dirigentes, é comum o desejo de registrar a história das casas e de deixar documentadas suas trajetórias e fundamentos. A escrita de biografias e memórias das casas é pensada como forma de eternizar a sabedoria dos antigos e assegurar às futuras gerações o acesso a um legado que ultrapassa o campo religioso, constituindo parte viva da memória cultural e espiritual de Varginha.

1. Combate à Intolerância Religiosa, Reconhecimento Público e Difusão do bem cultural

A primeira linha de ação do plano de salvaguarda propõe medidas de enfrentamento à intolerância religiosa e de valorização das tradições afro-brasileiras como patrimônio cultural do município. Busca-se promover o respeito, a visibilidade e o reconhecimento público das práticas religiosas de matriz africana, historicamente marginalizadas.

A salvaguarda prevê a implementação de ações contínuas de Educação Patrimonial voltadas ao enfrentamento do racismo religioso, articulando meios de comunicação, escolas e espaços culturais. Para ampliar a compreensão pública sobre a relevância das religiões de matriz africana, podem ser promovidos seminários, rodas de conversa e palestras em escolas públicas e instituições municipais, fortalecendo o diálogo e a circulação de saberes.

2. Editais de fomento específicos

As casas religiosas de matriz africana enfrentam, há décadas, dificuldades materiais que colocam em risco tanto a continuidade de suas atividades quanto a preservação de seus saberes tradicionais. Diante desse cenário, este eixo propõe a formulação de mecanismos de apoio financeiro e estrutural capazes de assegurar a sustentabilidade dessas tradições no município.

Entre as ações previstas, pode-se criar editais e linhas de fomento específicos para as religiões de matriz africana, garantindo recursos destinados à manutenção dos espaços, à realização de seus rituais e à formação de novas lideranças. Trata-se de uma medida para fortalecer a autonomia das casas, reconhecer sua importância cultural e espiritual.

3. Educação Patrimonial: Preservação dos Saberes, Oralidade e Patrimônio Imaterial

Os saberes transmitidos oralmente formam o alicerce que sustenta a continuidade das religiões afro-brasileiras, preservando modos de vida, cosmologias

e práticas rituais que atravessam gerações. Com base nessa compreensão, este eixo reúne ações destinadas à documentação, valorização e salvaguarda dos conhecimentos tradicionais, das biografias de suas lideranças e das práticas sagradas que estruturam a vida comunitária dos terreiros.

Entre essas medidas, destaca-se o registro das narrativas orais, das histórias das casas e das trajetórias de seus fundadores, por meio de gravações, publicações e acervos digitais. O material reunido será organizado em um Dossiê de Registro, disponibilizado no site da Fundação Cultural de Varginha para garantir ampla difusão e acesso público.

Além disso, serão promovidas oficinas de formação e seminários dedicados à transmissão dos saberes tradicionais, abrangendo o uso ritual das ervas, o toque dos atabaques, os cantos sagrados e os fundamentos das giras. Essas ações reforçam o caráter educativo e comunitário dos terreiros, fortalecendo a continuidade das práticas.

O eixo inclui ainda a criação de um arquivo comunitário de memória dos terreiros de Varginha, na Fundação Cultural, destinado a reunir documentos, fotografias, gravações e depoimentos, constituindo um repositório coletivo que preserva e valoriza a história local.

Por fim, indica-se a elaboração de uma Cartilha Educativa, disponibilizada online e também em formato impresso, a ser distribuída nas ações de Educação Patrimonial, contribuindo para ampliar o conhecimento público e fortalecer a salvaguarda das tradições afro-brasileiras no município.

4. Educação, Preservação Ambiental e Relações com a Natureza

A natureza ocupa um lugar central e sagrado nas religiões de matriz africana, sendo compreendida como fonte de força vital, cura e equilíbrio espiritual. A relação com os elementos naturais — as matas, as águas, as pedras e os ventos — integra a cosmologia dessas tradições e orienta práticas rituais que dependem do respeito e da preservação do meio ambiente. Com base nessa compreensão, este eixo reúne ações destinadas a fortalecer a sustentabilidade das práticas religiosas e o cuidado com os territórios naturais utilizados pelos terreiros.

Como medida de salvaguarda, podem ser desenvolvidas campanhas de educação ambiental voltadas às comunidades religiosas, incentivando o uso consciente dos recursos naturais, o manejo adequado de espécies vegetais e o descarte responsável de oferendas e ebós. Essas ações contribuem para alinhar tradição e preservação ambiental, promovendo práticas rituais que respeitem os ecossistemas locais.

Além disso, o eixo estimula o diálogo permanente entre as lideranças religiosas e as instituições ambientais, visando à construção de políticas conjuntas para a proteção das matas, cachoeiras e nascentes. A cooperação entre esses setores fortalece a salvaguarda dos espaços naturais que sustentam a vida religiosa e garante que esses ambientes sejam preservados de forma contínua e compartilhada.

8.3 Cronograma gráfico, com previsão para um período de 10 (dez) anos, para o desenvolvimento das ações de proteção e salvaguarda.

Ações	2025		2026		2027		2028		2029		2030	
	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem
1. Combate à Intolerância Religiosa, reconhecimento Público e Difusão do bem cultural												
2. Fortalecimento Institucional e Legalização												
3. Editais de fomento específicos												
4. Educação Patrimonial: Preservação dos Saberes, Oralidade e Patrimônio Imaterial												
5. Educação, Proteção Ambiental e Relações com a Natureza												

Ações	2031		2032		2033		2034		2035		2036	
	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem	1º sem	2º sem
1. Combate à Intolerância Religiosa, Reconhecimento Público e Difusão do bem cultural												
2. Fortalecimento Institucional e Legalização												
3. Editais de fomento específicos												
4. Educação Patrimonial: Preservação dos Saberes, Oralidade e Patrimônio Imaterial												
5. Educação, Proteção Ambiental e Relações com a Natureza												

9. Referências bibliográficas e entrevistas

ALMEIDA, Aléxias Mendonça de. Concepção de Sujeito e formas de Subjetivação na Umbanda: narrativa e análise do desenvolvimento mediúnico de um babaquequerê / Aléxias Mendonça de Almeida – Alfenas, MG, 2022.

ALVARENGA, Marcos Júnior Santos de. O Candomblé Começa na Cozinha: Alimentação, Aprendizado e Transformação. Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 275-292, fev. 2019. ISSN 1983-7798. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/5718/3910>>. Acesso em: 27 out. 2025. doi: <http://dx.doi.org/10.18224/hab.v16i2.5718>.

ARAÚJO, Jefferson Dias de. **A Valorização de Terreiros de Matriz Africana ou Afro-Brasileiro: um debate jurídico acerca dos instrumentos de proteção no Brasil.** 300 fls. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2021.

COSTA, Hulda Silva Cedro da. Umbanda, uma religião sincrética e brasileira. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUCGoiás). Goiânia, 2013.

DA SILVA PARREIRA GAIA, R.; DA SILVA VITÓRIA, A. Orixás, Inquices e Voduns: as nomenclaturas e etnias dos sagrados nos Candomblés Ketu, Bantu e Jeje. Revista Calundu, [S. l.], v. 5, n. 1, 2021. DOI: 10.26512/revistacalundu.v5i1.29679. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/article/view/29679>. Acesso em: 27 out. 2025

DAIBERT, Robert. A religião dos bantos: novas leituras sobre o calundu no Brasil colonial. Estudos Históricos (Rio de Janeiro) [online]. 2015, v. 28, pp. 7-25. Disponível em: ISSN 2178-1494. <https://doi.org/10.1590/S0103-21862015000100002>. Acesso em: 27 out. 2025

FERREIRA DIAS, JOÃO, “A vida que sustenta a vida: o sacrifício e a alimentação no Candomblé”, Ajuda em Diálogos II, Lisboa, 2019.

IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) dos Lugares de Culto de Matrizes Afro-brasileiras no DF e Entorno**. Brasília, 2012.

LIGIÉRO, Zeca; DANDARA. *Iniciação à Umbanda*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000

MACEDO, E. U. *Religiosidade popular brasileira colonial: um retrato sincrético*. Revista *Ágora*, [S. I.], n. 7, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. Sexta parte, p. 399-422

RABELO, Miriam C.M. 2014. *Enredos, Feituras e Modos de Cuidado*. *Dimensões da Vida e da Convivência no Candomblé*. Salvador: EDUFBA. 296 p. Campos 15(2):177-180, 2014

ROHDE, Bruno. *Umbanda, uma Religião que não Nasceu: Breves Considerações sobre uma Tendência Dominante na Interpretação do Universo Umbandista*. REVER - Revista de Estudos da Religião, 2009.

10. Entrevistas para o Inventário

Entrevista realizada com Ademilson da Silva, D.N: 20/01/77, filho de Carlos Roberto Vieira e Dulcineia da Silva Vieira dirigentes da Tenda Espírita Caboclo Sete Flexas, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Antônio Admircio Pedro, D.N.: 23/09/1962, dirigente da Tenda de Caridade da Cabocla Jandira e Caboclo Arranca Toco, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Antônio Admircio Pedro, dirigente da Tenda de Caridade da Cabocla Jandira e Caboclo Arranca Toco, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Aparecida Bistaffa Lima, a Doné Cida de Oiá, fundadora do Ilê Axé Oya Izo Ina, concedida a Danielle Guimarães em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Aysllan Fassio Andrade, atual responsável pela Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda, concedida a Danielle Guimarães em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Carlos Roberto Vieira e Dulcineia da Silva Vieira, dirigentes da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Claudenir Rodrigues Alves, D.N: 25/02/1967, dirigente do Templo de Umbanda Estrela Guia, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Cleusa Maria de Oliveira Gonçalves, uma das responsáveis pelo Candomblé na Casa Umbanda Ogum Sete Flechas, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Diego Henrique Mateus (Pai Diego de Ogum), responsável pela Casa Umbanda Ogum Sete Flechas, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Doralice Pereira Tristão, dirigente do Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Yansã e Pai José das Almas (TUTOIP), concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Doralice Pereira Tristão, Mãe Dora, responsável pelo Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Yansã e Pai José das Almas (TUTOIP), concedida a Danielle Guimarães em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Douglas Cristian dos Santos Tenório, O Pai Du, responsável pela Tenda Espírita Luz de Ogum, concedida a Cristiane Maria Magalhães, em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Fábio Domingueti e Ana Paula da Silva, dirigentes da Tenda Caboclo Mata Virgem Pai Joaquim de Aruanda, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Flávio Henrique da Silva Pereira, membro da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Gilson da Silva Duarte e Érica de Jesus Lopes Duarte, dirigentes do Ilê Asé Odé Dòlá, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com José Chaves Carvalho, do Centro Espírita Casa da Luz, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Kelly Cristina Silva dos Santos, membro da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Marcelo Albinati Ramos e sua esposa, Maria Sibéria Pelegrino Ramos, responsáveis pela Associação Centro Espírita Casa da Luz e Casa Caboclo Guaraci, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Maria da Dores Silva Alves (Doné Maria T' Agué), responsável pelo Ilê Asé Ewê Omí Agué, concedida a Danielle Guimarães em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Marlene Ferreira de Araújo, responsável pelo Ilê Oní Omi Axé, concedida a Danielle Guimarães em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Matheus Barra Francisco dos Reis, filho do dirigente da Tenda de Caridade da Cabocla Jandira e Caboclo Arranca Toco, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Maycon Bruno Ronipher Onofre, dirigente da Ilê Egbe Omo Ode Odara, concedida a Danielle Guimarães, em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Maycon Bruno Ronipher Onofre, DN: 18/11/1998, dirigente da Ilê Egbe Omo Ode Odara, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Natália Pereira Penha da Costa, membro da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Natanael Serafim Coelho, D.N: 23/12/1992, dirigente do Templo Espírita Caboclo Urubatã, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Natanael Serafim Coelho, dirigente do Templo Espírita Caboclo Urubatã, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Pai Evandro Henrique da Silva, dirigente da Tenda Espírita Caboclo Sete Flechas, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Pai Paulo Roberto Pereira Gomes, responsável Ilê Ashe Locy Ofa Odonirã (Casa do Segredo do Príncipe Caçador Guerreiro das águas) – Abassá de Logun Edé, concedida a Cristiane Maria Magalhães, em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Paulo Roberto da Silva, D.N: 15/06/1951, dirigente do Templo de Umbanda Águas de Oxalá, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Rafael Luiz da Silva Vieira, filho de Carlos Roberto Vieira e Dulcineia da Silva Vieira dirigentes da Tenda Espírita Caboclo Sete Flexas, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Rafaela Maura Cassimiro, membro da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Sandramar da Silva, membro da Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Gira Mundo, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

Entrevista realizada com Tatiana Andresa Tenório, conhecida como Mãe Tuti, responsável pela Casa Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro, concedida a Cristiane Maria Magalhães, em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Vagner da Costa, D.N.: 26/09/1990, dirigente do Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas, concedida a Jaíne Diniz em agosto de 2023.

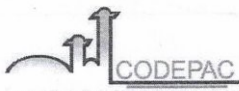
Entrevista realizada com Vagner da Costa, dirigente do Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Wallisson Luis dos Santos, responsável pelo Terreiro de Umbanda Caboclo Tupinambá, concedida a Danielle Guimarães em setembro de 2025.

Entrevista realizada com Yasmin Kelly Gonçalves de Carvalho, filha da fundadora e esposa do atual responsável pela Casa Umbanda Ogum Sete Flechas, concedida a Jaíne Diniz em setembro de 2025.

ATOS ADMINISTRATIVOS

11. Ata: cópia da ata de reunião do Conselho Municipal de Patrimônio Cultural


Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha
Praça Matheus Tavares, 121 - Centro - CEP: 37002-320

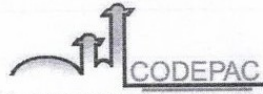
Ata da 248ª (ducentésima quadragésima oitava) reunião do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural – CODEPAC, realizada aos vinte e sete dias do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e cinco, às quinze horas e trinta minutos, em caráter ordinário, na sede da Fundação Cultural, situada à Praça Matheus Tavares, cento e vinte e um, nesta cidade de Varginha, Estado de Minas Gerais. Reuniram-se os membros do CODEPAC, regularmente convocados mediante correspondência eletrônica. Estabeleceu-se o *quorum* com a presença da Presidente do CODEPAC, Luziany Maria de Oliveira, Arquiteta e Urbanista; dos conselheiros efetivos; Beatriz de Brito Guimarães, Arquiteta e Urbanista; Jaara Alvarenga Cardoso Tavares, Bióloga da Secretaria de Meio Ambiente; e das conselheiras suplentes; Eliana Cristina Costa, Professora e Bibliotecária; Fabiane das Graças Carvalho, Arquiteta e Urbanista. Registramos a ausência devidamente justificada dos conselheiros efetivos: Everton Lourenço Lemes e José Manoel Magalhães Ferreira. Registramos também a presença da Arquiteta e Coordenadora Técnica do Patrimônio Cultural, Danielle de Souza Guimarães. A Presidente do CODEPAC deu início à abertura dos trabalhos e expôs os assuntos em pauta: **1º Assunto:** Apreciação e deliberação da 247ª Ata da sessão extraordinária de 23 de outubro de 2025. A Presidente fez a leitura da ata para os conselheiros presentes. **Deliberação:** Após leitura da referida ata, os conselheiros aprovaram o conteúdo por unanimidade. **2º Assunto:** Apreciação e deliberação da proposta de instalação de estátua em homenagem a Dom Pedro II na Praça Dom Pedro II. Dando continuidade aos trabalhos, a Presidente concedeu a palavra à conselheira-relatora Beatriz de Brito Guimarães, que procedeu à leitura do Parecer Técnico nº 003/2025 referente à proposta apresentada pelo Instituto Luso-Ítalo-Brasileiro para instalação de uma estátua em homenagem a Dom Pedro II na Praça Dom Pedro II (Jardim do Sapo), bem tombado pelo Município. A relatora informou que a proposta prevê escultura de 1,90 m em cimento, sobre pedestal de 30 cm, a ser instalada no referido logradouro. Após vistoria e análise técnica, verificou-se que a intervenção altera a ambiência, compromete a integridade visual do conjunto tombado, introduz elemento incompatível com o paisagismo histórico, e contraria as diretrizes do Dossiê de Tombamento e a legislação municipal vigente. Destacou, ainda, a ausência de comprovação de interesse e participação da comunidade. Diante dos elementos avaliados, a conselheira apresentou parecer pelo indeferimento do



pedido, por não atender às normas de proteção ao patrimônio cultural nem ao interesse coletivo. Conste-se que o presente parecer técnico foi encaminhado eletronicamente para apreciação prévia dos conselheiros. **Deliberação:** Após análise e discussão, o Conselho decidiu, por unanimidade, acompanhar integralmente o parecer da conselheira-relatora, ficando o pedido formalmente indeferido. **3º Assunto:** Apreciação e deliberação sobre a proposta de alteração do Cronograma de Medidas de Salvaguarda do Dossiê de Registro do Bem Cultural "Casos do ET de Varginha e Lugares Associados. A Presidente concedeu a palavra à técnica do Setor de Patrimônio Cultural, Danielle de Souza Guimarães, que apresentou a proposta. Informou que a complementação do dossiê enviada em 2024 foi aceita com ressalvas pelo IEPHA e que o recurso apresentado foi parcialmente acatado, mantendo-se as ressalvas. Em atendimento às orientações do Instituto, foi elaborado um novo Cronograma de Medidas de Salvaguarda, com prazo de execução de 10 anos (2025 a 2034), abrangendo o planejamento e desenvolvimento das ações de proteção do bem cultural. **Deliberação:** Após análise e discussão, o Conselho aprovou a alteração do Cronograma de Medidas de Salvaguarda, que será encaminhada como complementação ao processo de registro neste ano. **4º Assunto:** Discussão e deliberação sobre Revalidação das Folias de Reis como Patrimônio Cultural de Varginha. Dando sequência aos trabalhos, a Presidente colocou em pauta a Revalidação do Registro do bem imaterial "Folias de Reis de Varginha", em razão do decurso de 10 (dez) anos desde sua inscrição. Foi apresentado o Dossiê de Revalidação, elaborado pela empresa AME Cultura sob supervisão da Coordenadoria Técnica do Patrimônio Cultural, o qual evidencia a plena vitalidade da manifestação e sua importância cultural para o município. Em seguida, a conselheira-relatora Beatriz de Brito Guimarães procedeu à leitura do Parecer Técnico nº 001/2025, cuja recomendação foi pela aprovação da Revalidação, mantendo-se o número de inscrição no Livro de Celebrações. Registra-se que toda a documentação foi encaminhada eletronicamente aos conselheiros para apreciação prévia. **Deliberação:** Após discussão, o Conselho, de forma unânime e sem ressalvas, aprovou a revalidação do registro do bem imaterial "Folias de Reis de Varginha", da categoria Celebrações, conforme preconiza o art. 7º do Decreto nº 8.818/18. Ficou decidido também pela publicação de um Edital de Publicidade, para ampla ciência da



comunidade, bem como pela posterior averbação da presente decisão junto à inscrição no Livro de Registro respectivo. **5º Assunto:** Discussão e deliberação sobre o Registro dos Terreiros como Patrimônio Cultural de Varginha. Dando sequência, o Presidente colocou em Discussão e deliberação o Registro do bem imaterial "Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade". Foi lembrado que o pedido de registro partiu da Fundação Cultural de Varginha e que foi produzido, sob a supervisão da Coordenadoria Técnica do Patrimônio Cultural, o dossiê técnico que foi disponibilizado aos conselheiros. Foi então apresentado o Parecer Técnico nº 002/2025, da lavra da relatora Beatriz de Brito Guimarães, membro deste Conselho que, em apertada síntese, anotou o seguinte: que o pedido atende aos requisitos de legitimidade e admissibilidade insculpidos no Decreto nº 8.818/18; que o processo se encontrava devidamente instruído; sugeriu a dispensa do transcurso do prazo de 30 (trinta) dias para manifestação pelas razões que especifica; entendeu que o processo estava apto à discussão e deliberação do CODEPAC; no mérito, pugnou pela aprovação do registro do bem cultural. Colocado em discussão, os conselheiros apontaram a importância do bem cultural para Varginha e como importante manifestação e valorização da cultura afro-brasileira presente no município. **Deliberação:** Após a discussão, o Conselho, por unanimidade e sem ressalvas, deu procedência ao Parecer Técnico nº 002/2025 e aprovou o registro do bem imaterial "Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade", a ser inscrito nos Livros de Registro das Formas de Expressão e dos Lugares, nos termos do art. 2º, III e IV do Decreto Municipal nº 8.818/18. Na forma sugerida pelo parecer, ficou também decidida a publicação de um Edital de Publicidade, permitindo-se a qualquer interessado a manifestação quanto ao presente registro e sua juntada aos autos do processo, ser for o caso, bem como a comunicação ao Prefeito Municipal, requerendo-se a publicação de decreto de homologação, para posterior inscrição nos Livros de Registro respectivos. **6º Assunto:** Discussão e deliberação sobre minuta de projeto de lei que institui o Sistema Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural do Município de Varginha e dá outras providências. A pedido da Presidente, a técnica do Setor Municipal do Patrimônio Cultural, Danielle de Souza Guimarães, apresentou a minuta do Projeto de Lei que institui o Sistema Municipal de Proteção ao Patrimônio Cultural. Foi feita uma exposição geral acerca dos objetivos do projeto de lei, dos instrumentos




Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha
Praça Matheus Tavares, 121 - Centro - CEP: 37002-320

de proteção previstos e da estrutura de gestão do Sistema, envolvendo a Fundação Cultural, a COPAC e o CODEPAC, além dos mecanismos de acatamento, incentivos e sanções. Durante a discussão, o Setor de Patrimônio Cultural apontou artigos que podem demandar estudo mais aprofundado pelo Conselho, em razão de possíveis conflitos de interpretação e aplicação. Registra-se que a presente documentação do projeto de lei foi encaminhada eletronicamente para apreciação prévia dos conselheiros. **Deliberação:** Após discussão, e considerando a necessidade de análise mais detalhada da matéria, o Conselho decidiu suspender a pauta, a fim de exarar avaliação pormenorizada da minuta antes de deliberar. A Presidente encerrou oficialmente a reunião às dezesseis horas e cinquenta minutos. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim....., Jaara Alvarenga Cardoso Tavares, Secretária do CODEPAC, que a redigiu e lavrou; pela Presidente que presidiu os trabalhos e pelos que estiveram presentes na qualidade de conselheiros na reunião.

Luziany Maria de Oliveira.....
Beatriz de Brito Guimarães.....
Jaara Alvarenga Cardoso Tavares.....
Eliana Cristina Costa.....
Fabiane das Graças Carvalho.....

12. Parecer do CODEPAC

 <p>Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha</p>	<p>PROC 17100 DATA 01/12/25 ASS. <i>Maria</i></p> <p>PARECER TÉCNICO 002/2025</p>
---	--

Varginha, MG, 06 de novembro de 2025.

Ref. Registro dos “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade” como Patrimônio Cultural de Varginha

O CONSELHO DELIBERATIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VARGINHA – CODEPAC, representado pela relatora Beatriz de Brito Guimarães, vem através deste submeter ao plenário o presente PARECER, de que trata o art. 4º, § 4º do Decreto Municipal nº 8.818/18, acerca do Registro do Bem imaterial “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”, para discussão e deliberação, pelas razões de fato e de direito que passa a expor.

1 – DO PEDIDO DE REGISTRO

1.1 - O pedido de registro de bem imaterial relacionado às manifestações relacionadas aos terreiros no Município de Varginha, surgiu a partir das ações de reconhecimento e valorização dos espaços sagrados e territórios de axé, iniciadas em 2022 pela Fundação Cultural, quando o município aderiu ao Cadastro de Identificação dos Espaços Sagrados lançado pelo Governo de Minas Gerais, cadastrando oito terreiros locais. Nos anos seguintes, a Fundação Cultural ampliou essa iniciativa por meio do inventário participativo de dez terreiros e de atividades de educação patrimonial voltadas à valorização das religiões de matriz africana. Em 2025, diante da importância social e espiritual desses espaços e da necessidade de consolidar políticas públicas de proteção, foi iniciado o Mapeamento Municipal dos Terreiros de Varginha, passo fundamental para o registro do bem imaterial “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”, que busca garantir visibilidade, respeito e salvaguarda às tradições afro-brasileiras na cidade.


1.3 - Assim sendo, o pedido preenche os requisitos de legitimidade, dispostos no art. 3º, I e de admissibilidade, previstos no art. 4º, *caput*, ambos do Decreto Municipal nº 8.818/18, que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio Cultural do Município de Varginha.

1.4 - Pelo exposto, deve o pedido ser recebido.

2 – DA INSTRUÇÃO

2.1 - Os estudos técnicos apresentados não decorreram de deliberação específica do CODEPAC, mas resultam das ações continuadas de reconhecimento e valorização dos terreiros no Município, iniciadas em 2022 pela Fundação Cultural. Nesse período, foram realizados levantamentos, atividades de educação patrimonial e o Inventário Participativo das Casas de Matriz Afro-Religiosa, **aprovado por este Conselho**, o que fundamentou a consolidação dos dados necessários à instrução do pedido de registro ora apreciado.

Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha
Praça Matheus Tavares, 121 – Centro – CEP.: 37002-320 - Varginha - MG
Tel: (35)3690-2718 E-mail: codepac@fundacaoculturaldevarginha.com.br

 <p>Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha</p>	<p>FLS.: 05 PROC 17100 DATA 07/12/25 ASS. <i>Maria</i></p> <p>PARECER TÉCNICO 002/2025</p>
---	---

2.2 - Tais estudos foram supervisionados pela Coordenadoria Técnica do Patrimônio Cultural da Fundação Cultural de Varginha, nos termos do art. 4º, § 1º do Decreto Municipal nº 8.818/18. Para a elaboração dos serviços técnicos especializados foi contratada a empresa AME Cultura (Agência Mineira de Entretenimento Ltda), que produziu um dossiê técnico, que segue em anexo ao parecer.

2.3 - Referido dossiê técnico é composto por: *introdução; histórico do bem cultural; descrição detalhada do bem cultural; entrevistas com os detentores; motivações para o Registro; anuência e envolvimento da comunidade; documentação fotográfica; mídia e divulgação; Plano de Salvaguarda e Diagnóstico do bem cultural no ato de Registro; referências bibliográficas e Ficha Técnica.*

2.4 - Da análise do dossiê técnico, constatamos que foram observados os requisitos constantes dos §§ 2º e 3º do Decreto Municipal nº 8.818/18, pelo que entendemos que se encontra a instrução finalizada.

2.5 - Tendo em vista a efetiva participação dos detentores do bem cultural em todas as etapas do processo de instrução, destacadamente através de manifestações expressas de anuência ao pedido de Registro, entendemos desnecessária a publicação do presente parecer e o transcurso do prazo de 30 (trinta) dias, previstos no § 4º do Decreto Municipal nº 8.818/18, em atendimento aos princípios da economia processual e razoável duração do processo, pelo que sugerimos que seja dispensada. Não obstante, sugerimos a publicação de Edital de Publicidade de eventual decisão de aprovação do Registro, permitindo-se a eventuais interessados, da sociedade em geral, que se manifestem, juntando-se aos autos do processo administrativo.

2.6 - Pelo exposto, entendemos que o pedido de Registro, ora em análise, está apto à discussão e deliberação definitiva pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha (CODEPAC).


3 – DO MÉRITO

3.1 - Preliminarmente, importante ressaltar que em 2022 o Governo de Minas Gerais lançou o Cadastro de Identificação dos Espaços Sagrados, Territórios de Axé e Fé, como parte do Mapeamento dos Povos e Comunidades de Terreiro de Minas Gerais. Nesse mesmo ano, Varginha aderiu à iniciativa estadual, cadastrando oito terreiros situados no município, em ação conjunta entre a Fundação Cultural e representantes das comunidades de matriz africana. Diante da relevância das religiões do povo de santo em Varginha e da necessidade de consolidar políticas públicas de reconhecimento e proteção, a Fundação Cultural iniciou, em 2025, o Mapeamento Municipal dos Terreiros de Varginha, com o objetivo de subsidiar a construção de instrumentos de salvaguarda específicos para esses territórios tradicionais.

3.2- As religiões de matriz africana, especialmente em Varginha, são sistemas simbólicos dinâmicos, cuja força reside na capacidade de adaptação sem ruptura com a ancestralidade. Ao contrário das religiões ocidentais, marcadas por dualismos e pela normatização moral, os cultos afro-brasileiros sustentam uma cosmologia integradora, em que o sagrado e o profano coexistem em equilíbrio. A ética que os orienta baseia-se na reciprocidade, na preservação da vida e no respeito às forças naturais, afastando-se de qualquer lógica punitiva. Assim, o terreiro se configura como espaço de acolhimento e cura simbólica.

Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha
Praça Matheus Tavares, 121 – Centro – CEP.: 37002-320 - Varginha - MG
Tel: (35)3690-2718 E-mail.: codepac@fundacaoculturaldevarginha.com.br

DOSSIÊ DE REGISTRO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL
TERREIROS DE VARGINHA

 <p>Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha</p>	<p>FLS.: 06 PROC 17100 DATA 07/12/25 ASS. <i>Mbrui</i></p> <p>PARECER TÉCNICO 002/2025</p>
---	---

onde o sofrimento é entendido como parte de um processo de aprendizado e fortalecimento, e não como castigo.

3.3 - Os pais e mães de santo assumem papel central como guardiões da tradição e mediadores do cuidado coletivo. Sua autoridade se funda na experiência, na dedicação e na transmissão oral do saber ancestral, formando uma pedagogia do axé e da responsabilidade. A hierarquia do terreiro é sustentada pelo respeito aos mais velhos e pela legitimidade espiritual conquistada ao longo do tempo. Desse modo, o terreiro se afirma como espaço de resistência cultural e de reconstrução de subjetividades, em que a vulnerabilidade se transforma em potência e a tradição se renova pela prática viva do cuidado e da coletividade.

3.4 - O Registro buscou o reconhecimento e documentação dos terreiros enquanto patrimônio cultural imaterial, mas também o fortalecimento das identidades afro-brasileiras e para a promoção do respeito à diversidade religiosa e cultural de Varginha.

3.6 - Por seus valores históricos, culturais, como expressão da cultura e da arte dos saberes afrobrasileiros é que o bem “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”, deve ser Registrado como Patrimônio Cultural de Varginha.

4 - ENCAMINHAMENTOS

4.1 - Pelo exposto, encaminhamos ao plenário do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha (CODEPAC) o presente parecer, sugerindo o seguinte:

a) que seja o pedido recebido e o respectivo processo instaurado, atuando-se junto com toda a instrução apresentada, dispensando-se a publicação do presente parecer para manifestações;

b) a aprovação do Registro do Bem Cultural Imaterial “Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade”, a ser inscrito nos Livros de Registro das Formas de Expressão e dos Lugares, nos termos do art. 2º, III e IV do Decreto Municipal nº 8.818/18;

c) em caso de aprovação, que seja publicado edital para conhecimento e possibilidade de outras manifestações de terceiros;

d) em caso de aprovação, que seja a decisão comunicada ao Exmo. Prefeito Municipal para publicação de decreto de homologação, para posterior inscrição nos Livros de registro respectivos.

Esse é o parecer que, salvo melhor juízo, apresentamos a Vossas Senhorias.


Beatriz de Brito Guimarães
Conselheira do CODEPAC

Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha
Praça Matheus Tavares, 121 – Centro – CEP.: 37002-320 - Varginha - MG
Tel: (35)3690-2718 E-mail.: codepac@fundacaoculturaldevarginha.com.br

13. Homologação do registro

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

1

DECRETO N° 12.531, DE 20 DE JANEIRO DE 2026.

HOMOLOGA O REGISTRO DO BEM IMATERIAL "TERREIROS DE VARGINHA: LUGARES DE FÉ, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE" E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O Prefeito do Município de Varginha/MG, no uso das atribuições e nos termos do Decreto Municipal n° 8.818/2018, e;

CONSIDERANDO que a preservação dos valores históricos, antropológicos e sociológicos constitui fundamento essencial para a proteção da memória e da identidade coletiva;

CONSIDERANDO que as religiões de matriz africana, no âmbito do Município de Varginha, configuram sistemas simbólicos dinâmicos, pautados na ancestralidade, na integração entre o sagrado e o cotidiano e na prática comunitária do cuidado, reafirmando os terreiros como espaços de acolhimento, resistência cultural e fortalecimento identitário;

CONSIDERANDO que pais e mães de santo exercem papel central como guardiões da tradição e detentores de saberes transmitidos pela oralidade, cuja liderança se legitima pela experiência, dedicação e respeito à hierarquia própria dos terreiros;

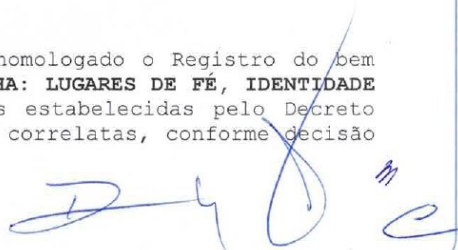
CONSIDERANDO que o processo de registro objetivou o reconhecimento, a documentação e a valorização dos terreiros do Município de Varginha/MG, enquanto patrimônio cultural imaterial, promovendo a salvaguarda de suas práticas e a garantia do respeito à diversidade religiosa e cultural;

CONSIDERANDO o teor do Processo Administrativo n° 17.100/2025, que comprova o cumprimento de todas as etapas previstas para a instrução e conclusão do procedimento de registro;

D E C R E T A :

Art. 1° Fica homologado o Registro do bem cultural imaterial "TERREIROS DE VARGINHA: LUGARES DE FÉ, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE", sujeito às proteções estabelecidas pelo Decreto Municipal n° 8.818/2018 e demais normas correlatas, conforme decisão

Decreto n° 12.531/2026



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

2


do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, tomada em sua 248ª (ducentésima quadragésima oitava) reunião, realizada no dia 27 de novembro de 2025.


Art. 2º O bem cultural imaterial "TERREIROS DE VARGINHA: LUGARES DE FÉ, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE" deverá ser inscrito nos Livros de Registro das Formas de Expressão e dos Lugares, nos termos do art. 2º, III e IV do Decreto Municipal nº 8.818/2018.


Art. 3º O bem cultural imaterial "TERREIROS DE VARGINHA: LUGARES DE FÉ, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE" deverá ser classificado como "Patrimônio Cultural de Varginha", nos termos do Parágrafo único do Art. 5º do Decreto Municipal nº 8.818/2018.

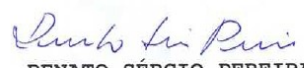
Art. 4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

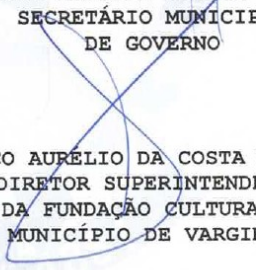
Prefeitura do Município de Varginha, 20 de janeiro de 2026.


LEONARDO VINHAS CIACCI
PREFEITO MUNICIPAL


ROBERTO CÉSAR DE LIMA RIBEIRO
SECRETÁRIO MUNICIPAL
DE ADMINISTRAÇÃO


CARLOS HONÓRIO OTTOMI JÚNIOR
SECRETÁRIO MUNICIPAL
DE GOVERNO


RENATO SÉRGIO PEREIRA
SUBPROCURADOR-GERAL
DO MUNICÍPIO


MARCO AURELIO DA COSTA BENFICA
DIRETOR SUPERINTENDENTE
DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO
MUNICÍPIO DE VARGINHA

Decreto nº 12.531/2026

14. Publicidade do Registro



**CONSELHO DELIBERATIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO
CULTURAL DE VARGINHA**

**EDITAL DE PUBLICIDADE DE APROVAÇÃO DE
REGISTRO DE BEM IMATERIAL**

**“TERREIROS DE VARGINHA: LUGARES DE FÉ, IDENTIDADE E
ANCESTRALIDADE”**

O Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – MG, através de sua Presidente Luziany Maria de Oliveira, **TORNA PÚBLICA A APROVAÇÃO DO PROCESSO DE REGISTRO DO BEM IMATERIAL “TERREIROS DE VARGINHA: LUGARES DE FÉ, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE”**, através da publicação do presente Edital, conforme decisão tomada em sua 248ª (ducentésima quadragésima oitava) reunião, no dia 27 de novembro de 2025, a ser inscrito nos Livros de Registro das Formas de Expressão e dos Lugares, nos termos do art. 2º, III e IV do Decreto Municipal nº 8.818/18.

Fica aberta a possibilidade de qualquer interessado se manifestar contrária ou favoravelmente à decisão, de forma expressa, no prazo de 30 (trinta) dias, juntando-se aos autos eventuais manifestações.

Varginha, MG, 28 de novembro de 2025.

Documento assinado digitalmente
gov.br LUZIANY MARIA DE OLIVEIRA
Data: 01/12/2025 11:44:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Luziany Maria de Oliveira
**Presidente do Conselho Deliberativo Municipal
do Patrimônio Cultural de Varginha/MG**



Edição nº 1688 | Varginha/MG, Segunda-feira, 01 de Dezembro de 2025

CLÁUSULA DÉCIMA – DA FISCALIZAÇÃO

10.1. Fiscal Técnico

10.1.1. A execução do contrato deverá ser acompanhada e fiscalizada pelo(s) fiscal(is), ou pelos respectivos substitutos (Lei nº 14.133, de 2021, art. 117, caput). A fiscalização da contratação deverá ser acompanhada pela Sra. Amanda Santos Oliveira ou Sra. Josimara Resende Serafim, nomeadas pela Portaria nº 058/2024.

ATRIBUIÇÕES DO GESTOR CONTRATUAL

A) A gestão contratual será realizada pela Sra. Josimara Resende Serafim, conforme estipulado na Portaria nº 058/2024.

Passará a ser:

CLÁUSULA DÉCIMA – DA FISCALIZAÇÃO

10.1. Fiscal Técnico

10.1.1. A execução do contrato deverá ser acompanhada e fiscalizada pelo(s) fiscal(is), ou pelos respectivos substitutos (Lei nº 14.133, de 2021, art. 117, caput). A fiscalização da contratação deverá ser acompanhada pela Sra. Larissa Ongaro Faria, nomeada pela Portaria nº 035/2025 ou pelas portarias que vierem a substituir essa durante a vigência do Contrato.

ATRIBUIÇÕES DO GESTOR CONTRATUAL

A) A gestão contratual será realizada pela Sra. Carla Bianca Pereira de Paiva, conforme estipulado na Portaria nº 035/2024 ou pelas portarias que vierem a substituir essa durante a vigência do Contrato.

Esta **APOSTILA** passa a ser parte integrante do referido processo.

Varginha, 27 de novembro de 2025

Rosana de Paiva Silva Moraes
Diretora Geral Hospitalar

FUNDAÇÃO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE VARGINHA/MG

EDITAIS

CONSELHO DELIBERATIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VARGINHA - EDITAL DE PUBLICIDADE DE APROVAÇÃO DE REVALIDAÇÃO DE REGISTRO DE BEM IMATERIAL

"FOLIAS DE REIS DE VARGINHA"
(CELEBRAÇÕES)

O **CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VARGINHA – MG**, representado por sua Presidente Luziany Maria de Oliveira, **TORNA PÚBLICA A APROVAÇÃO DA REVALIDAÇÃO DE REGISTRO DO BEM IMATERIAL "FOLIAS DE REIS DE VARGINHA"**, através da publicação do presente Edital, conforme decisão tomada na 248ª (ducentésima quadragésima oitava) reunião, no dia 27 de novembro de 2025, a ser averbada na Inscrição nº 01 do Livro de Registro Municipal, nos termos do art. 7º do Decreto nº 8.818/18.



PREFEITURA DE
VARGINHA

DIÁRIO OFICIAL

Edição nº 1688 | Varginha/MG, Segunda-feira, 01 de Dezembro de 2025

Varginha, MG, 28 de novembro de 2025.

Luziany Maria de Oliveira
Presidente do Conselho Deliberativo Municipal
do Patrimônio Cultural de Varginha/MG

CONSELHO DELIBERATIVO MUNICIPAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VARGINHA - EDITAL DE PUBLICIDADE DE APROVAÇÃO
DE REGISTRO DE BEM IMATERIAL

"TERREIROS DE VARGINHA: LUGARES DE FÉ, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE"

O Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha – MG, através de sua Presidente Luziany Maria de Oliveira, **TORNA PÚBLICA A APROVAÇÃO DO PROCESSO DE REGISTRO DO BEM IMATERIAL "TERREIROS DE VARGINHA: LUGARES DE FÉ, IDENTIDADE E ANCESTRALIDADE"**, através da publicação do presente Edital, conforme decisão tomada em sua 248ª (ducentésima quadragésima oitava) reunião, no dia 27 de novembro de 2025, a ser inscrito nos Livros de Registro das Formas de Expressão e dos Lugares, nos termos do art. 2º, III e IV do Decreto Municipal nº 8.818/18.

Fica aberta a possibilidade de qualquer interessado se manifestar contrária ou favoravelmente à decisão, de forma expressa, no prazo de 30 (trinta) dias, juntando-se aos autos eventuais manifestações.

Varginha, MG, 28 de novembro de 2025.

Luziany Maria de Oliveira
Presidente do Conselho Deliberativo Municipal
do Patrimônio Cultural de Varginha/MG

MUNICÍPIO DE VARGINHA: 18240119000105
Assinado por: MUNICÍPIO DE VARGINHA: 18240119000105
Data: 01/12/2025 15:17:24

15. Inscrição no Livro de Registro

79

Inscrição nº 02. "Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade".

O Bem Cultural "Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade", por seus valores históricos, culturais, como expressão da cultura e da arte dos saberes afrobrasileiros, manifestando-se de forma contínua, no município, desde a década de 1960, teve seu Registro aprovado, conforme decisão do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, em sua 248ª (duzentésima quadragésima oitava) Reunião, de 27 de Novembro de 2025, homologada pelo Decreto Municipal nº 12531/2026. Fica, portanto, inscrito neste Livro de Registro dos Lugares, sob nº 02, Processo Administrativo 17.100/2025, e sujeito à proteção especial de acordo com o Decreto Municipal nº 8.818/2018, que institui o Registro de Bens Culturais de natureza Imaterial no âmbito do município de Varginha/MS, sendo classificado como Patrimônio Cultural de Varginha". Os terreiros identificados no registro foram: Templo Espírita Caboclo Unhatoá; Ilê Ashe Wacy Ofi Dobnira - Centro Espírita de Candomblé Abassá de Logun Ede; Associação Centro Espírita Casa da Luz e Casa Caboclo Guaraci; Tenda Espírita de Umbanda Caboclo Sete Flechas; Templo de Umbanda Águas de Oxalá; Casa de Umbanda Ogum Sete Espadas; Tenda Espírita Caboclo Sete Flechas; Tutop (Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Iansã e Pai José das Almas) - Casa da Mãe Jora; Tenda de Candomblé Cabocla Jandira e Cabocla Arrafoa Toco - Associação Fé e Caridade; Tenda Espírita Caboclo Mãe Virgem Pei Joaquim de Aruanda; Casa da Mãe Soneida de Xangô; Templo de Umbanda Estrela Guia; Egbe Omo Odé Odara - Casa do Pai Bruno; Centro Espírita Caboclo Girra Mundo; Templo Pai Joaquim do Cruzeiro das Almas.

Ilê Asé Ewê Omí Agué - Casa de Ossaym Ossaym;
Ilê Asé Dde Dôlá; Ilê Axé Oya Ina - Danc
Cida de Oya - Terreiro de Umbanda Caboclo Tupirambá;
Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda; Ilê Axé Oni
Omí - Rancho da Merua; Casa Aldeia Caboclo
Guarajara Juremaio; Terola Rainha Gigana e
Centro Espírita Caboclo Pena Branca.

Varginha, 20 de janeiro de 2026

Luiziany Maria de Oliveira
Presidente do Conselho Deliberativo Municipal
do Patrimônio Cultural de Varginha

80


Anotações / Avenções referentes à Inscrição nº 02
de fls 79

Anotação nº 01. Retificação de Nome no Livro de Registro
de Bem Cultural Imaterial

Aos vinte dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e seis (20/01/2006),
procedeu-se à retificação do nome do terreno, constante neste Livro
de Registro das Formas da Expressão, referente à Inscrição nº
02, às fls. 79, em decorrência de erro material, nos se-
quintes termos:

Onde se lê: Ilê Ase Ewê Omí Ague - Casa de Ossay m

leia-se: Ilê Ase Ewê Omí Ague - Casa de Ossay n.

A presente retificação restringe-se à correção formal
do nome do terreno, não alterando o conteúdo, o reconhe-
cimento ou os efeitos do Registro. Varginha, 20 de janei-
ro de 2006.  Luziany Maria de Oliveira, Presidente
do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de
Varginha.

Inscrição nº 03 - "Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade"

O Bem Cultural "Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade", por seus valores históricos, culturais, como expressão da cultura e da arte dos saberes afrobrasileiros, manifestando-se, de forma contínua, no município, desde a década de 1960, teve seu registro aprovado, conforme decisão do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, em sua 248ª (ducentésima quadragésima oitava) Reunião, de 27 de Novembro de 2025, homologada pelo Decreto Municipal 12.531/2026. Fica, portanto, inscrito neste Livro de Registro dos Lugares, digo, Formas de Expressão, sob o nº 03, Processo Administrativo nº 17.100/2025 e sujeito à proteção especial de acordo com o Decreto Municipal nº 8.818/2018, que instituiu o Registro de Bens Culturais de natureza imaterial no âmbito do Município de Varginha/MG, sendo classificado como "Patrimônio Cultural de Varginha. Os terreiros identificados no Registro foram: Templo Espírita Cabloco Urubaitá; Ilé Ashe Lucy Otonirã; Centro Espírita de Candomblé Abassá de Ogum Ede; Associação Centro Espírita Casa da Luz e Casa Cabloco Guaraci; Tenda Espírita Cabloco Sete Flechas; Templo de Umbanda Águas de Oxalaí; Casa de Umbanda Ogum Sete Espadas; Tenda Espírita Luz de Ogum; Centro Espírita São Francisco de Assis - Casa do Pai Kiko; Tenda Espírita de Umbanda Cabloco Sete Flechas; Tutóip (Templo Umbandista Trabalhadores de Ogum, Iansaí e Pai José das Almas) - Casa da Mãe Dera; Tenda de Caridade "Cabloco Jandira" e Cabloco Arranca Toco, digo, Cabloco Jandira - Associação Paz e Caridade; Tenda Espírita Cabloco Mãe Vingem Pai Joaquim de Aruanda; Casa da Mãe Soneida de

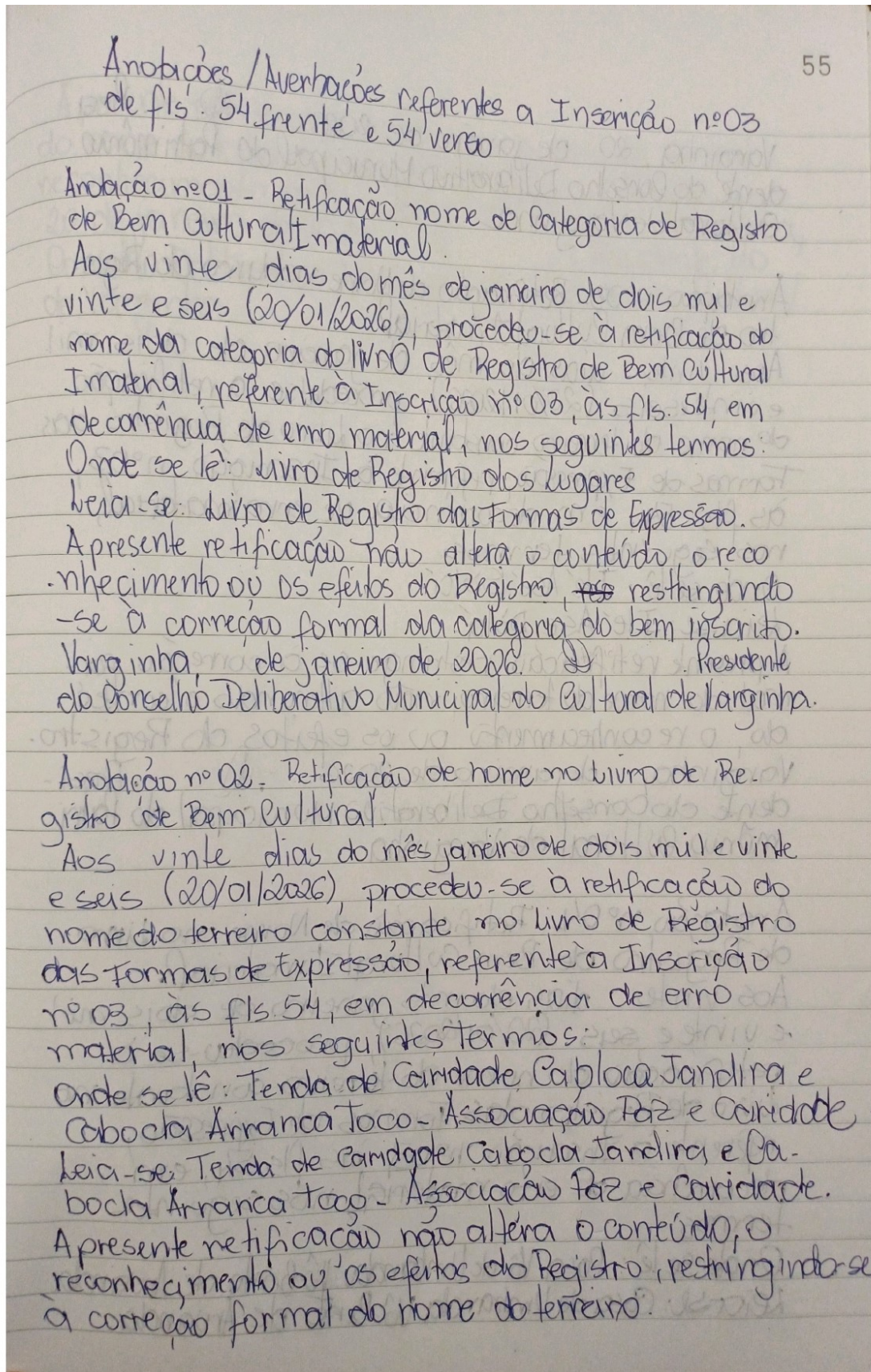
Xangô. Templo de Umbanda Estrela Guia; Egbe Omo Ode Odara - Casa do Pai Bruno. Centro Espirita de Umbanda Caboclo Gira Mundo; Templo Pai Joa- quim do Cruzeiro das Almas; Ilê Axé Ewe Omi Aque - Casa de Ossayn; Ilê Axé Ode ~~Está~~, digo, Dô la; Ilê Axé Oya Izo Ina - Dona Cida de Oya; Terreiro de Umbanda Caboclo Tupinambá; Casa do digo, de Umbanda Vô Bento de Aruánda; Ilê Axé Omi Omi - Rancho da Menina; Casa Aldeia Caboclo Guarajara Juremeiro; Terêda Rainha cigana e Centro Espirita Caboclo Pena Branca.

Varginha, 20 de janeiro de 2026.

Luziany Maria de Oliveira

Luziany Maria de Oliveira

Presidente do Conselho Deliberativo Muni-
cipal do Patrimônio Cultural de
Varginha



Varginha, 20 de janeiro de 2026. D. Presidente do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha.

Anotação nº 03 - Retificação de Nome no Livro de Registro de Bem Cultural Imaterial

Aos vinte dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e seis (20/01/2026), procedeu-se à retificação do nome do terreiro constante no Livro de Registro das Formas de Expressão, referente à Inscrição nº 03, às fls. 54, em decorrência de erro material, nos seguintes termos:


Onde se lê: Ilé Ase Dôlá
leia-se: Ilé Ase Dôlá.

A presente retificação restringe-se à correção formal do nome do terreiro, não alterando o conteúdo, o reconhecimento ou os efeitos do Registro. Varginha, de janeiro de 2026. D. Presidente do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha.

Anotação nº 04 - Retificação de Nome no Livro de Registro de Bem Cultural Imaterial.

Aos vinte dias do mês de janeiro de dois mil e vinte e seis (20/01/2026), procedeu-se à retificação do nome do terreiro constante no Livro de Registro das Formas de Expressão, referente à Inscrição nº 03, às fls. 54, em decorrência de erro material, nos seguintes termos:

Onde se lê: Casa Vô de Umbanda Vô Bento de Aruanda
leia-se: Casa de Umbanda Vô Bento de Aruanda.

A presente retificação restringe-se à correção formal do nome do terreno, não alterando o conteúdo, o reconhecimento ou os efeitos do Registro. Varginha, 20 de janeiro de 2026.  Presidente do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha.

16. Ficha Técnica do Dossiê de Registro Terreiros de Varginha: lugares de fé, identidade e ancestralidade

Agência Mineira de Entretenimento Ltda



Rua Olímpio Pereira, nº. 291, Centro | CEP: 37750-000 | Machado-MG | Tel.: (35) 3295-1544 www.amecultura.com.br | diretoria@amecultura.com.br
Representante legal: Platinny Dias de Paiva

Município de Varginha



Prefeito: Leonardo Vinhas Ciacci
Fundação Cultural do Município de Varginha: Marco Aurélio da Costa Benfica
Setor responsável: Coordenadoria Técnica do Patrimônio Cultural
Responsável: Danielle de Souza Guimarães
Praça Matheus Tavares, 121 | Bairro: Centro | CEP: 37002-320 |
Tel.: (35) 3690-2718 | e-mail:patrimoniocultural@fundacaoculturaldevarginha.com.br

Execução:

Levantamento e Elaboração – junho a outubro de 2025: Cristiane Maria Magalhães (Historiadora) / Aléxias Mendonça de Almeida (Cientista Social) / Jaíne Diniz (Historiadora) / Danielle de Souza Guimarães (Arquiteta e Urbanista, responsável pelo Setor) Lorrana Negretti Ferreira (Engenheira Civil) / Platinny Dias de Paiva (Advogado).

Revisão e Finalização – novembro e dezembro de 2025: Danielle de Souza Guimarães (Arquiteta e Urbanista, responsável pelo Setor) / Agência Mineira de Entretenimento Ltda.

Cristiane Maria Magalhães

Lorrana Negretti Ferreira

Danielle de Souza Guimarães

Agência Mineira de Entretenimento Ltda
Platinny Dias de Paiva

